

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO PONTAL
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

LETÍCIA FRANCO DE OLIVEIRA

O LUGAR DA VELHICE: Um estudo acerca das vivências e representações socioespaciais
em uma instituição de longa permanência (ILPI) de Minas Gerais

**ITUIUTABA-MG
2018**

LETÍCIA FRANCO DE OLIVEIRA

O LUGAR DA VELHICE: Um estudo acerca das vivências e representações socioespaciais em uma instituição de longa permanência (ILPI) de Minas Gerais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal – Área de Concentração: Produção do espaço e dinâmicas ambientais, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Produção do espaço rural e urbano.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Gomes Enoque

ITUIUTABA-MG
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48L
2018 Oliveira, Leticia Franco de, 1993-
 O lugar da velhice : um estudo acerca das vivências e representações
 socioespaciais em uma instituição de longa permanência (ILPI) de Minas
 Gerais / Leticia Franco de Oliveira. - 2018.
 130 f. : il.

 Orientador: Alessandro Gomes Enoque.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal.
 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.934>
 Inclui bibliografia.

 1. Geografia - Teses. 2. Idosos - Assistência de longa duração -
 Teses. 3. Representações sociais - Teses. I. Enoque, Alessandro Gomes.
 II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
 Geografia do Pontal. III. Título.

CDU: 910.1



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO PONTAL



Ata da defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia.

Defesa de: Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 17, PPGEP.

Data: 21 de fevereiro de 2018 Hora início: 14:00H Hora encerramento: 16:02H

Discente: Letícia Franco de Oliveira – matrícula 21612GEO013

Título do Trabalho: O lugar da velhice: Um estudo acerca das vivências e representações em uma instituição de longa permanência (ILPI) de Minas Gerais.

Área de concentração: Produção do espaço e dinâmicas ambientais.

Linha de pesquisa: Produção do espaço rural e urbano.

Projeto de Pesquisa de vinculação: Dinâmicas territoriais e produção do espaço

Reuniu-se no Auditório III - Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, assim composta: Professores Doutores: Antônio de Oliveira Junior – FACIP/UFU; Larissa Guimarães Martins Abrão – UEMG/MG; e Alessandro Gomes Enoque – FACIP/UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

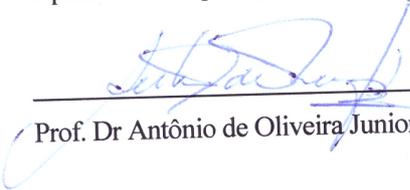
Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa Dr. Alessandro Gomes Enoque apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

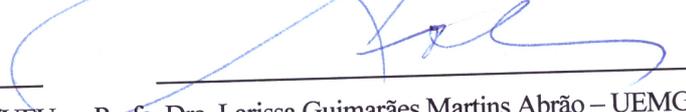
A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinador(a)s, que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu os conceitos finais.

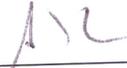
Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o(a) candidato(a) A provado(a).

Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos às 16 horas e 02 minutos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.


Prof. Dr. Antônio de Oliveira Junior - FACIP/UFU


Profa. Dra. Larissa Guimarães Martins Abrão – UEMG


Prof. Dr. Alessandro Gomes Enoque - FACIP/UFU
Orientador(a)

Dedico aos meus pais, José Marques e Joana, pelo amor, carinho e apoio.

AGRADECIMENTO

Destino essa página para dizer sobre gratidão, pensava que iria escrever pouquíssimas palavras, mas, foram tantos momentos com pessoas que merecem saber a gratidão que tenho por elas. No final do ano de 2017 perdi uma pessoa especial na minha vida que me ajudou durante todo o período do mestrado e não tive a oportunidade de dizer à gratidão que tenho por ela. Por isso, o texto será logo, pois, quero marcar a gratidão que tenho pelas pessoas que contribuíram durante este período. Primeiro, minha gratidão por Deus. Por sempre me dar forças para conseguir tudo que eu sonho, além de, sempre me apresentar pessoas que somam na minha vida. Não sei dizer o quanto sou grata a Deus. Depois de Deus na minha vida é a minha família, em especial, minha mãe. Digo minha mãe porque ela sempre custeou meus estudos, mesmo com todos os apertos que a vida proporcionou ela conseguiu me ajudar e me incentivar da maneira dela. Em seguida, meu pai, eu sou muito grata a ele porque foi através dele que consegui ter um pouquinho de humildade para enfrentar os problemas do dia a dia e inclusive da pós-graduação. A minha irmã por sempre acompanhar meu crescimento e se fazer presente na minha vida. Gostaria de manifestar minha gratidão pela minha amiga Jessica, que me incentivou e me incentiva sempre, se não fosse por ela nada disso teria acontecido, muito obrigada pelas palavras de apoio e por sempre ter me ouvido quando precisava. Ao meu companheiro Vinicius por sempre acreditar em mim quando nem eu acreditava mais, muito obrigada por sempre me apoiar. Outra pessoa que não poderia deixar de agradecer é o professor Dr. Antônio pelas palavras às vezes duras, mas sinceras, foram elas que me motivaram na graduação e me motivam até hoje, muito obrigada por ter sido tão sincero e ter acrescentado na minha vida e na minha formação. Gostaria de agradecer também ao meu orientador Dr. Alessandro pelo conhecimento compartilhado comigo, pelas conversas e orientações que a mim foram concedidas, pela paciência que teve comigo durante todo o período do mestrado, pela frase “calma, se não deu certo e porque não chegou ao fim” e por ter me mostrado como seguir o caminho da pesquisa. E por fim, ao meu eterno e saudoso diretor Fausto (in memoriam) por todas as vezes que entendeu minhas ausências na escola, por sempre ter sido tão legal e bondoso comigo. Obrigada a todos.

“Há pouco, andava quase que como o voar de um beija flor. Com o tempo, vou manso, bem devagar. Bem há pouquinho, era o sol. E de repente, anoiteceu. Lembro-me que era ontem, bem recente; frescor, fragrância, textura de pêssegos recém-colhidos. Vieram passos, nergas, marcas bem marcadas. Me olhei, e vi que ali no espelho, era eu”.

(POLLO, 2008)

RESUMO

As instituições de longa permanência para idosos (ILPI) são locais coletivo que acolhe idosos que necessitam de moradia e cuidado em longo prazo. Neste sentido, este estudo teve como objetivo analisar as representações sociais do lugar de uma instituição de longa permanência nas perspectivas dos idosos e cuidadores. O estudo utilizou o método de pesquisa qualitativa. Para tanto foram realizadas quinze entrevistas com cuidadores e idosos de uma instituição de longa permanência em uma cidade do estado de Minas Gerais, no período de agosto a dezembro de 2017. Tais entrevistas foram transcritas gerando um total de 16 horas e 39 minutos gravadas. Como método de análise dos dados, foi utilizada no âmbito deste trabalho, a análise de conteúdo. Através das entrevistas podemos verificar que a percepção do lugar (ILPI) para cada idoso é subjetiva, sendo assim, suas vivências, pertencimentos, experiências e simbolismos vão de acordo com cada idosos e cuidadoras que vivenciam o espaço. Assim, com uma análise mais genérica podemos constatar que a ILPI se apresenta como um lugar de acolhimento, mas ao mesmo tempo como um lugar de reclusão. Através das vivências dos idosos na ILPI identificamos diversas sensações e sentimentos topofóbicos e topofílicos que são despertados nos internos e nas cuidadoras. Ao longo das entrevistas contatamos também representações nas vertentes da velhice e do cuidado. Podemos ratificar que os idosos veem a velhice como uma fase solidão e ausências (de contatos sociais e bens materiais) através desta ótica da velhice na perspectiva dos idosos verificamos que as cuidadoras sentem medo do futuro, digo, medo de envelhecer e se encontrarem na mesma posição que os idosos institucionalizados. Ao retratar sobre a perspectiva do cuidado conferimos que as cuidadoras sentem-se realizadas com seu trabalho, pois consideram como oportunidade para fazer o bem ao próximo e assim ter uma ascensão de satisfação íntima. Enquanto, a representação do cuidado para os idosos podemos identificar que os idosos são satisfeitos com os cuidados recebidos, alguns consideram como providência divina, enquanto outros idosos delineiam o cuidado na seara da relação de poder, estabelecendo a relação patrão/ empregado. Ainda no que diz respeito ao cuidado averiguamos o aspecto da familiaridade (projeção dos membros familiares) entre os idosos e as cuidadoras da instituição pesquisada. Enquanto as atribuições da territorialização dos idosos para a ILPI podemos constatar que a grande maioria dos idosos foram para a instituição por opção da família que alega não conseguir cuidar dos idosos devido a fluidez da rotina de vida. Diante disto, verificamos o abandono dos idosos por parte da família na instituição de longa permanência pesquisada.

Palavras chaves: Instituição de longa permanência para idosos, representação social, lugar, idosos, cuidadoras.

ABSTRACT

Long stay institutions for the elderly people (Nursing Homes) are places for people who need a house and need to be cared for in the long term. In this regard, this study aimed to analyse the social representations of a long stay institution in the angle of the elderly people and caretakers. This study has used qualitative research method based on phenomenology. For this purpose, 15 interviews with Elder people and caretakers of one long stay institution in a city in Minas Gerais state were carried out, from August to December 2017. Those interviews were transcribed resulting in 16 hours and 33 minutes recorded. As data analysis, it has been used content analysis in this paper. Through the interviews we could check that place perception of Nursing Homes for each elderly person is subjective, therefore, their livingness, feeling of belonging, experiences and symbolism are in accordance with each elderly person and each caretaker who experience that space. Then, after a general analysis we could check that Nursing Homes are places of embracement, but at the same time reclusion. Through livingness of elderly people in Nursing Homes various sensations and topophobia and topophilia feelings were aroused in the inmates and caretakers. During the interviews we could also observe representations in the aspect of old age and caring. We can verify that elderly people see old age as a loneliness phase and absences (social contacts and material possessions) and through this perspective of old age in the view of elderly people we have identified that caretakers feel scared of the future, meaning afraid of getting old and being in the same position of the elderly people in the institution. Depicting the perspective of caring we have checked that caretakers feel accomplished by their work done, because they consider it as an opportunity to do well to the others and that way to grow personal satisfaction. While the representation of care with the caring received, some elderly people consider it God's providence, others outline caring in relation to power, establishing the relation employer and employee. In addition to caring, we have investigated the familiarity aspect (projection of family members) among elderly people and caretakers from the Nursing Home researched. While the territorialization of attributions from elderly people to the Nursing Home, we could determine that a great number of elderly had been put in the institution by their families, which claimed not to be able to take care of them due to daily routine flow. In light of this, we have faced the abandon of elderly people by their families in the Nursing Home studied for this paper.

Keywords: Long stay institutions for the elderly people, social representation, place, elderly people, caretakers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	21
Objetivo Geral.....	21
Objetivo específicos.....	21
3 PRIMEIRO CAPÍTULO: TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL	22
4 SEGUNDO CAPÍTULO: O LUGAR ENQUANTO PALCO DE REPRESENTAÇÃO E VIVÊNCIAS	36
5 TERCEIRO CAPÍTULO: ASPECTO GERAL DO TRABALHADOR CARE CENTRADO NO CUIDADO COM O IDOSO	47
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
6.1.1 Objetos e sujeitos da pesquisa.....	63
6.1.2 Breve contexto histórico das ILPI'S no Brasil.....	64
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
7.1.1 A representação social do lugar nas perspectiva do idoso.....	67
7.1.2 A representação do cuidar na perspectiva do idoso.....	80
7.1.3 A representação social da velhice na perspectiva dos idosos.....	84
7.1.4 A representação do lugar na perspectiva das cuidadoras.....	87
7.1.5 A representação do cuidar na perspectiva das cuidadoras.....	99
7.1.6 A representação da velhice na perspectiva das cuidadoras.....	117
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
9 REFERÊNCIAS	127

LISTAS DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

GRÁFICOS

Gráfico 01: Taxa de fecundidade total, Brasil 2000 a 2015.....	13
Gráfico 02: Taxa bruta de mortalidade, Brasil 2000 a 2020.....	13
Gráfico 03: Taxa de natalidade (por 1000), Brasil 2000 a 2020.....	14
Gráfico 04: Faixa etária da população, Brasil (2016).....	15
Gráfico 05: Projeção da população do Brasil no período de 2000 a 2050.....	16
Gráfico 06: Caracterização por sexo da população com 60 anos ou mais, Brasil (2016).....	16

QUADRO

Quadro 01: Perfil das cuidadoras entrevistadas da instituição	64
Quadro 02: Perfil dos idosos entrevistados da instituição	64

LISTAS DE SIGLAS

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU- Organização das Nações Unidas
OMS- Organização Mundial da Saúde
PNI- Política Nacional do Idoso
ILPIs- Instituições de longa permanência para idosos
CBO- Classificação Brasileira de Ocupações

1- INTRODUÇÃO DA PESQUISA

1.1 - CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

O envelhecimento da população é um processo que vem se efetivando em alguns países. Assim, a expectativa de vida nos países desenvolvidos, atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 75 anos e a média nos países em processo de desenvolvimento é avaliada em 68 anos. Ainda, especificamente, no caso do Brasil, a expectativa de vida é de 72 anos.

Diante do processo de envelhecimento da população, surge a necessidade de se pensar em aspectos que envolvem toda a sociedade, já que esse aumento da expectativa de vida lhe acarreta consequências, pois gera novas necessidades sociais, econômicas e políticas.

Neste contexto, o Brasil é um dos países que vem sofrendo reformulações demográficas, que estão diretamente ligadas ao aumento da população idosa, que, por sua vez, está relacionado à diminuição das taxas de fecundidade¹, mortalidade² e natalidade³. Ademais, esta diminuição das respectivas taxas pode ser observada nos gráficos apresentados seguir.

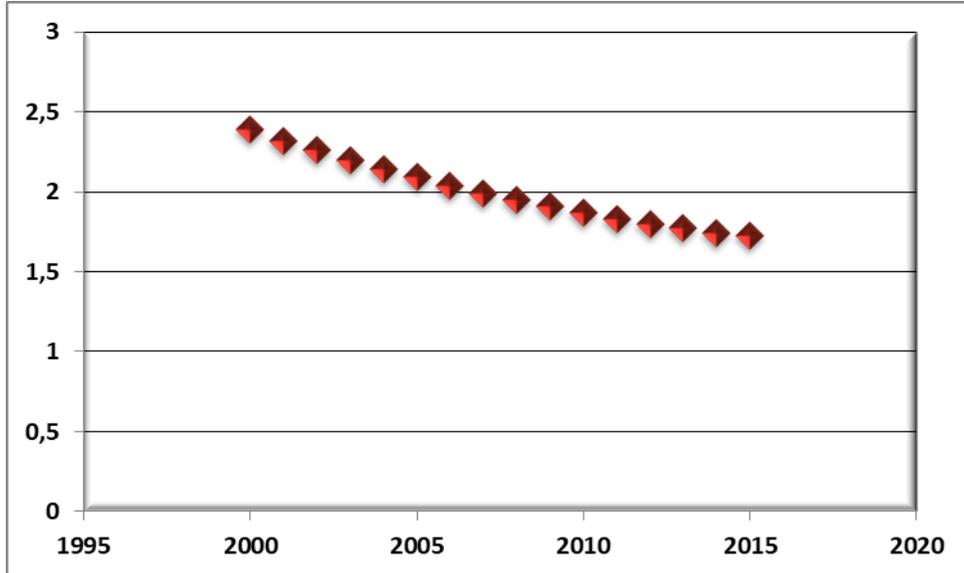
No gráfico (01) podemos observar uma queda em relação à taxa de fecundidade no Brasil: no ano 2000, a taxa de fecundidade era de 2,39 filhos por mulher, enquanto em 2015, a taxa estimada foi de 1,72 filhos por mulher. Logo, constata-se, a partir dos dados apresentados, que hoje as mulheres estão tendo menos filhos.

Outro fenômeno que interfere significativamente no processo de envelhecimento de uma população é a taxa de mortalidade. E, pode-se observar no gráfico (02), que as taxas de mortalidade do Brasil vêm diminuindo, consideravelmente, a cada ano.

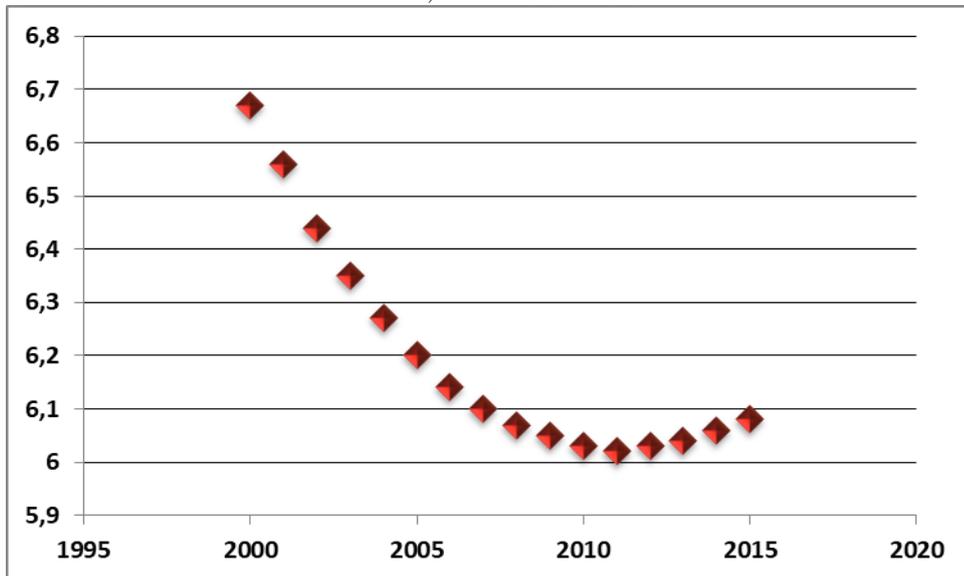
¹Taxa de fecundidade refere-se ao número médio de filhos nascidos vivos, tidos por mulher ao final do seu período reprodutivo, em determinado espaço geográfico.

² A taxa de mortalidade refere-se número total de óbitos, por mil habitantes.

³ Taxa de natalidade refere-se ao número de nascidos vivos, por mil habitantes.

Gráfico 01: Taxa de fecundidade total, Brasil 2000 a 2015

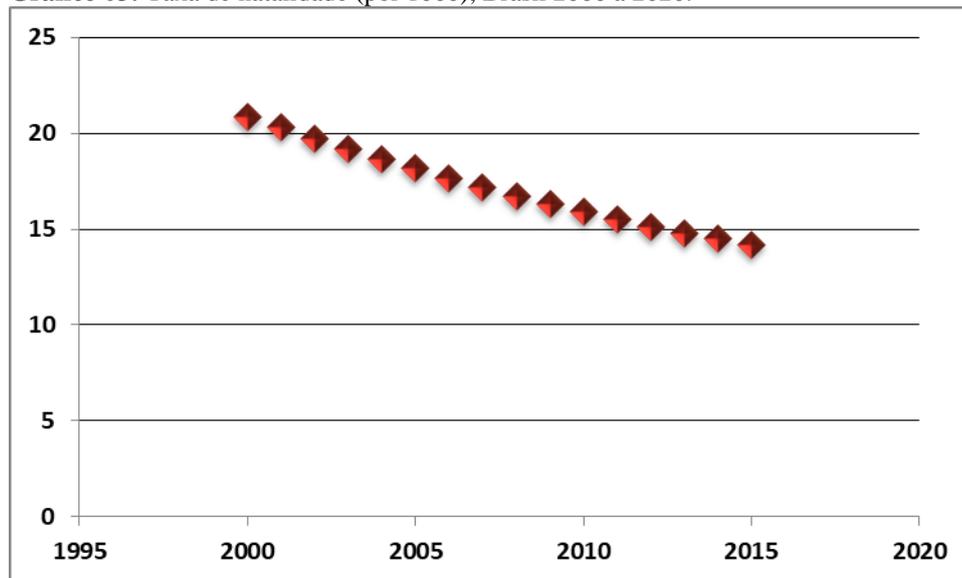
Fonte: IBGE. Org.: FRANCO, 2017.

Gráfico 02: Taxa bruta de mortalidade, Brasil 2000 a 2020.

Fonte: IBGE. Org.: FRANCO, 2017.

Observa-se, ainda, um declínio na taxa de mortalidade nos anos de 2000 a 2015, sendo que este ocorreu de maneira expressiva nos anos 2000 a 2007, enquanto nos anos seguintes a taxa de mortalidade se manteve, basicamente, estável.

Os dados demográficos, no Brasil, ainda apresentam uma expressiva queda na taxa de natalidade, conforme pode ser observado no gráfico (03).

Gráfico 03: Taxa de natalidade (por 1000), Brasil 2000 a 2020.

Fonte: IBGE. Org.: FRANCO, 2017.

Segundo informações apresentadas no gráfico, no ano 2000 a taxa de nascimento era de 20,86, mas foi diminuindo expressivamente ao longo dos anos até chegar em 2015 com 14,16.

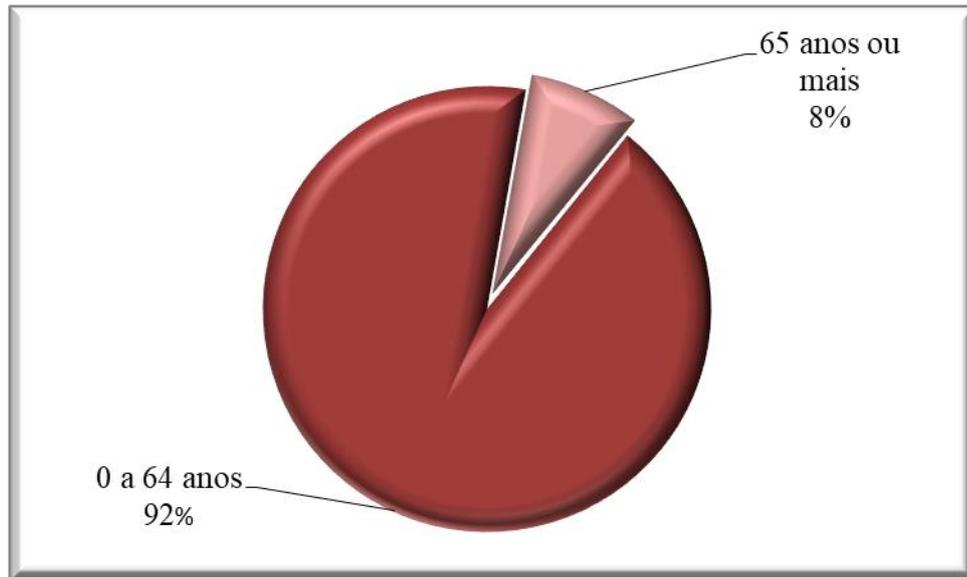
Os declínios da taxa de fecundidade, mortalidade e natalidade no Brasil são expressivas e a diminuição das referidas taxas influencia diretamente no processo de envelhecimento da população. Assim, Kalache (1987, p. 217) classifica que:

Os fatores determinantes do envelhecimento, a nível da população de um país, são, fundamentalmente, ditados pelo comportamento de suas taxas de fertilidade e, de modo menos importante, de suas taxas de mortalidade. Para que uma população envelheça, é necessário, primeiro, que haja uma queda da fertilidade; um menor ingresso de crianças na população faz com que a proporção de jovens, na mesma, diminua. Se, simultânea ou posteriormente, há também uma redução das taxas de mortalidade (fazendo com que a expectativa de vida da população, como um todo, torne-se maior), o processo de envelhecimento de tal população torna-se ainda mais acentuado.

Devido ao aumento do número da população idosa, hoje, o Brasil é classificado como um país em vias de envelhecimento (classificação registrada pela Organização das Nações Unidas (ONU)). E, os países que apresentam esta classificação, são países em que o índice da população idosa, com mais de 65 anos, apresentam taxa igual ou superior a 7%. No caso do Brasil⁴, a população idosa já caracteriza 8%, conforme apresenta o gráfico (04).

Gráfico 04: Faixa etária da população, Brasil (2016)

⁴ É importante salientar que a classificação da ONU refere-se à população com mais de 65 anos e visa classificar os países de acordo com os índices de envelhecimento. Portanto, essa análise não se refere à idade de classificação da pessoa idosa, que, no caso do Brasil, é igual ou superior a 60 anos.



Fonte: IBGE. Org.: FRANCO, 2017.

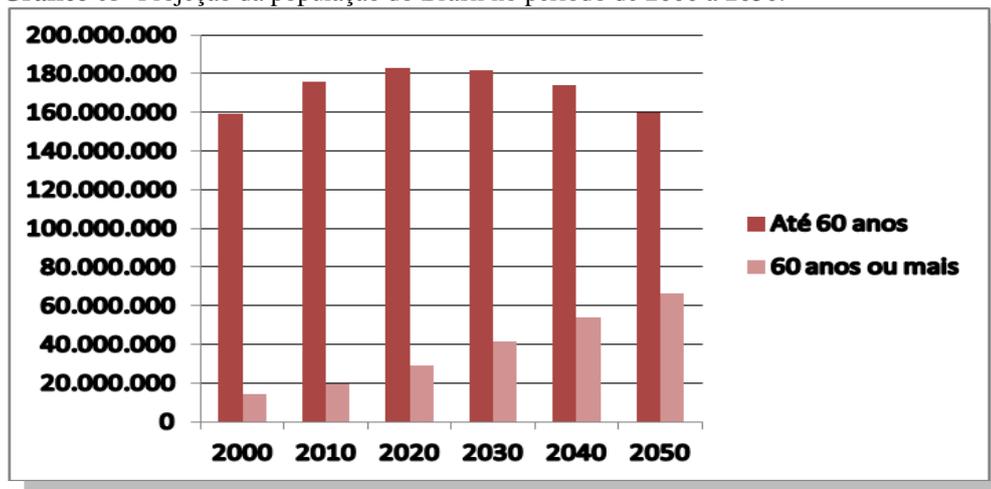
Até o ano de 2025, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil ocupará o sexto lugar do *ranking* de países com maior número de idosos. Devido a isso, surge uma preocupação, acerca da qualidade de vida dos idosos, que contempla diretamente um olhar panorâmico sobre as políticas públicas brasileiras, no que concerne aos idosos.

Deste modo, um planejamento, que envolva os aspectos sociais, econômicos e políticos, quanto à efetivação das políticas públicas no Brasil, voltado aos idosos, torna-se importante, já que “No Brasil, 36,5% das pessoas com mais de 50 anos apresentam algum tipo de incapacidade funcional ou dificuldades para realizar uma tarefa, seja atravessar a rua, subir escadas ou ouvir. [...]”. (BRASIL, 2012).

Sobre essas limitações, insta ressaltar que a OMS desenvolveu uma pesquisa, no ano 2000, que constatou que 85% dos idosos têm algum tipo de doença crônica e 20% dos idosos apresentam ter limitações funcionais.

E, em um estudo apresentado pelo IBGE, sobre a progressão da população idosa, percebe-se que o número de idosos irá triplicar até o ano de 2050, conforme demonstra o gráfico (05) sobre a projeção da população do Brasil no período de 2000 a 2050.

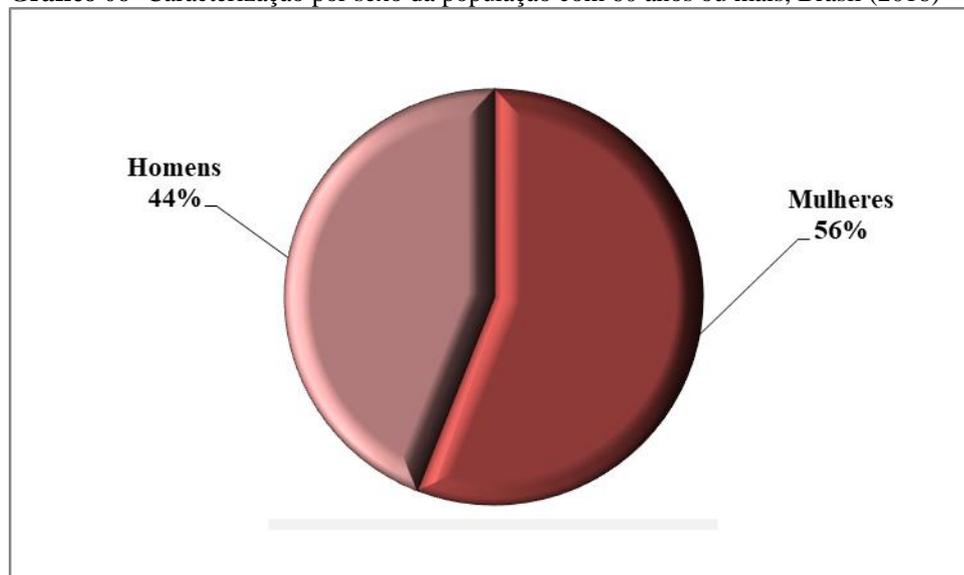
Gráfico 05- Projeção da população do Brasil no período de 2000 a 2050.



Fonte: IBGE. Org.: FRANCO, 2016.

Outro aspecto importante a analisar é a distribuição da população idosa por gênero, pois segundo o IBGE (2016), a maioria da população idosa é do sexo feminino, segundo pode ser observado no gráfico (06), que diz respeito a caracterização por sexo da população com 60 anos ou mais.

Gráfico 06- Caracterização por sexo da população com 60 anos ou mais, Brasil (2016)



Fonte: IBGE. Org.: FRANCO, 2016.

Em concordância com os dados ilustrados no gráfico (06), a população idosa feminina é classificada em 56%. Neste sentido, Kuchemann (2012, p. 166) esclarece acerca do contexto da feminização da população idosa, que segundo o autor:

Essa sobre-representação feminina resulta da maior expectativa de vida das mulheres que, em média, vivem 8 anos a mais que os homens. Dentre os fatores que concorrem para esse fenômeno, especialistas destacam as mortes violentas (assassinatos e acidentes), cujas vítimas, quando jovens e adultas, são homens em

mais de 90% dos casos e o acompanhamento médico contínuo maior entre as mulheres do que entre os homens ao longo de suas vidas.

Ainda sobre o cenário do envelhecimento no Brasil, é preciso avaliar o contexto do rendimento dos idosos, sendo que, de acordo com IBGE, no ano 2000, o rendimento médio do idoso foi de R\$657,00 (seiscentos e cinquenta e sete reais). Além do mais, os idosos, basicamente, vivem da renda da aposentadoria, que lhes é concedida pela previdência e cujo valor é calculado levando-se em consideração a idade e o tempo de contribuição.

Destarte, o aumento da população idosa se apresenta como uma vulnerabilidade social, já que a progressão da população não é acompanhada de políticas públicas, que respaldam os idosos. Sendo assim, o Brasil precisa repensar as suas políticas públicas, para que sejam elaboradas de forma a sustentar o crescimento da expectativa de vida do brasileiro.

Há um descompasso entre esse envelhecimento rápido da população e a implementação de políticas concretas, embora tenha havido um marco legal para defini-las, sem a esperada e necessária proatividade do poder público, assim acentuando-se a responsabilização da família e do próprio idoso por seu bem-estar. (FALEIROS, 2013, p.538).

Diante disso, verifica-se que as pessoas não estão preparadas para o processo de envelhecimento da população, pois não há intervenção efetiva do governo para criação de políticas, que visem à qualidade de vida dos idosos. Nesta perspectiva, em um estudo desenvolvido por Mendes et.al (2005) constatou-se que:

[...]a sociedade não está preparada para essa mudança no perfil populacional e, embora as pessoas estejam vivendo mais, a qualidade de vida não acompanha essa evolução. Dados do IBGE mostram que os idosos apresentam mais problemas de saúde que a população geral. Em 1999, dos 86,5 milhões de pessoas que referiram ter consultado um médico nos últimos 12 meses, 73,2% tinham mais de 65 anos, sendo que esse grupo, no ano anterior, apresentou 14,8 internações por 100 pessoas, representando o maior coeficiente de internação hospitalar. Mais da metade dos idosos (53,3%). (MENDES, 2005, p.423).

Devem-se abrir parênteses e até mesmo reforçar a não preparação da sociedade para o processo de envelhecimento. Mas, quando se reforça esse ponto, é importante detalhar que dentro dessa não preparação da população, encontra-se o sujeito que está caminhando no processo de envelhecimento. E, quando se ressalta esse sujeito, entra-se em uma vertente muito complicada, que leva a alguns pontos extremamente frágeis, e, um deles, são as raízes que o idoso constrói ao longo de sua vida; raízes essas, que passam a ser modificadas ou até mesmo destruídas bruscamente com a velhice.

Assim, Beauvoir (1990) concentra seus estudos na ruptura social do idoso, sendo que o autor considera que há uma mudança na vida do idoso, que é introduzida radicalmente e que

apresenta descontinuidade, porque “há ruptura com o passado; o homem deve adaptar-se a uma nova condição, que lhe traz certas vantagens (descanso), mas também graves desvantagens: empobrecimento, desqualificação”. (Beauvoir, 1990, p. 325).

E, dentre as vantagens e desvantagens sociais dos idosos, é preciso ressaltar a Política Nacional do Idoso (PNI⁵), criada em 1994, tendo como “objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Entretanto, o principal problema é que, no Brasil, nem sempre a situação social no idoso é obedece aos parâmetros ditados pela PNI.

Outro ponto, que chama a atenção na PNI e que remete a situação social, está na previsão do artigo 3º, inciso V, ao prescrever que “as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei”. (BRASIL, 1994).

A atenção ao artigo 3º deve-se ao fato do Brasil não possuir políticas públicas, que abrangem as contradições entre os meios urbano e rural e, além disso, não ter políticas voltadas para as desigualdades regionais.

Quando adentramos nas políticas de disparidades regionais, é preciso levar em consideração as dissemelhança que o Brasil apresenta devido à sua extensão, pois cada região apresenta um aspecto cultural, social, econômico, político e geográfico diferente. E, dentro destes contextos amplos de diversidade regional, encontra-se o idoso.

Em virtude dessa preocupação com a disparidade regional, que tem reflexos na qualidade de vida do idoso, Chaimowicz (1997) apresenta um resgate histórico, demonstrando a importância das políticas regionais, que visam amenizar as disparidades sociais causadas pelas regiões. De acordo com o autor:

A desigualdade com que se processa a queda da mortalidade em diferentes regiões e classes sociais no Brasil comprova a importância, ainda hoje, desta dinâmica de intervenção do Estado, em detrimento da real conquista de direitos sociais pela população. Se na região Sudeste a esperança de vida ao nascer aumentou 27 anos entre 1940 e 1984 (de 43,5 para 70,5 anos), no Nordeste o aumento não superou 17 anos no mesmo período (de 38,7 para 55,7 anos). Da mesma forma, embora a esperança de vida ao nascer para o grupo mais rico do Sudeste (rendimento mensal familiar superior a cinco salários-mínimos) se compare a dos países desenvolvidos (75 anos), para os grupos mais pobres do Nordeste (até um salário-mínimo) ela não

⁵ Ao longo do texto o termo Política Nacional do idoso será utilizado pela sigla PNI.

supera os 52 anos de idade, índice semelhante ao do Rio Grande do Sul na década de 30. (CHAIMOWICZ, 1997, p.188).

É de extrema valia a implantação de políticas públicas regionais que insira o idoso, levando em consideração o seu contexto social. Neste diapasão, um autor que destina seus estudos a analisar a disparidade regional, porém voltada para o âmbito da saúde do idoso, que interfere diretamente no aspecto social, é Kalache (1987).

O referido autor ressalva a importância de um diagnóstico da saúde dos idosos, nos âmbitos nacional e regional. Essa proposta do diagnóstico é importante, não apenas na seara da saúde, mas também na seara socioeconômica. A partir do diagnóstico, que levanta os problemas socioeconômicos e de saúde, é possível traçar um planejamento eficaz para atender às demandas da população idosa. Assim, Kalache (1987) entende que:

O envelhecimento da população brasileira necessita, de imediato, de um diagnóstico de saúde a níveis nacional e regional, que possa conduzir a propostas realistas. As intervenções que daí surgirem, deverão então, ser avaliadas e redirecionadas. Há uma necessidade premente de métodos inovadores e imaginativos, que possam contribuir para uma atenção ao idoso, em bases humanísticas e, ao mesmo tempo, compatíveis com a realidade socioeconômica do país. O objetivo final deve ser sempre a manutenção, na comunidade, do maior número possível de idosos, contribuindo, ativamente, para ela, e mantendo seu grau de autonomia (e dignidade) pelo maior tempo possível. Este debate se impõe, de imediato, para quantos possam estar interessados em Saúde Pública, em nosso país. (KALACHE, 1987, p. 220).

O autor retromencionado, ainda, chama a atenção para os problemas médico-sociais, ao pontuar que:

A natureza dos problemas médico-sociais dos idosos tem características específicas que acentuam a importância de trabalhá-los, cuidadosa e sistematicamente. É muito mais fácil ignorar os problemas da infância pois eles "desaparecem" do seio da comunidade, com a mesma rapidez com que surgiram do que muitos dos problemas associados à velhice. (KALACHE, 1987, p. 219).

Portanto, os problemas de saúde ocasionados pelo envelhecimento são problemas que demandam atenção, por serem de longo prazo e muitas vezes permearem a vida do idoso. Logo, deve-se ressaltar que não são contratempos que desaparecem no âmbito da sociedade, como os problemas de saúde de crianças e jovens. Ademais, a durabilidade das doenças dos idosos demanda gastos governamentais imensos e, ainda assim, geralmente, não são atrativos para os governos garantirem políticas públicas que amenizam essas doenças ocasionadas pelo envelhecimento.

Entretanto, por mais que as políticas públicas no Brasil não sejam tão eficientes, ainda assim, elas são consideradas como um avanço. A autora, Camarano (2016), faz apontamentos

que ressalvam os avanços das políticas sociais. Para a renomada autora, a PNI é, relativamente, um avanço sociojurídico, que se apresenta como uma proteção social para o idoso. Porém, a autora ressalta a necessidade de reformular e criar novas políticas públicas voltadas para o idoso. Para Camarano (2016):

[...] Passados vinte anos de sua aprovação, em 2014, a proporção da população idosa brasileira atingiu a marca de 13,7%, reforçando os desafios já levantados. Ou seja, as demandas por políticas públicas se intensificaram, o que requer a atualização e a implementação total das medidas preconizadas. (CAMARANO, 2013, p. 16).

Diante das discussões sobre políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida, devemos colocar em primeiríssimo lugar os problemas sociais e de saúde dos idosos. Ambos devem e precisam ser trabalhados meticulosamente, merecendo um olhar especial, que vai da inserção da qualidade de vida para o idoso até a criação de instituições de longa permanência custeadas pelo Governo.

Com efeito, a criação e manutenção das instituições de longa permanência é uma das necessidades mais importantes, que devem ser acatadas pelo Governo. Saliente-se que, de acordo com o último censo realizado em 2010, o Brasil tinha 3.548 instituições; destas, apenas 218 pertenciam aos governos municipal e estadual e uma delas era mantida pelo governo federal – o Abrigo Cristo Redentor, localizado no Rio de Janeiro.

Assim, é importante a atenção governamental para a criação de instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) e para outros aspectos, pontualmente de saúde e social, pois estes podem sanar futuros problemas relacionados aos aspectos sociais e até mesmo geográficos.

Contudo, também é preciso a intervenção do Estado para a criação de políticas públicas, que visem às disparidades regionais no Brasil. Desse modo, o primeiro passo para a efetivação e eficácia dessas políticas é entender os aspectos sociais, culturais, econômicos e geográficos de cada região, para planejar as políticas, de acordo com cada necessidade.

Esse procedimento de investigar os aspectos de cada região é importante para entender os diversos perfis de idosos nelas, pois o desenvolvimento do estilo de vida é variável de acordo com a região em que o idoso está inserido.

2- OBJETIVOS

- OBJETIVO GERAL

- Analisar as representações sociais do lugar (instituição de longa permanência) nas perspectivas dos idosos e cuidadores.

- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a ILPI estudada
- Analisar a atividade de cuidado na perspectiva dos cuidadores e dos idosos.
- Compreender as representações da velhice na perspectiva dos idosos e dos cuidadores.
- Analisar as representações do cuidado na perspectiva dos idosos e dos cuidadores.
- Analisar significados, símbolos, pertencimentos e familiaridades que os idosos e cuidadores têm em relação ao lugar (instituição de longa permanência).

3 - PRIMEIRO CAPÍTULO:

-A TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Neste capítulo procuramos embasar a teoria da representação social, fundamentada por Moscovici, que resgatou a teoria da representação de Durkheim (analisada na seara da representação coletiva), reformulando-a para as representações coletivas e individuais, que são manifestadas pelos aspectos psicológicos e/ou sociais.

Nesta perspectiva, utilizamos MOSCOVICI (2007) da psicanálise para nortear o referencial teórico e outros autores, como: ARRUDA (2009), que se destina aos trabalhos da representação, voltada para psicologia social; JODELET (1989) (2009), cujos estudos são centrados na psicologia social, e que, junto com MOSCOVICI, foi uma das pioneiras na teoria da representação social; ARAUJO e JUNIOR (2012); GIL FILHO (2003); MEDONÇA e KOZEL (2007) e FURINI (s/d), que possuem estudos no âmbito da representação geográfica, voltada para a percepção e cognição do homem com o meio; SANTOS (2013), que tem suas referências voltadas para a psicologia social; SÊGA (2000), um historiador, cujo trabalho busca o resgate teórico, com análise das obras de MOSCOVICI e JODELET.

As representações sociais têm como pano de fundo o sistema cognitivo, que possui como base a reponsabilidade de desenvolver de elementos psicológicos, que são delineados com os elementos da emoção, pensamento, linguagem, sensação e percepção. Diante disso, despertamos nossos sentimentos; sejam eles, sentimentos positivos ou negativos para com os objetos e sujeitos.

Assim, as representações sociais, tendo como um de seus embasamentos a psicologia social, “estabelecem uma síntese entre os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão completamente interligados, permitindo a incorporação de análises ideológicas, dos saberes populares e do senso comum”. (MEDONÇA; KOZEL, 2007, p. 227).

Com isso, elaboramos, a todo o momento, em nosso psicológico, pensamentos, símbolos e diálogos para sermos aceitos perante a sociedade ou para reproduzirmos as representações já existentes nela. Em virtude disso, passamos a nos identificar com grupos que produzem as mesmas posições.

Porém, há também o processo inverso, de criação de linguagens, símbolos e diálogos, que visam ir se opor aos pensamentos normativos da sociedade ou de um grupo social. Neste sentido, Sêga (2000) define que:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. (SÊGA, 2000, p. 128).

À vista disso, as noções do social e do individual caminham juntas, pois não existe representação social sem esses dois fundamentos. Logo, o sujeito não cria suas representações sozinho, uma vez que, para elaborar suas representações, precisa da sociedade, sem a qual não conseguimos despertar nosso sistema psicológico para a interação social. Em torno disto:

As representações, sob este enfoque, passarão a ser tratadas como produtos, como processos, mediando o espaço real e os grupos sociais, entre a percepção e a prática. Os produtos construídos a partir desses procedimentos se constituirão nas bases para a compreensão e análise das transformações sociais e espaciais. (MEDONÇA; KOZEL, 2007, p. 229).

As transformações sociais e espaciais são dadas através das interações sociais. E, a partir da relação entre sujeito e sociedade é que o espaço é pensado, produzido e modificado. Logo, a partir das representações que são criadas no espaço, o mesmo altera suas dinâmicas. Portanto é importante levar em consideração:

A passagem de um saber do seu próprio domínio para o mundo da conversação entre os leigos é um fenômeno psicossocial. Envolve a mobilização de elementos psicológicos – afetivos, cognitivos, imaginários, fantasmáticos, de memória e outros – mas impregnados de conteúdo social – sociológico, histórico, cultural, linguístico, entre outros – e acontece ao mesmo tempo nesses dois registros que se encontram totalmente entrelaçados: o social e o individual, dissolvendo assim a dicotomia indivíduo-sociedade (ARRUDA, 2009, p.740).

Fato é que a geografia das representações também desenvolvem estudos, que abordam as representações sociais, entendendo o:

[...] comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por meio de experiências (temporal, espacial, social), existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas, ou seja, entre as representações e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento, permitindo-nos compreender a diversidade inerente às práticas sociais, às mentalidades, aos vividos. (MEDONÇA; KOZEL, 2007, p. 215).

Portanto, a geografia busca entender as subjetividades por meios das experiências e vivências humanas manifestadas no espaço. As experiências e vivências são advindas através da busca do homem pelo espaço de sobrevivência e pelas relações sociais. À medida que o homem estabelece contato com o espaço cria-se representações sociais que influenciam a sua vivência com o mesmo. Neste sentido pode entender que:

A riqueza da subjetividade humana representada no meio é imensurável. Quando esta riqueza é vista como um imenso campo multiforme de manifestações simbólicas, intensidade e serenidade, figuras e signos, o tempo cristalizado no espaço pelas formas e o espaço transpassado pelo tempo e suas transformações, podemos afirmar que estamos em uma instância pertencente à geografia das representações sociais. (ARAUJO; REIS, 2012, p.88).

Diante disto, os espaços das representações nada mais é que a projeção de imagens, percepções, experiências que o homem vivencia no espaço, essas experiências são carregadas de simbolismos, conhecimentos e pertencimentos. Gil Filho (2003) apresenta uma fundamentação voltada para o espaço das representações. Para ele:

O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata [...] Deste modo, é a percepção do indivíduo o que edifica o conhecimento do espaço e, assim, estrutura um segundo espaço. Contudo, o pensar e a ação do sujeito perpassam a possibilidade de haver representações de caráter social (GIL FILHO, 2003, p. 03).

As representações sociais norteiam as percepções do homem com o espaço, à forma como ele se relaciona e constrói o seu lugar são frutos das suas representações sociais produzidas. Podemos entender que:

O embate ocorrido pelas práticas concretas e simbólicas ocorridas entre o homem e o meio cria um mosaico de representações sociais. Estas representações estão estruturadas nos discursos de interpretação, significação e valorização do ser humano ao entorno em que ele vive. (ARAUJO E JUNIOR, 2012. p.89).

As representações sociais geram as interpretações, significação e valorização do lugar, o modo como convivemos com o lugar desperta sentimentos de pertencimentos pelo mesmo. À medida que criamos experiências, pertencimentos e adquirimos relações sociais construímos identidades com o lugar. Todo esse processo de adaptação e vivências com os espaço tem como fundamentação o sistema da representação social porque criamos “ imagem e o significante pertencentes a todos os entes inseridos e formadores do espaço geográfico são o cerne da ligação entre o pertencimento e a identidade com o mundo. (ARAÚJO E JUNIOR, 2012,p.88).

Deste modo, as representações sociais são produzidas pelas interações sociais, que são vivenciadas a partir de um determinado tempo e espaço. E, uma das formas para que essas interações aconteçam é a partir dos sujeitos e instituições. Furini (s/d) salienta sobre a multiplicidade de agentes que produzem os espaços. Para ele:

O espaço construído pelo homem é, assim, a síntese de diversos processos, e nele são geradas diversas representações sociais. A multiplicidade de agentes que geram tais espaços remete ao grande número de grupos que devem ser considerados

quando da investigação de determinados processos espaciais. Esses grupos agem segundo a influência de diversas subjetividades, entre elas as representações sociais. (FURINI, s/d, p.07)

Visando isto, Santos (2013) classifica os agentes produtores das interações sociais como “sujeito-sujeito e sujeito-instituição, num determinado tempo, em uma cultura e espaço próprio, na tentativa de tornar o estranho familiar e dar conta do real”.

Consequentemente, existem vários impasses que ocasionam as representações sociais; elementos que atraem essas representações. Pode ser citada, como exemplo, a cultura, a partir da qual o sujeito pode se identificar culturalmente e criar elementos, para apropriação do espaço ou para integração de algum grupo social, e com isso passa a se familiarizar. Em outros casos, o sujeito pode não se identificar com certa cultura e criar elementos, que impedem a sua integração a um grupo social.

Todo esse procedimento tem como base as vivências e pertencimentos para com o espaço ou a sua aceitação no mesmo, pois a ideia sujeito-sujeito ou sujeito-instituição pode criar elos com determinados espaços e se familiarizando. Mas, o sujeito pode também com toda sua representação social resistente, não querer se apropriar e integrar outros espaços, que não sejam do seu convívio.

Por esse motivo, há uma cultura imposta nos lugares, que levam as criações das representações sociais. E, um exemplo disso, é a religião, pois caso exista divergência de religião entre a instituição filantrópica religiosa que rege as instituições e os idosos, ambos passam a se interagir e criar representações sociais sobre essa divergência de religiosidade.

Outro aparato que pode acontecer dentro desta mesma tese, é um idoso, que não tem fé a mesma religião da instituição filantrópica e precisa ir para a instituição, se negar a ir, pois já criou representações que levam ao sentimento de aversão pelo lugar. Situação esta, que aflora seu pré-conceito sobre as ILPIs e reafirma a sua crença.

Também um ponto de interação social, nas ILPIs, está voltado para o sujeito x sujeito, tendo, na instituição, variados idosos, que vieram de contextos de vida diferentes (cultural, econômica, política e socialmente), com representações sociais diferentes uns dos outros e no âmbito da convivência, eles trocam experiências de vidas. Assim, estes idosos podem influenciar outros idosos, bem como ser influenciados.

Dessa forma, passam a compartilhar vivências e criar particularidades com a instituição e com os sujeitos, no caso os idosos. Assim sendo, vivemos rodeados de

pensamentos, ideias, culturas, significados, símbolos que são implantados e manifestados de maneira individual ou coletiva na nossa sociedade. E, por mais que os espaços das ILPI's sejam compartilhados por todos os idosos, a maneira de pertencer ao mesmo é subjetiva de cada idoso.

Todas essas manifestações perpassam os sentidos humanos e cada sujeito se posiciona frente as suas representações, mas é preciso destacar que, a todo o momento, somos impactados e impactamos. Então, é preciso entender o processo de formação das representações sociais, analisando-o para “[...] saber quem é o sujeito que produz as representações sociais, e saber *por que* se produzem tais representações, *a que* funções correspondem e *quais* condutas e orientações sociais resultam, compondo assim um quadro complexo que as qualifica (SANTOS, 2013, p. 17). Desta forma, ao estudar as representações sociais é preciso considerar todas estas indagações que as permeiam.

Dentro da área de estudo pesquisada, é importante utilizar estas perguntas propostas por Santos (2013), para entender o processo de representação social do lugar (ILPI), na perspectiva dos idosos e cuidadores. Com isso, será possível entender quem são o sujeito cuidador e o idoso, que produzem as representações sociais, bem como entender o porquê das representações sociais por eles produzidas, a função que eles exercem dentro das ILPIs e quais são os símbolos e significados das ILPI para ambos (idosos e cuidadores). Desse modo, entende-se que

Geralmente reconhece-se que as representações sociais - enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros - orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 1989, p. 23).

Sendo assim, as representações sociais auxiliam na compreensão do contato da sociedade com o seu espaço, sendo que é a partir delas que se interpretam as ações da sociedade com o mundo e o contato sujeito-sujeito. É ainda, as representações nos possibilita que nos organizemos, criemos lugares e nos comuniquemos socialmente.

Pode-se considerar, também, que as representações auxiliam na compreensão de uma determinada definição, que é elaborada a partir de um sujeito ou grupo, onde ambos despertam suas identidades e simbologias, estabelecendo assim o contato do sujeito para com

o objeto, com as manifestações de comunicação e interações entre eles. Neste sentido, Moscovici (2007) caracteriza as representações sociais como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2007, p. 21).

Diante da tríade do sistema de valores, ideias e práticas, as representações sociais viabilizam as pessoas a conduzirem seu mundo material e social, de modo que cada sujeito se organiza na sociedade com suas particularidades. E a partir dos seus valores, ideias e práticas, os sujeitos orientam-se com os espaços e possivelmente podem sentir-se pertencidos, a fim de criar laços de familiaridades com os mesmos.

É importante citar também, a importância dos sentidos das palavras *pertencimento* e *familiaridade*⁶ nas ILPIs, já que os espaços são partilhados por diversos idosos, sendo que vários momentos e sentimentos são compartilhados em um mesmo espaço, remetendo a familiaridade.

Outro aspecto importante, é a ligação social que o cuidador tem para com o idoso e o idoso para com o cuidador. Pegando pela patente que o idoso, pode ter sido abandonado na ILPI pela sua família, ou que a família vai visitá-lo de vez em quando, cria-se um elo de ligação, ou seja, de familiaridade entre o idoso e o cuidador, porque a carência familiar pode gerar emoções e sentimentos do idoso para com o cuidador. Concebendo a criação de linguagens, símbolos, códigos entre os dois, já que a interação deste relacionamento é intensa.

Diante disto, os fenômenos dos acontecimentos, que são vivenciados pelas pessoas de forma individual ou grupal, são caracterizados e dotados de representações. Entretanto, alguns fenômenos não são compreendidos e, por alguns momentos, passam despercebidos; não pela falta de informação, mas por um ater-se pré-estabelecido da realidade.

Portanto, “Essa invisibilidade não se deve a nenhuma falta de informação devida à visão de alguém, mas a uma fragmentação preestabelecida da realidade, uma classificação das pessoas e coisas que a compreendem, que faz algumas delas visíveis e outras invisíveis”. (MOSCOVICI, 2007, p. 31).

⁶ A familiaridade segundo Yfu Tuan (1974) engendra afeição, quando não o desprezo.

Levando-se em consideração os aspectos visíveis, o ambiente é dotado de fluxos de pessoas, informações e objetos, que são caracterizados e vivenciados, no particular ou no grupal, que são classificados em modelos. Moscovici (2007, p. 34) ilustra essa imposição de modelos, exemplificando com a classificação criada sobre os fenômenos, “assim, nós passamos a afirmar que a terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação com o decréscimo do valor do dinheiro”.

Por conseguinte, impomos os moldes para a sociedade, partimos da semelhança para o concreto, não analisamos as particularidades e já classificamos como idênticos; os reflexos destes moldes estão enraizados na nossa estrutura de organização e pensamento, que são caracterizados por representações dotadas de imposição de cultura. Para tal afirmação, Moscovici (2007, p. 35) defende que “nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura [...]”.

Insta salientar a importância da linguagem para a construção do fenômeno das representações sociais, dado que é a partir da linguagem que nos posicionamos sobre nossas ideias e pensamos, bem como é com as variadas linguagens que podemos expô-los para a sociedade. Desse modo, é através da linguagem oral, corporal, imagética ou qualquer outra, pois independe da classificação, que podemos emitir as mensagens, os sons e sinais, que o nosso sistema cognitivo determina. Em razão disso,

É importante apreender o pensamento dos sujeitos, dos grupos e das coletividades sociais sobre os objetos de sua intervenção e de suas relações, uma vez que as Representações Sociais têm desempenhado importante função na comunicação entre eles e na formação de opiniões, comportamentos e atitudes frente às inúmeras exigências da nova realidade existencial social do século XXI. (SANTOS, 2013, p. 17).

Dentro da linguagem, temos as comunicações, que promovem o entendimento dos pensamentos, ações e comportamentos e a interação dos sujeitos. É a partir da comunicação que apreciamos ou debatemos as opiniões dos outros. Há também a comunicação com viés voltado para as mídias, sendo que nesse sistema temos um processo de influências, onde a positiva, visa contribuir para a fundamentação das representações sociais e o inverso, a manipulação das informações, diálogos e opiniões, que acaba alterando e gerando manipulação social.

Jodelet (1989, p. 21) argumenta que “[...] as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm em sua elaboração, abrindo caminho a processos de influências e até mesmo

de manipulação social [...]” Diante desta perspectiva, algumas vivências e fenômenos na nossa sociedade, interferem no ganho ou perda da identificação da cultura, que são caracterizados pela fragmentação das representações sociais. Moscovici (2007, p. 39) argumenta tal procedimento, afirmando que “tais ganhos culturais e perdas, estão obviamente, relacionados a fragmentos de representações sociais”.

Portanto, diante das rupturas e alterações da cultura, temos, também, as inter-relações, que se apresentam através de manifestações na relação com o outro, sendo que Moscovici (2007, p.39) argumenta que a inter-relação está presente na “nossa maneira de julgá-los e de nos relacionarmos com eles; isso até mesmo define nossa posição na hierarquia social e nossos valores. [...]”. Fazemos prejulgamento das pessoas antes mesmo de conhecê-las, e essas predominâncias de julgamentos diz muito sobre nós.

Por outro lado, temos as hierarquias sociais impostas pelo nosso modelo atual de organização social, as quais definem as posições sociais a que pertencemos, classificadas a partir da nossa classe social.

A todo o momento, vivemos de trocas, sejam elas de pensamentos, culturas, diálogos ou até mesmo de posições políticas, pois tudo que pensamos e idealizamos envolve a sociedade e a nossa aceitação perante a mesma. Dessa forma, criamos representação para expor nossas posições ou para integrar a posição de algum grupo social, sendo que todo esse procedimento de socialização da representação social se dá através das interações sociais, que carregam consigo os convívios do sujeito-sujeito ou sujeito-instituição.

Portanto, as interações proporcionam a comunicação das pessoas e grupos sociais, que a partir delas produzem representações. Destarte, é fundamental ressaltar que não existe interação social com um indivíduo isolado, pois, a interação só existe com a troca de comunicação, que tem em seu seio de fundamentações, a produção das representações sociais.

Com isso, há um ciclo das representações sociais, que deve ser levado em consideração, sendo o seguinte: as representações sociais surgem, se propagam, se encontram e morrem e assim dão origem a outras representações. E, é a análise e a interpretação deste ciclo que nos possibilita entender a materialização das representações sociais.

Sobre esse processo, que classifica do surgimento até a morte da representação, Moscovici (2007, p.39) preleciona que [...] elas adquiram um vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas

representações, enquanto velhas representações morrem [...]”. Porém, mesmo que haja a aniquilação da representação, sua essência sempre será lembrada, pois ela determina o entendimento das origens das representações.

Eventualmente, com as interações sociais no espaço é que se manifestam nossas particularidades para com o meio, que mais tarde se solidificam e criam laços de familiaridades (com os objetos, grupos sociais e sujeitos) dentro desse mesmo espaço, gerando, assim, os convívios sociais, que dão forma às representações.

A partir dessas apropriações e convívios, ficamos vulneráveis de forma a alterar nossas raízes de representações, no que diz respeito a elementos como: crença, cultura, política, gosto musical. Ainda, de acordo com os convívios, algumas atividades profissionais propagam as representações sociais, pelo fato de manterem contato social direto, as bases desses trabalhos de intenso contato social são constituídas pelas representações sociais.

Segundo Moscovici (2007, p. 40), estas atividades profissionais, como “representantes das ciências, culturas ou religião”, propagam as representações sociais. Assim sendo, podemos considerar os cuidadores de idosos como propagadores de representações sociais, pois existe uma solidificação dos contatos sociais, na qual há a possibilidade do cuidador propagar sua cultura, crença, linguagem, entre outros para o idoso, já que existe um convívio, que proporciona um certo grau de familiaridade.

No que diz respeito à materialização da representação social, encontramos duas faces, que Moscovici (2007) classifica como face icônica e face simbólica, que se referem à ligação de uma imagem a uma ideia ou o processo inverso, de uma ideia a imagem. Estamos relativamente acostumados a associar objetos, imagens e pessoas, que rotulamos da maneira que o nosso cognitivo define ou assemelha, sem pesquisar a fundo sobre os elementos citados acima; não sabendo a sua origem, quem os reproduziu ou mesmo o porquê deles existirem.

Portanto, somos cômodos, pois não procuramos saber todas essas dúvidas. Geralmente, criamos opiniões e pensamentos acerca de objetos, grupos sociais e pessoas sem conhecê-los e, na maioria das vezes, não procuramos entender os processos sociais, que estão por trás dos elementos que formam as representações sociais.

No que tange às formulações das representações sociais, existem três hipóteses, que são apoiadas nos pensamentos de Moscovici (2007) e que foram fundamentais para entender a abstração das representações sociais.

A primeira hipótese é a da desiderabilidade, que é formada a partir das intenções do sujeito, que cria imagens para sustentar tais intenções. Desse modo, apoiado em sua intenção a algo, o sujeito produz uma imagem no seu sistema cognitivo e acredita nela, passando a criar um mecanismo para defendê-la e propagá-la para outras pessoas e grupos sociais, para que possam partilhar do mesmo ponto de vista. E assim, ele possa ter êxito na sua intenção.

A segunda hipótese é a do desequilíbrio, que está associada a criação de imagem e linguagem para suprir as tensões psíquicas e emocionais, podendo até mesmo ser considerada uma falta de integração social. A partir do desequilíbrio psíquico ou emocional, o sujeito e o grupo social, para suprir tal desequilíbrio, criam imagens, códigos e linguagens, com o objetivo de sanar uma falta emocional, que pode estar atrelada a ausência de contato social.

E, a última formulação é a hipótese do controle, que tem como finalidade a criação das representações para monitorar o comportamento individual, a fim de manipular os pensamentos e ações de um indivíduo ou de um grupo. Nesta hipótese, um sujeito ou grupo social, diante do excesso de controle, cria representações sociais com o objetivo de monitorar outro sujeito ou grupo social, com conclusiva na manipulação dos mesmos.

Diante destas hipóteses, temos as nossas familiaridades que são acompanhadas por sentimentos topofilícos e sentimentos que vão ao contrario da familiaridade que são os sentimentos topofóbicos: repulsão, medo e aversão. A partir das nossas familiaridades, criamos laços de particularidades para com o meio, consolidando linguagens e imagens, que nos atraem tanto em pensamento, quanto em vivências, para este meio. Porém, existe o processo inverso, o da repulsão, em que não conhecemos um meio ou até mesmo um grupo social e, mesmo assim, criamos pensamentos e linguagens que julgamos os mesmos. Moscovici (2007, p. 58) argumenta que “antes de ver e ouvir a pessoa, nós já a julgamos; nós já a classificamos e criamos uma imagem dela”.

Podemos citar aqui, a representação da ILPIs como lugar da morte, as pessoas criam imagens sem ao menos conhecer o espaço, os idosos que ali vivem e até mesmo as cuidadoras que trabalham na instituição. Podemos imaginar que esse pensamento sobre a ILPIs como um lugar da morte pode ter sido criada por um idoso que esteja morando na instituição antes mesmo dele envelhecer.

A partir desta perspectiva, é preciso desconstruir os julgamentos que criam aversão pelos lugares, objetos e grupos sociais. Assim, Moscovici (2007) nos alerta que, para

estudarmos as representações sociais, precisamos descobrir quais são as características do objetivo de pesquisa e assim entender as diversidades materializados no mesmo. O estudo das representações sociais tem como princípio equidade do sujeito ou grupo social através das diversidades encontradas no espaço. Diante desta perspectiva:

A teoria das representações sociais, por outro lado, toma, como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade. (MOSCOVICI, 2007, p. 79).

Portanto, é preciso ter clareza, para entender que cada indivíduo, inserido na sociedade, é diferente e que partilham de diversidade e até mesmo de representações diferentes uns dos outros. É necessário compreender que toda representação tem uma causa e um efeito; é impreterível descobrir quais são e onde estão, essas causas e esses efeitos.

Diante das diversidades dos indivíduos e dos grupos sociais, é imperioso conceber as modalidades, com que os mesmos, com toda sua ação e produção, transformam o espaço. Ademais, Jodelet (2009) classifica três esferas de pertença, sendo elas: de subjetividade, intersubjetividade e de transubjetividade, que são esferas resultantes dos atores sociais ativos. Portanto,

Os sujeitos devem ser concebidos não como indivíduos isolados, mas como atores sociais ativos, afetados por diferentes aspectos da vida cotidiana, que se desenvolve em um contexto social de interação e de inscrição. A noção de inscrição compreende dois tipos de processos cuja importância é variável segundo a natureza dos objetos e dos contextos considerados. (JODELET, 2009, p. 696).

Quando citamos as esferas da subjetividade, consideramos as apropriações do sujeito, que, diante da sua apropriação, cria suas representações. Jodelet (2009) afirma que esses processos podem ser gerados pela natureza cognitiva, emocional e ressalta que depende de uma experiência de vida. Esse processo de subjetividade estabelece a fenomenologia. Jodelet chama a nossa atenção para o papel que o corpo tem para o processo da fenomenologia. Pois,

[...] o sujeito se situa no mundo, em primeiro lugar, por seu corpo, como estabelece a fenomenologia. A participação no mundo e na subjetividade passa pelo corpo: não há pensamento desencarnado, flutuando no ar. Isso nos conduz a integrar na análise das representações os fatores emocionais e identitários, ao lado das tomadas de posição ligadas ao lugar social [...]. (JODELET, 2009, p. 697).

O corpo nos desperta para a subjetividade e é a partir dele que surgem nossos pensamentos e possibilidades de integração e apropriação, que nos despertam as familiaridades, emoções e afetividades. As pesquisas voltadas para o estudo das representações dos outros, possibilita-nos “acessar os significados que os sujeitos, individuais

ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo”. (JODELET, 2009, p. 697).

Enquanto na esfera da intersubjetividade, temos a interação do sujeito, partindo da comunicação verbal, que proporciona as trocas de saberes, informações e diálogos, que têm, como pano de fundo, os interesses comuns (podendo ocasionar divergências). Nesse sentido, Jodelet (2009) argumenta que

A esfera de intersubjetividade remete às situações que, em um dado contexto, contribuem para o estabelecimento de representações elaboradas na interação entre os sujeitos, apontando em particular as elaborações negociadas e estabelecidas em comum pela comunicação verbal direta. São numerosos os casos que ilustram o papel da troca dialógica de que resultam a transmissão de informação, a construção de saber, a expressão de acordos ou de divergências a propósito de objetos de interesse comum, a interpretação de temas pertinentes para a vida dos participantes em interação, a possibilidade de criação de significações ou de ressignificações consensuais. (JODELET, 2009, p. 697).

Já a transubjetividade, parte da ligação entre a esfera subjetiva e a intersubjetiva, através dos mecanismos de envolvimento do indivíduo e dos grupos, e também de interação, com trocas de comunicação verbal. Portanto, com ascendente nas esferas de subjetividade e intersubjetividade, no que tange à formação das representações sociais, Jodelet ressalta sobre a ligação das duas esferas na transubjetividade, demonstrando argumentos que validam tal ligação. Portanto, a esfera de transubjetividade

Se situa diante da intersubjetividade e remete a tudo que é comum aos membros de um mesmo coletivo. Este aspecto comunitário pode ter, efetivamente, várias origens. Ele pode resultar do acesso ao patrimônio de recursos fornecidos, para a interpretação do mundo, pelo aparelho cultural. [...] Ele remete igualmente ao espaço social e público onde circulam as representações provenientes de fontes diversas: a difusão pelos meios de comunicação de massa, os contextos impostos pelos funcionamentos institucionais, as hegemonias ideológicas etc. Atravessando os espaços de vida locais, esta esfera constitui um meio onde mergulham os indivíduos [...] (JODELET, 2009, p. 699).

Dentre as representações sociais, temos a memória, que pode nos remeter a sentimentos por lugares, onde sentimos familiaridades e através dessa memória, nos identificamos com a paisagem, criamos símbolos, pensamentos e até mesmo lembramos de cheiros, que nos remetem ao lugar de familiaridade.

Mas, também pode acontecer o inverso, pois podemos criar representações para os lugares, produzindo pensamentos que repudiam tal lugar, associando algo desagradável com o lugar despertando sentimentos topofóbicos pelo mesmo.

Portanto, podemos criar representações de preterir o lugar, mas podemos também criar representações para apropriação do mesmo. Dessa forma, as experiências, que permeiam as nossas vivências, irão nos revelar, se iremos familiarizar ou não com o lugar.

E, outro fator importante é saber quais as representações sociais que o objeto de pesquisa elabora. É importante entender quais as representações que os grupos sociais produzem dentro da instituição. Diante disso,

[...] Estas inserções compõem o acervo de onde surgirá a representação que qualquer grupo elabora; elas são reordenadas, negociadas, recortadas e re combinadas para configurar o pensamento. Sem conhecer as raízes do pensamento dos grupos e, por conseguinte, dos sujeitos – o que remete à sociedade como um todo e seus múltiplos recortes – torna-se impossível chegar à compreensão do seu processo de construção da realidade, de elaboração do conhecimento na vida diária. Fatores como a memória, a experiência, o olhar, cuja incidência para a produção das representações é fundamental, são multiface, situados tanto no espaço social quanto no individual [...]. (ARRUDA, 2009, p. 746).

Como pano de fundo destes aspectos nos espaços sociais (experiência, olhar, memória), temos também a marca da comunicação, possibilitando-nos trocar diálogos, onde podemos expor nossas posições políticas, econômicas, sociais e culturas, mas permitindo ao outro sujeito, também, expor o que ele pensa, acredita e idealiza. Com essa troca podemos persuadir e ser persuadidos.

A comunicação propicia a troca de informação, que, hoje, no mundo contemporâneo, sofreu alterações na sua propagação, por causa dos fluxos das redes. Portanto, a troca de informação feita pelo diálogo pode acontecer de forma presencial, mas também, de forma virtual, que é muito comum, atualmente. E é a partir dessa rede de comunicação que propagamos nossas representações, expondo nossos sentimentos e posições perante a sociedade. Acerca da comunicação, Arruda (2009) argumenta que

O(s) espaço(s) social(is) pelos quais cada um transita marcam-no, mas também é(são) tingido(s) pela sua tonalidade específica, fruto do encontro e da negociação das diversas procedências do pensar. É impossível negar o peso da comunicação, da troca, do confronto de ideias para produzir uma representação social. O ambiente pensante em que vivemos, nas sociedades contemporâneas, com a velocidade vertiginosa do fluxo de informações, estimula esta produção, porque é preciso falar do que todos falam, mostrar que se “está por dentro”. (ARRUDA, 2009, p. 746).

Portanto, a expressão “está por dentro” nos remete a todos os pensamentos presentes no nosso cognitivo, todos aqueles objetos que nos rodeiam. Logo, toda a sua experiência e identidade são expressadas através do social, pois nunca desligamos dele. Em suma, o pensamento e a ação oportunizam as nossas representações em face da sociedade.

Vivemos nesse processo de continuidade do pensamento e da ação. Pensamos sobre os nossos anseios, valores e apropriações, logo criamos ações que nos permitam alcançar todos os nossos pensamentos. Diante disso, criamos as nossas representações. Arruda (2009) expressa que

A invenção do pensamento no dia a dia mistura, portanto, elementos que envolvem interesses, exercício do poder, desejo de aceitação, eventuais questões circunstanciais, compondo um novo desenho traçado pelos diversos atravessamentos do social – os mais próximos, os mais distantes – que vão da experiência vivida à necessidade de comunicação, de reconhecimento, passando pela presença ou pertença aos grupos sociais, valores e interesses do grupo, bem como pelo momento histórico, a posição sociocultural, geográfica, étnica, religiosa, até a situação política mais próxima e mais geral – não obrigatoriamente nesta ordem. (ARRUDA, 2009, p. 747).

O ambiente em que vivemos e os paradigmas enraizados nele, possibilitam a expressão de nossa cultura, crenças, pensamentos, palco onde se desenvolvem as representações sociais. Em vista disso, “Os contextos nos quais nos situamos nos constituem, e é nesta condição de seres contextualizados que elaboramos nossas representações” (Arruda, 2009, p. 747).

Nosso contexto social é o cenário das nossas relações, onde partilhamos interações, sejam elas particulares, dito individual, ou grupal. E, são com essas interações que vivemos, nos organizamos, produzimos pensamentos e emoções, e, assim, identificamos e sentimos pertencidos aos lugares.

4 - SEGUNDO CAPÍTULO:

-O LUGAR, ENQUANTO PALCO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E VIVÊNCIAS.

A construção do referencial teórico do conceito de lugar seguiu a linha de pensamento humanista, juntamente com a corrente filosófica da fenomenologia. Os autores utilizados para construção deste foram: BARTOLY (2007; 2012); CLAVAL (2007); FERREIRA (2000); FILHO (2012); HOLZER (1999; 2008), MELLO; (2012); OLIVEIRA (2012), RELPH (2012), SOUZA (2013), TUAN (1974; 1983) E VASCONCELLOS (2008).

O conceito de lugar é uma das categorias analíticas da geografia, acompanhada pelos conceitos de território, paisagem, região e espaço. É imprescindível entender que os conceitos de espaço e lugar andam juntos, mas, cada um apresenta conceito e manifestações geográficas, sociais e culturais diferentes.

O espaço apresenta um significado mais amplo, sendo que o sujeito estabelece relações de interações, representações e vivências, a ponto de criar valores, significados e identidades com este espaço amplo, concebendo, assim, laços que o permitem chamá-lo de lugar. Dessa maneira, Yfu Tuan (1983, p. 03) argumenta que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”.

Com efeito, o lugar é uma construção através do espaço, os dois conceitos geográficos são utilizados para:

[...] designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia. Não há necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar nosso espaço, uma vez que esse espaço em que nos movemos e nos locomovemos, integrante da nossa vida diária, é de fato o nosso lugar. (OLIVEIRA, 2012, p.11).

Inicialmente, o nosso primeiro contato é com o espaço indiferente. À medida que construímos relações sociais, emocionais e afetivas com esse espaço indiferente passamos a moldá-lo de acordo com nossas relações e necessidades, assim, o que era espaço indiferente passa a ser considerado um lugar. Assim, à proporção que preenchemos esse espaço geográfico de significados e valores, criamos raízes com esse espaço, logo, nos apropriamos e nos sentimos pertencidos a ele, chamando-o de lugar.

O lugar ganhou maior ênfase na geografia a partir de 1980, pelo que Holzer (1999, p. 67) argumenta “o lugar foi estudado pelos geógrafos, mas sempre em planos secundários”, pois não exercia a posição de objeto principal nos estudos.

Assim, na geografia clássica, a principal preocupação dos geógrafos era com os fatores locais que eram utilizados para a elaboração dos mapas (HOLZER, 1999), enquanto a geografia crítica procura fundamentar o conceito de lugar no mundo globalizado,

referenciando as leituras que fazem menção à relação do local com o global. Assim, as leituras da geografia crítica sobre lugar apresentam debates referentes às disparidades dos lugares, que são causadas pelos aspectos políticos e econômicos, que, conseqüentemente, alteram os aspectos sociais.

A linha metodológica e teórica dos geógrafos clássicos e críticos, ainda, difere da adotada pelos geógrafos da linha humanista, posto que a geografia humanista procura dar suporte teórico e metodológico para os estudos, que seguem o padrão das experiências vividas. Neste sentido, Diniz Filho (2012, p. 166) explica que “[...] a geografia humanista dá uma grande importância ao conceito de lugar, pois o define como um ponto do espaço que concentra os valores de ordem cultural e individual que permeiam a vida cotidiana das pessoas”.

Como estratégia de nos fixarmos em algum ponto do espaço, para desenvolver nossas necessidades físicas e emocionais, criamos diversos mecanismos que nos situam nos lugares. Ferreira (2000) classifica que:

Para a Geografia Humanista, é, portanto, o nosso sentido de tempo, de ritual, que ao longo prazo cria nosso sentido de lugar e de comunidade. São os horários que estabelecemos para nós mesmos que nos colocam em contato uns com os outros. Não é a proximidade mas o compartilhamento de horários que nos aproxima. (FERREIRA, p. 67).

Nossas experiências produzem vivências com os espaços, que são dotados de sentidos e valores. Nessa perspectiva, a geografia humanista tem, como papel fundamental, o entendimento subjetivo das dinâmicas sociais, que envolvem a análise do movimento humano e suas marcas deixadas no meio. Neste sentido, os:

[...] preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço”. (HOLZER, 1999, p. 70).

Portanto, a geografia humanista tem sua base na fenomenologia, corrente de pensamento que qualifica as dinâmicas sociais, que se manifestam no meio. Posto isto, a fenomenologia procura entender o processo e o desenvolvimento da relação homem-meio, bem como analisa a essência dos objetos que são implantados no meio. Logo, o desenvolvimento do estudo fenomenológico procura dar ênfase aos aspectos subjetivos.

Conforme esclarece Tuan (1983, p. 143) “A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza,

do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”. Portanto, na corrente da geografia humanista, o conceito de lugar emerge com uma fundamentação voltada para o lugar das vivências dos sujeitos e dos grupos sociais. Dessa forma, os discursos de vivências e experiências das pessoas e dos grupos sociais são enriquecedores para os estudos dos lugares.

É oportuno lembrar, que temos a representação do lugar aplicada ao senso comum, que é vista, na maioria das vezes, como sinônimo de local. Em torno disso, o lugar e o local apresentam significados semelhantes no senso comum.

Com a associação de lugar e local, criada pelo senso comum, torna-se importante desconstruir inicialmente essa associação, para, então, entender a essência da categoria geográfica lugar. A diferenciação dos conceitos de local e lugar é comentada por Bartoly (2012, p. 67), ao escrever que: “A ideia do local relaciona-se a uma noção cartográfica, ao sentido exato de apontar onde está alguém ou algo. O lugar possui uma localização no espaço, contém o local, mas vai muito além dele”.

Assim sendo, o local é utilizado para fazer referência a algum acontecimento ou referenciar, exatamente, onde uma pessoa se encontra. Enquanto no conceito de lugar, também há o uso da referência do local, porém com o sentido aperfeiçoado de entender as dinâmicas sociais, temporais e espaciais dos locais. Holzer (2003) argumenta sobre o sentido de lugar vinculado ao de local. O autor defende que:

"Lugar", conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como paisagem, espaço, e território [...] (HOLZER, 2003, p. 113).

Previamente, indo além na conceituação da categoria lugar, deve-se mencionar que os conceitos que estruturam a fundamentação de lugar, com ênfase nos sentimentos despertados pelo mesmo, são classificados como topofilia e topofobia, sendo que ambos os conceitos dizem respeito às sensações que os lugares despertam nas pessoas. Neste sentido, “conhecer um lugar é desenvolver sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo”. (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Dessa forma, o conceito de topofilia é definido por Tuan (1974, p. 04) como um “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito vivido e concreto

como experiência pessoal”. Portanto, os aspectos de afetividade e identidade são considerados no conceito de topofilia.

Todavia, o conceito de topofóbia, sendo o contrário da topofília, desperta o medo dos lugares, a rejeição aos mesmos.

Portanto, o lugar se origina a partir das nossas relações com o espaço, sejam essas relações: emocionais, sociais, afetivas e diversas outras. Para Diniz Filho (2012, p. 167) “[...] A relação afetiva mais imediata dos indivíduos com o espaço se dá no lugar, isto é, em espaços reduzidos nos quais se entabulam as relações mais diretas entre as pessoas no seu dia a dia”.

O lugar nos remete a sentimentos de aconchego, cuidado, abrigo e diversos outros sentimentos, que estão relacionados com acolhimento. Assim, o lugar tem, como pano de fundo, uma “[...] dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas”. (SOUZA, 2013, p. 115).

Devido ao cuidado existente nas instituições de longa permanência, podemos classificá-las como um lugar íntimo, que é definido como “lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância [...]” (TUAN, 1983, p. 152).

Um dos principais intuitos das ILPIs é sanar as necessidades dos idosos, que apresentam uma seara diversificada de necessidades, pois cada idoso possui uma necessidade diversa. Dessa forma, o cuidado é pensado e executado para amenizar as vulnerabilidades de cada idoso.

O espaço, inicialmente, habitado é considerado obscuro e estranho para os seres humanos e, por isso a primeira impressão, acerca de um espaço nunca visto e sentido, é a sensação de mistério. Bartoly (2012) argumenta sobre o espaço inicialmente indiferenciado e a construção do espaço familiarizado, enfatizando que:

O desconhecido é um desafio. Mover-se em um espaço em que não reconhecemos as formas, em que podemos até compreender o sentido de sua arrumação, mas no qual não conseguimos imprimir as referências que nos permitam identificá-lo, causa em geral uma sensação de desconforto. Quando se constrói conhecimento sobre grandes áreas, estas podem deixar de ser um espaço indiferenciado para ser um lugar. Por meio da experiência no espaço, do reconhecimento de referenciais de localização e

da própria vivência com outras pessoas, constrói-se um espaço familiar quanto à locomoção e também em termos de lembranças e significados, independentemente da amplitude da área. (BARTOLY, 2012, p. 71).

As relações estabelecidas com o espaço proporcionam as familiaridades, que criamos com o mesmo. Tuan (1983, p. 83) afirma que “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar.

Nossas experiências desenvolvem as familiaridades e as identidades nos lugares, de modo que passamos a diferenciar de maneira subjetiva os lugares com os demais espaços. Bartoly (2007) salienta que:

Individualmente pode-se estabelecer uma identidade própria com um lugar. É a combinação das diversas identidades pessoais atribuídas a uma determinada porção do espaço, que gera a identidade desse lugar, ou a identidade que a coletividade estabelece com este lugar”. (BARTOLY, 2007, p. 106).

Portanto, é a partir do vínculo que criamos com o espaço, que construímos o lugar e o qualificamos, de acordo com nossas representações, sentidos e identidade. Temos o hábito de classificar e até mesmo, titular os lugares, a fim de que eles se tornem diferentes de outros lugares. Carsalade (2007) argumenta que:

Ao qualificá-los toma posse deles em seu nome e no nome do grupo que representa, criando condições para que estes e seus descendentes se orientem, se identifiquem e reconheçam aquele lugar como seu berço e sua vida, como seu patrimônio, portanto. A sua marca, configurada nos ícones e atributos que conferiu ao lugar é, portanto, algo a se preservar, pois ela lhe confere raízes, senso de pertencimento e o diferencia de outros. Aquilo que o homem fez, passa a ‘lhe fazer’, lhe influenciar, lhe sinalizar a vida (CARSALADE, 2007, p. 174).

Seguindo o pensamento de Carsalade (2007) sobre o lugar, podemos afirmar que o espaço das ILPIs é identificado e reconhecido como um lugar, que acolhe e cuida dos idosos; qualificações estas, que marcam os atributos das instituições e as difere de outros lugares.

Com isso, a partir do momento que o homem passa a se relacionar com o espaço, imprimindo seu simbolismo, ele passa a dar origem ao seu lugar marcando sua identidade neste espaço. Ademais, toda a construção da relação do homem com o lugar é carregada de valores e significados que são produzidos a partir das suas representações com o espaço. É necessários entendermos que:

Há um profundo envolvimento com o lugar, mediado por valores e significados que nos fazem sentir totalmente pertencentes à nossa casa, ou à nossa cidade ou à nossa região. Neste caso, a identificação do indivíduo com o local é total, havendo laços de diversos tipos, históricos, familiares, culturais, religiosos, que transformam uma determinada área em lugar. (BARTOLY, 2007, p. 108).

Diante disso, adotamos o lugar como algo ou aquilo que nos conforta, como nosso lar, o qual é definido por Tuan (1983, p. 04) como “[...] a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. Observe que na definição de casa, feita por Tuan (1983), o sentido de “velho e velha” é repetido antes das palavras que definem a casa. Essa monotonia da palavra associada aos termos velho e velha, deve-se ao tempo de construção dos lugares, pois é necessário o tempo para estabelecer relações e particularidades com o espaço vivido.

Assim, o tempo torna-se uma dimensão importante para compreensão do lugar, existindo três momentos que o tempo aparece relacionando ao lugar/espço: tendo o “tempo como movimento: sendo lugar como pausa; afeição ao lugar como função do tempo; e lugar como tempo tornando visível ou lugar como lembrança” (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Nesta perspectiva do espaço vivido (espaço onde vivemos e construímos relações), temos os seres humanos como “[...] os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar como um lugar onde o doente e o ferido podem se recuperar com cuidados solícitos”. (TUAN, 1983, p. 153).

O sentimento de cuidar do outro é muito aflorado nos homens, que expressam esse sentimento para construções de lugares. Tuan (1983) ressalta sobre o ato de cuidar, fazendo uma comparação entre os babuínos, símios e os homens:

Os babuínos e os símios não fazem uma pausa para cuidar de um membro ferido ou doente. Os homens o fazem, e este fato contribui para a intensidade de seu sentimento de lugar. Uma pessoa convalescente está consciente de sua dependência dos outros. Está consciente de que está sendo atendida e de que melhorou em determinado local, que pode ser à sombra de uma árvore, um abrigo de meia-água ou uma cama de baldaquino. Em qualquer um desses lugares, o paciente recupera a saúde [...]. A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes. (TUAN, 1983, p. 153).

Os idosos, quando desenvolvem problemas de saúde que os impedem de realizar suas necessidades rotineiras, precisam dos cuidados de outras pessoas. Essa impossibilidade de realizar tarefas é um dos motivos pelos quais os idosos mudam-se para a ILPI, pois sabem que ela é um espaço destinado a atender as suas necessidades.

Na ILPI, o paciente, no caso o idoso, receberá os devidos cuidados para amenizar seus problemas de saúde. Ao mesmo tempo em que o idoso recebe todos os cuidados que a ILPI lhe proporciona, tais cuidados pode despertar nele os sentimentos de gratidão e afeição pela ILPI, ou, o processo inverso. Por não querer migrar para a instituição, o idoso pode despertar sentimentos de aversão pelo lugar.

Ainda sobre a migração do idoso para a ILPI podemos considerar que o ser humano tem a tendência de escapar quando estamos em uma situação desagradável, ou migrar para lugares que suprem essas situações. As nossas vulnerabilidades fazem com que tentamos procurar novas experiências com outros lugares. Visto isto, podemos considerar que as limitações do corpo dos idosos institucionalizados fizeram com que eles saíssem de um lugar que não supria suas necessidades (no caso seus lares ou dos seus familiares) a procura de um lugar que acolhesse e ajudasse a sua vulnerabilidade. Neste sentido, essa fuga dos problemas, das limitações e das situações desagradáveis é caracterizada como escapismo. Assim podemos considerar que o escapismo:

[...] Refere-se à tendência de fugir a qualquer situação desagradável, incômoda ou difícil de ser controlada. [...] “Não há nada de errado escapar”. “Quem não tem algumas vezes vontade de escapar? Mas de que? Para onde? Certamente todos tiveram vontade de estar em outro lugar em momentos de stress e incertezas” [...] (OLIVEIRA, 2012, p.58).

Portanto, a partir da construção dos valores conferidos aos lugares é que produzimos sentimentos para com os mesmos, de tal sorte que confiamos no lugar para repousar, morar, alimentar, viver ou, até mesmo, passar o resto de nossas vidas. E são essas escolhas é que dão impulso para construção dos lugares.

Nessa perspectiva, Tuan (1983, p. 14) salienta que “O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar”. Nesta passagem de Tuan (1983), o valor simbólico do lugar é reafirmado e, além do valor simbólico, podemos perceber a representação de responsabilidade que o lugar exerce em nossa vida. Confiamos aos lugares, o desenvolvimento da nossa vida. Portanto o lugar é:

[...] onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo. (RELPH, 2012, p.29).

Isto posto, o lugar é uma categoria que abrange, não apenas os seres humanos, mas também os animais. Ainda, Tuan (1983) considera o lugar com uma pausa no movimento. E, de fato, realizamos nossas atividades cotidianas, que, geralmente, demandam a força física, com certos desgastes psicológicos e mentais e é no lugar, que recompomos nossas energias, para que, no outro dia, possamos realizar novamente essas atividades; por isso o caracterizamos como a “pausa no movimento”.

Essa caracterização de pausa na movimentação é utilizada como um mecanismo, em que “Os animais, incluindo os seres humanos descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p. 153). Diante disso, as ILPIs podem ser consideradas como a “pausa no movimento”, visto que o idoso vem de uma trajetória de atividades ao longo dos anos e, em decorrência dos desgastes que essa movimentação do cotidiano lhe trouxe, o idoso passa a necessitar de cuidados especiais, que visam sanar suas necessidades biológicas, fisiológicas e mentais.

Assim, é no lugar que manuseamos nossos descansos físicos e mentais, bem como saciamos as nossas necessidades. “[...] Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. [...]”. (TUAN, 1983, p. 04).

A designação do lugar, onde iremos morar e compartilhar momentos, envolve diversos sentimentos acompanhados de significados subjetivos, pois cada pertencimento, vem acompanhado de necessidades, que geram valores diferentes para cada indivíduo. Isso significa que cada lugar desperta sensações diferentes nos sujeitos, porque “todos os seres humanos têm seus próprios pertences e talvez todos tenham necessidade de um lugar seu que seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo. [...]”. (TUAN, 1986, p. 36). E, quando pensamos nas instituições de idosos, enquanto lugar, a argumentação de Tuan (1986) é muito pertinente, pois é devido à necessidade de um lugar, que o idoso se territorializa nas ILPIs.

Partindo deste princípio, podemos citar aqui que o lugar não é apenas materialidade, ou seja, estrutura física. Existem lugares que criamos laços afetivos, raízes que passam a ter um significado nas nossas vidas. Assim, existe o processo de memorialístico que nos reflete a lugares que tem uma importância na nossa vida, através deste, os lugares tornam-se eternizados. Contudo,

[...] do passado, na escala íntima, perpetuam-se, no movimento memorialístico, as casas de infância e da adolescência e, por outro lado, adere e apodera-se da memória coletiva, retransmitida pela magia pretérita de lugares eternizados na memória.[...]. (MELLO, 2012,p.64)

Tuan (1983) realiza suas reflexões sobre o lugar, exemplificando de diversas formas os lugares e, uma dessas formas consiste em entender o lugar a partir da figura geométrica do triângulo. Argumentando que:

O lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe uma personalidade geométrica [...] A princípio, o triângulo é um “espaço” uma imagem embaraçada. Para reconhecer o triângulo é preciso identificar previamente os ângulos - isto é, lugares. Para o novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens; “lá fora” é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. (TUAN, 1983, p. 20).

Para conhecer o lugar é necessário o processo de identificação com o espaço, sendo que, com a identificação, o ser humano passa a entender a dinâmica em que está inserido e, assim, passa a despertar sentimentos que o atraem para o lugar ou o repele do mesmo. Claval (2007, p. 55) enfatiza que “os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam”.

Os seres humanos em sua forma individual ou coletiva são tentados para construções de lugares em determinado tempo e espaço. Essas construções, essencialmente, têm como suporte a necessidade do ser humano, de ter um lugar para descansar e para chamar de seu.

Então, a afetividade, presente nos lugares, é um dos aspectos que marcam a análise e o estudo do lugar. Entende-se que “[...] A relação afetiva mais imediata dos indivíduos com o espaço se dá no lugar, isto é, em espaços reduzidos nos quais se entabulam as relações mais diretas entre as pessoas no seu dia a dia”. (DINIZ FILHO, 2012, p. 167).

Ademais, dentro dos lugares surgem as representações sociais, que são manifestadas pelos sujeitos que habitam e convivem neles. E, acompanhando as representações sociais, deparamo-nos com a subjetividade e identidade desses mesmos sujeitos para com o lugar.

Nesse sentido, Bartoly (2007, p. 101) evidencia que “[...] uma correta leitura dos códigos, dos símbolos, dos significados, das representações, é fundamental para compreensão do lugar, que é único, constituídos por fatores indentitários singular”.

O simbolismo norteia os lugares, pois as formas de sentir e pertencer ao lugar são particulares de cada sujeito, que o habita e frequenta. Nesta nuance, as ILPIs proporcionam sentimentos diversos em cada idoso, cuidador, visitante, gestor e voluntário, porque as representações sociais dos referidos sujeitos recebem diferentes manifestações e diferentes perspectivas de sentimentos para com a instituição.

Quando as interações de pertencimento e apropriação despertam no sujeito, é comum que seja aguçado o pertencimento, sendo utilizadas expressões que remetem à “posse”, como:

“meu lugar”, “aqui é o meu lugar” e, até mesmo, “ninguém me tira deste lugar”. Essas expressões fazem alusão aos vínculos materiais e imateriais criados pelas pessoas nos lugares.

As ILPIs podem ser consideradas como um lar congestionado, fonte de interação social, de forma que as vidas dos idosos são compartilhadas. Tuan (1983,74) entende que um lar congestionado, é um lar onde é “difícil ficar sozinho, pensar sozinho ou ler tranquilamente. Não apenas as coisas, mas também as pessoas são compartilhadas [...]”. O contexto histórico, cultural, social e familiar dos idosos que vivem nas instituições é diversificado, mas eles têm em comum os dias em que passam juntos, compartilhando sua rotina.

A significação do lugar é acompanhada por contextos sociais e está ligada, diretamente, às dinâmicas dos lugares, como: quem são as pessoas que convivem e habitam esses lugares, como elas sentem os lugares e qual a importância desses lugares para as pessoas.

Assim, entender as qualificações exaltadas no lugar, no mundo contemporâneo, tornou-se um pouco complexo, pois vivemos em um mundo carregado de fluxos de pessoas, mercadorias, informações, etc., com um cenário marcado pelo acúmulo de tarefas do dia a dia, nos quais não paramos para entender os lugares, que habitamos e convivemos. Entretanto, é importante entender as dinâmicas aplicadas ao local, à medida que:

O lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento, do modo como nos adaptamos e nos apropriamos das realidades globais que se introduzem no local, que dão sentido à própria distribuição objetiva das coisas e das pessoas nessa porção do espaço geográfico. (BARTOLY, 2007, p. 72).

Sobre esse processo da globalização, Bartoly (2007) argumenta que o uso das máquinas, geralmente, nos impossibilita de vivenciar o espaço, sendo que “O espaço nos é familiar do modo mais distante possível, pois através da máquina procuramos evitar ao máximo a vivência do espaço, a qual constitui um elemento fundamental para produção de referências simbólicas para construção dos lugares”. (BARTOLY, 2007, p.103).

É preciso notar, ainda, que todos os processos existentes no lugar, assim como as experiências e pertencimentos, são vivenciados pelo nosso corpo, pois é através do corpo que despertamos as sensações que nos remetem à identidade e particularidade com os lugares. Neste sentido, Vasconcellos (2008, p. 23) esclarece que “[...] o lugar é a posição que um corpo ocupa no espaço” e diante disso, o corpo ocupa e desperta sensações e sentimentos nos

lugares. “O lugar não é forma, nem o próprio espaço ou mesmo a matéria, mas o que todo corpo sensível ocupa naturalmente”. (VASCONCELLOS, 2008, p. 23).

Os sentimentos despertados nos lugares demandam um contato direto e perdurável e toda a trajetória do despertar para o lugar passa pelas nossas consciências, sendo que:

[...] através da consciência, advinda de uma ligação sentimental duradora com uma determinada porção do espaço, as pessoas tomam as identidades de seus lugares como suas, ou seja, particularidades impregnadas em um local que passam a fazer parte dos indivíduos. (BARTOLY, 2007, p. 101).

Assim, os simbolismos dos lugares demandam um tempo propriamente dito, para despertar em nossas consciências o valor, que os lugares adotam em nossa vida. O tempo proporciona o desenvolvimento da vida perpassada aos lugares. Precisamos dos lugares para atuar nossas histórias de vida e, neste sentido, a essência do lugar está diretamente ligada a uma associação profunda da consciência do indivíduo com o local em que nasceu, com o local em que vivem, que possui uma história. (BARTOLY, 2007).

Portanto, os cuidadores de idosos manifestam e produzem interações com as ILPIs, pois constroem histórias e despertam sentimentos a cada dia de trabalho, pelo fato de terem e estabelecerem contato direto e perdurável com as instituições de longa permanência, remetendo assim vivências e experiências para com o espaço.

5 - TERCEIRO CAPÍTULO:

-ASPECTO GERAL DO TRABALHADOR CARE CENTRADO NO CUIDADO COM IDOSO

O principal objetivo desse capítulo é analisar e entender a conjuntura do trabalhador *care*⁷, pois o mesmo é um dos atores sociais, que a pesquisa irá abordar. Para melhor compreensão do trabalhador *care*, foi preciso adentrar nas discussões da configuração do seu trabalho.

Nesta perceptiva, o referencial teórico foi construído com base em autores que dedicam seus estudos à temática *care*. Assim, fundamentamos nos seguintes autores: BENDASSOLLI e FALCÃO (2013), BONFIM e GONDIM (2010), BOURDIEU (2002), CAMARANO (2013), GUIMARÃES et.al (2007), HIRATA e KERGOAT (2007), KERGOAT (2009, 2010, 2016), (HOCHSCHILD (2003), MARX (2007), MOLINIER (2012, 2013), SOARES (2013), STANDING (2001) e ZELIZER (2012).

Para começar a conceituação de trabalho *care*, é preciso entender que esse trabalho está inserido na seara da prestação de serviço. Diante disto, é essencial entender que os mecanismos do trabalho no setor de serviço e industrial são diferentes, bem como compreender as diferenças que envolvem o trabalhador industrial e o trabalhador de serviços.

Há de se levar em consideração que os motivos, do trabalhador e da trabalhadora, para a inserção no mercado de trabalho, tanto no setor industrial, como no de prestação de serviço, são os mesmos. Ambos almejam trabalhar para o seu sustento, o que, na contemporaneidade, já não é visto como subsistência, mas como consumo. De acordo com Marx (2007), para sustentar o sistema capitalista, o consumo foi uma das estratégias traçadas pelo mesmo, refletindo nas nossas necessidades e desejos, sendo que ambos se misturaram no seio da sociedade contemporânea, que passou a enxergar os desejos como necessidade, ou seja, o indivíduo não separa suas necessidades de seus desejos.

Todavia, o trabalhador industrial tem seu trabalho canalizado na força, sendo que é através dela que o trabalhador executa sua produção e alcança uma maior produtividade, a qual mantém o vínculo do trabalho na indústria. A atividade industrial, portanto, é desenvolvida, basicamente, em galpões com maquinário para o manuseio da mercadoria.

⁷ A tradução de *care*, para o português, é cuidado. No dicionário Escolar Inglês (1999, p. 74), a palavra *care* é definida como cuidado; ter ou mostrar cuidado; importar-se; interessar-se.

Efetivamente, o trabalhador passa sua jornada de trabalho operando a máquina, para dar origem à sua produção/mercadoria.

Enquanto, os prestadores de serviços lidam diretamente com pessoas e em diversos mercados. A atividade de prestação de serviço não é desenvolvida em galpões, como no setor industrial. Assim, a dinâmica é estabelecida pelo contato direto entre o trabalhador e a pessoa portadora do capital.

Cada setor, onde acontece a prestação de serviço, vai determinar o perfil do trabalhador, pois ele deve se enquadrar no perfil proposto pela empresa ou instituição. Nesta perspectiva, a empresa ou instituição contratante molda o trabalhador para a execução da atividade.

Neste enquadramento acerca da imposição de um perfil de trabalhador pela empresa e/ou instituição, há uma influência do aspecto emocional, que atinge diretamente o trabalhador, pois ele precisa controlar suas emoções e moldar sua personalidade, a fim de conseguir manter seu emprego dentro das atividades do setor de serviços.

Assim, os aspectos emocionais, aplicados no setor de serviços, ganhou ênfase:

Há aproximadamente duas décadas, o interesse pelo estudo dos fenômenos afetivos no contexto organizacional reacendeu, impulsionado, principalmente, pela emergência de novos padrões emocionais para atender satisfatoriamente às exigências de perfil ocupacional no setor de serviços. As organizações passaram a exigir dos empregados a expressão de emoções compatíveis com as demandas dos clientes. (BONFIM; GONDIM, 2010, p. 11).

Efetivamente, como apresentam Bonfim e Gondim (2010, p.11), as emoções produzidas pelo trabalhador devem estar em conformidade com a demanda dos clientes. As autoras compreendem que “Para atender a essas demandas de expressão emocional e desempenhar satisfatoriamente suas funções, os empregados têm que aprender a manejar seus estados afetivos” e sob tal enfoque, o trabalhador deve forjar suas emoções, deixando externamente ao seu âmbito de trabalho, a sua realidade cotidiana.

São os contatos desenvolvidos pelos aspectos emocionais, que ajudam a fundamentar a diferenciação do trabalho da sociedade industrial e pós-industrial⁸, ao que Hochschild (2003,

⁸ A sociedade pós-industrial provém de um conjunto de situações provocadas pelo advento da indústria, tais como o aumento da vida média da população, o desenvolvimento tecnológico, a difusão da escolarização e difusão da mídia. A sociedade pós-industrial se diferencia muito da anterior e isso se percebe claramente no setor de serviços, que absorve hoje cerca de 60% da mão-de-obra, total, mais que a indústria e a agricultura juntas, pois o trabalho intelectual é muito mais frequente que o manual e a criatividade, mais importante que a simples execução de tarefas. Antes era a padronização das mercadorias, a especialização do trabalho, agora o que conta é

p. 09) argumenta no sentido de que, na nova configuração do trabalho pós-industrial, “[...] os indivíduos agora conversam com outros indivíduos, em vez de interagir com uma máquina” e a autora, ainda, afirma que esse modelo de interação face a face é fundamental para entender o trabalho na sociedade pós-industrial.

Ademais, dentro da perspectiva do trabalho pós-industrial, encontra-se o trabalho *care*, que se encaixa muito bem dentro das análises do trabalhador pós-industrial, propostas por Hochschild (2003). O *care* é caracterizado como sendo um trabalho emocional, que tem como principal envolvente a interação com o outro. Interação esta, que é estabelecida pelo contato corporal.

Neste sentido, pós-industrial e de reformulação de conceito, os trabalhos voltados para a prestação de serviços ganharam abrangência no mundo todo, o que inclui o trabalho *care*.

Assim, o trabalho de cuidado vem sendo debatido fortemente em alguns países, como França e Japão. E, no Brasil, a categoria do trabalho *care* passou a receber maior visibilidade no ano de 2002, ano em que foi criada a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), com o intuito caracterizar as atividades ocupacionais no Brasil. Assim, a CBO:

[...] instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. Os efeitos de uniformização pretendida pela Classificação Brasileira de Ocupações são de ordem administrativa e não se estendem as relações de trabalho. Já a regulamentação da profissão, diferentemente da CBO é realizada por meio de lei, cuja apreciação é feita pelo Congresso Nacional, por meio de seus Deputados e Senadores, e levada à sanção do Presidente da República. (CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES, 2017).

Dentro da classificação brasileira de ocupações, encontra-se o cuidador, que é classificado na plataforma da CBO como: 1-Babá, 2-Cuidador de idoso, 3-Mãe Social, 4-Cuidador de saúde. Sendo que a descrição, proposta pela classificação, refere-se a pessoas que “cuidam de bebês, crianças, jovens, adultos e idosos, a partir de objetivos estabelecidos por instituições especializadas ou responsáveis diretos, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida. Esta família não compreende técnicos e auxiliares de enfermagem”.

Apesar da grande gama de trabalhadores domésticos que abarcam o trabalho *care*, no Brasil e em diversos países, os estudos sobre o trabalho *care* são recentes e seu referencial vem ganhando forma, especialmente, ao longo dos últimos anos.

Quando nos referimos à palavra *care*, estamos nos reportando ao sentido da palavra cuidado. Essa ligação de *care* e cuidado não se dá apenas na tradução do inglês para português; é uma ligação material, vivenciada de maneira real, em todos os setores que envolvem o trabalho *care*, tendo o cuidado como principal envolvente do trabalho.

Neste sentido, o termo cuidado não deve ser entendido e centralizado apenas na seara da atenção. Deve-se ir muito além da atenção dada ao outro, pois é um:

[...] trabalho que abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em oferecer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Assim, podemos defini-lo como uma relação de serviço, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica o sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem. (TEORIAS E PRÁTICAS DO CUIDADO, 2013 *apud* KERGOAT, 2016, p. 17).

As ações que envolvem o trabalho *care* são de cunho material e imaterial. Zelizer (2012, p. 18) entende que o trabalho *care* demanda atividades que “incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa, que visa melhorar o bem estar daquela ou daquele que é seu objeto. [...] definindo assim um leque de atenções pessoais, constantes e/ou intensas”. Cada setor do serviço *care* determina uma função diferente, tendo uma característica particularmente subjetiva.

Para complementar a perspectiva do trabalho *care*, fundamentada por Zelizer (2012), Molinier (2012, p. 30) entende que o trabalho de *care* envolve “a noção de serviço como ‘dar atenção’”, sendo que esta atenção é notada em todas as atividades de serviços de *care*.

Ainda na perspectiva de Molinier (2012), o referido autor argumenta que o *care*:

[...] aparece como uma atitude adequada que responde sem furtar-se face à fragilidade do outro e sem destituí-lo de seu estatuto de ser humano em sua integridade. Essa atenção particular, ajustada, às necessidades do outro, em sua sutileza, sua capacidade de antecipação, sua discrição, é solicitada por um trabalho de garçom de café ou de médico. (MOLINIER, 2012, p. 31).

Neste sentido, como propõe Molinier (2012), é preciso evidenciar que as relações de cuidado são sempre atendidas e encaixadas na necessidade do outro. Alinhando sempre a essas necessidades, a conduta (ação e condução do cuidado) de cada setor do trabalho *care*. Nessa perspectiva, o trabalho *care* é classificado como uma “definição de gesto ou uma forma de agir (ou não agir) ajustados ou afinados as necessidades do destinatário, que podem ser inclusive, marcados pela distância ou desapego”. (MOLINIER, 2012, p. 31).

Nos diversos embasamentos fundamentados pelos estudiosos da temática de *care*, encontramos o trabalho *care* sempre encaixado no cuidar das “necessidades físicas, psicológicas, emocionais e de desenvolvimento de uma ou várias pessoas”. (STANDING, 2001, p. 17).

Existem alguns pontos críticos, enraizados no desenvolvimento do trabalho *care*, vez que há a desvalorização acompanhada pela precarização do trabalho do cuidador, que é fruto da falta de políticas, que garantam a valorização do trabalho de *care*. Zalizer (2012, p. 25) lista alguns desses pontos, que são:

1. recusa em considerar que certos trabalhos domésticos devem ser remunerados; 2. falta de segurança econômica para as atividades de *care* que não são pagas; 3. salários pouco elevados para certos trabalhadores de *care*, como o das babás ou das auxiliares de enfermagem a domicílio; 4. recusa de assistência social a mães não casadas, sob pretexto que ela as incita à dependência; 5. resistência à remuneração dos pais pelos trabalhos de *care*.

Aprofundando na seara do “dar atenção”, as instituições de longa permanência podem ser classificadas em: atenção pessoal, constante e intensa, já que, essencialmente, o cuidador passa várias horas do dia com os idosos locados nas instituições de longa permanência, os quais precisam de cuidado constantemente.

Os cuidados estão inseridos em diversas atividades, que vão, desde as mais básicas, até as que exigem maior força física. As atividades básicas são listadas como: horário de dar os remédios, horário das refeições, horário de acordar, horário de lazer, e as atividades mais complexas, que necessita da força física do cuidador, são: locomover com o idoso, transpor o idoso da cama para cadeira de banho e vice versa, dar banho no idoso, empurrar a cadeira de rodas do idoso, entre outras.

Percebe-se que essas atividades são rotineiras e, por isso, são classificadas como constantes. E, podemos destacar que, essa atenção pessoal e constante, pode acarretar algo mais intenso, envolvendo sentimentos e emoções.

Assim, o trabalho *care*, ativamente, demanda ética, pois nele é necessário conhecer as necessidades do destinatário. Na dita tomada de conhecimento da causa, ou seja, no conhecimento das necessidades do destinatário, o trabalhador *care* esbarra nos problemas de saúde do idoso e, até mesmo, em problemas familiares, que envolvem complexidade e delicadeza de fatos, sendo que, diante desse cenário, a ética é essencial no trabalho *care*.

Ainda, no desenvolver das funções do trabalho *care*, ele é tido como um trabalho sujo, sendo essa expressão intitulada por Hughes (1951), para designar funções que causam enojamento, repulsa e repúdio. Trata-se de tarefas que são vistas de maneira degradante.

À vista disso, a tarefa, que remete ao trabalho sujo, é amplamente:

Observada em empregos ou ocupações associadas com lixo, morte, fluidos corporais, esgoto, ou condições perigosas. Por sua vez, o estigma social vinculado a esse mesmo trabalho pode ser identificado na exigência para que os “trabalhadores sujos” adotem uma postura de subserviência em relação aos outros, ou então para que mantenham contato com pessoas estigmatizadas (por exemplo, criminosos ou pacientes com doenças altamente contagiosas). (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013, p. 1156).

O trabalho sujo estabelece funções importantes no desenvolvimento da vida em sociedade, pois as atividades do trabalho sujo são primordiais para sanar suas necessidades e dificuldades da sociedade. As atividades executadas são classificadas pela sociedade como repugnantes, sendo assim consideradas pela sociedade “porque ligados ao escoamento dos humores sexuais ou corporais, à preparação dos cadáveres ou à evacuação de dejetos da vida cotidiana [...]”. (MOLINIER, 2013, p. 34).

As atividades, tratadas como trabalho sujo, são aquelas que a sociedade, geralmente, “procura não fazer e, se possível delegar a alguém em posição socioprofissional hierarquicamente inferior (subalterno ou mais jovem, menos qualificado, pertencente a um grupo discriminado)” (MOLINIER, 2013, p. 34).

Portanto, pode-se constatar uma divisão do trabalho, delimitada através da hierarquização do mesmo, e, também, uma fragmentação das pessoas, separando-as em qualificadas e não qualificadas. Conseqüentemente, é preciso relatar que existem duas classificações de trabalho e de trabalhadores.

Dessa forma, na classificação do trabalho, existem os trabalhos denominados sujos, que são considerados inferiores, e os que não são caracterizados como sujos, que são ditos superiores. E, na divisão dos trabalhadores, encontramos os que executam o trabalho sujo, que são menos qualificados profissionalmente, e os que não o executam, que são mais qualificados. Nesta perspectiva, existem rótulos separatistas para cada tipo de trabalho e para cada trabalhador.

Nesse contexto, por mais que sociedade conceba o trabalho sujo, ao mesmo tempo desapropria a sua importância, pois “[...] Em outras palavras, a mesma sociedade que cria a

demanda e necessidade por trabalhos sujos priva aqueles que os realizam de um status social observado em outras ocupações ou esferas da vida social [...]”. (BENDASSOLLI E FALCÃO, 2013, p. 1156).

No panorama do trabalho sujo, existe uma relação conectiva entre o corpo e a morte, sobre o que Molinier (2013) argumenta que:

O trabalho sujo e o *care* se encontram então conceitualmente sob o aspecto da relação com o corpo e a morte. Além disso, cuidar dos outros, não é forçosamente agradável. [...] os atores de *care* [...] eles não são heróis, são ambivalentes, defensivos, eivados de contradições, de conflitos entre seu próprio interesse e os interesses dos outros. (MOLINIER, 2013, p. 34).

Essa dualidade de sentimentos e funções do trabalhador *care* é refletida na sociedade, como um trabalho de complemento, com a união de interesses dos outros e do próprio interesse do trabalhador de *care*. No fundo, essa manifestação de complementaridade, acaba sendo importante para a sociedade, visto que os serviços prestados pelo trabalhador *care* são essenciais para sanar as necessidades humanas (fisiológicas e psicológicas dos pacientes).

Geograficamente falando, o trabalhador *care* é uma peça fundamental para o bom desenvolvimento social e dos espaços, já que sem os trabalhadores que executam o trabalho sujo, a sociedade entraria em lapso, pois um lixo, se não retirado, causa diversos transtornos. Assim, a saber, no caso dos idosos com dependência (sejam eles locados nas instituições de longa permanência, ou não), sem os cuidadores para executar a higienização do corpo ou do próprio espaço onde o idoso está locado, existiriam sérios problemas sociais e no próprio espaço.

Assim, as atividades executadas pelos trabalhadores, que realizam o trabalho sujo, são essenciais para o desenvolvimento da vida humana, motivo que Molinier (2013) salienta a importância do trabalho sujo ao afirmar que:

O conjunto do trabalho sujo, incluindo as atividades de cuidados de saúde, levanta questões *do que é preciso fazer* e que não pode ser deixado de lado sem graves desordens para a sociedade pelo simples fato de que somos corpos (com esta dupla contradição, vivos ou mortos). Os corpos não podem ficar sem alimentos, ou nus, ou sujos de excrementos; os cadáveres não podem cobrir as ruas, nosso lixo não pode acumular-se indefinidamente... é preciso que alguém se ocupe disso tudo. O “trabalho sujo” nesse sentido é *aquilo que se queria evitar fazer*, em que se queria nem sequer pensar mas que é da ordem, assim como o *care*, das necessidades vitais. (MOLINIER, 2013, p. 34).

Partindo para uma análise mais específica das dimensões, que envolvem o trabalho *care*, encontramos diversas dimensões que o delineiam. Essas dimensões são caracterizadas por Soares (2013) como dimensão: sexual, relacional e emocional.

A primeira dimensão, proposta por Soares (2013), é a dimensão sexual, tendo como amarra principal o corpo e, em especial, “o corpo da trabalhadora na produção dos cuidados” (SOARES, 2013, p. 46). O desenvolvimento do cuidado tem como essência o contato corporal, sendo que a higienização do corpo de quem recebe o cuidado é uma das práticas realizadas pelo cuidador. Destarte, o trabalho, na dimensão sexual, é caracterizado pelo:

O corpo ou uma parte do corpo são instrumentalizados durante a produção de um serviço, como nos casos em que é preciso responder a avanços sexuais do cliente/paciente sem melindrá-lo [...] ter um contato físico direto durante a realização de uma tarefa. Dessa maneira, o corpo ou uma parte do corpo das trabalhadoras são integrados à prestação mesmo do serviço. (SOARES, 2013, p. 46).

Soares (2013) argumenta que, para conseguir ou manter o emprego, muitas vezes as trabalhadoras fingem “ser atrizes sexualizadas”, oferecendo uma imagem “agradável” ou mesmo “atraente”. O autor, ainda, ressalta que “é preciso observar requisitos de aparências como não se mostrarem cansadas, enfeitarem-se e maquiarem-se com o cuidado, entretanto, de respeitar a ‘discrição’ que é delas esperadas”. (SOARES, 2013, p. 47).

A segunda dimensão, fundamentada por Soares (2013), é a relacional, que está associada às qualificações sociais, que são baseadas na expressão “finja que está tudo bem”. Assim, a cuidadora deve manter o equilíbrio emocional sempre, sem deixar transparecer e/ou depositar seus desequilíbrios emocionais em quem recebe o cuidado. Soares (2013), ainda, exemplifica essa dimensão como:

A capacidade de guardar o adequado equilíbrio na interação, um aspecto importante para preservar a comunicação, a escuta. Temos ainda a paciência, a capacidade de manter o controle emocional, de não perder a calma, ao longo do tempo. Devem-se tolerar erros, fatos indesejados, inesperados, cômodos, assim como a obstinação do outro. Trata-se de ser perseverante, escutar com calma e agir com tolerância. (SOARES, 2013, p. 47).

Outrossim, de acordo com a dimensão relacional, para ter o êxito no trabalho é preciso forjar e controlar emoções, cansaços físicos e psicológicos para conseguir manter o trabalho. A paciência e a tolerância são aspectos importantes para o trabalhador.

E, a última dimensão, listada por Soares (2013), é a emocional, que é identificada no trabalho *care*, por ser este um trabalho que demanda interação social. As atividades de *care*, frequentemente, requerem ligações sociais, que se apresentam em um contato com o corpo, estabelecendo, assim, uma dimensão muito profunda. No caso do contato entre o cuidador e o idoso, este é estabelecido diretamente e, ao longo deste convívio ou contato, surgem emoções, que são produzidas pelo cuidador e pelo idoso, que recebe o cuidado.

No entanto, ao citar a palavra emoção, devemos estar cientes que a mesma é dotada de subjetividade. As emoções são acordadas nos sujeitos, a partir das interações sociais. Nesse sentido, Soares (2013, p. 49) argumenta que “[...] a emoção possui um começo e um fim, e uma duração suficiente para que possamos, ao menos, reconhecer-lhe determinada qualidade”.

O começo e o fim das emoções são ações que se fazem presentes de maneira efetiva nas ILPIs, sendo que entre o começo e o fim encontra-se a duração, ou seja, o desenvolvimento dos dias do cuidador do idoso, no qual surge o ensejo de reconhecimento da qualidade dos serviços prestados. E assim, “vale assinar que nem todo trabalho emocional é, necessariamente, trabalho de cuidado, mas todo trabalho de cuidado envolve, sempre, o trabalho emocional”. (SOARES, 2013, p. 49).

E, dentro da perspectiva do trabalho emocional, o cuidador sempre visa à qualidade dos serviços prestados, frisando sempre na qualidade de vida do idoso, intrinsecamente a felicidade do mesmo. Essa ação, de transmitir o bem-estar para o idoso, serve como uma “porção do esquecimento”, sendo que, por mais que o idoso enfrente momentos difíceis, como problemas de saúde ou ausência familiar, a cuidadora ou cuidador tentará estimular o sentimento de felicidade, para que o idoso venha a esquecer dos seus problemas.

Acerca dessa dita “porção do esquecimento”, produzida pelo cuidador, SOARES (2013) argumenta que existem dois tipos de trabalho emocional. O primeiro “é o agir em superfície, quando se fingem emoções que não são realmente sentidas” (SOARES, 2013, p. 50). Neste tipo de trabalho emocional, o trabalhador precisa forçar as ações, para satisfazer o bem-estar do destinatário, ou seja, o cuidador força ações para satisfazer o bem-estar do idoso.

O outro tipo verifica-se quando a emoção que surge natural e espontaneamente. “As pessoas esforçam-se para sentir a emoção a ser externada, buscando dentro delas os estímulos que lhes permitirão despertá-la, de modo a se adequar às regras de expressão exigidas publicamente”. (SOARES, 2013, p. 50).

É preciso destacar a dualidade, existente nesses dois modos de agir, que reflete, eminentemente, na saúde do trabalhador, gerando nele um desequilíbrio mental sério, que está associado à “disparidade entre o que sentimos e o que demonstramos sentir, e essa disparidade pode produzir em nós um sentimento de inautenticidade. Semelhante dissonância emocional pode ser uma fonte importante de estresse.” (SOARES, 2013, p. 50).

Outra questão, que merece atenção especial, trata-se do gênero, que, atualmente, é muito debatido pelos estudiosos do trabalho *care*; debate este, que traz, como pauta, a

fundamentação acerca da grande parcela de mulheres que ocupam os setores domésticos, voltados ao trabalho *care*. Sendo assim, existe uma gama de explicações para a resultante da feminização do trabalho *care* e, uma delas, está centrada no contexto histórico machista, que canaliza as mulheres aos trabalhos destinados ao cuidado.

Desse modo, afirmam que a mulher tem o instinto maternal e, por isso, deve exercer as funções, que estão diretamente ligadas aos cuidados. Outro aspecto, que coloca as mulheres na ponta da pirâmide dos trabalhos *care*, é a destinação que colocam os homens em sobreposição salarial em relação à mulher. Quando direcionamos as discussões de gênero, no capitalismo e na contemporaneidade, encontramos em Kergoat (2010) a explicação no:

[...] fato de que o capitalismo tem necessidade de uma mão-de-obra flexível, que empenhe cada vez mais sua subjetividade: o trabalho doméstico assumido pelas mulheres libera os homens e, para as mulheres de alta renda, há a possibilidade de externalização do trabalho doméstico para outras mulheres. (KERGOAT, 2010, p. 94).

Sendo assim, a essência do trabalho *care*, destinado para as mulheres, no mundo capitalista, está na subjetividade. O homem vende sua força de trabalho, caracterizada pelo trabalho físico, libertando-o de todos os sentimentos que o remeta a subjetividade, deixando-a para as mulheres, que por sua vez devem exercer o trabalho de maneira flexível.

Por conseguinte, “[...] aos homens, delegam-se as tarefas que lhes exigem que seja agressivos, duros, rudes, frios, etc. O homem não pode chorar ou ser sensível. Às mulheres, confiam-se as tarefas que exigem a delicadeza, a empatia, a gentileza, sensibilidade, etc. (SOARES, 2013, p. 52).

Diante deste cenário, a maior da parcela do trabalho *care* é realizada pelas mulheres. Quando fragmentamos o estudo da feminização, deparamos com a maioria das cuidadoras com os perfis de mulheres negras e pobres, que, geralmente, passam a ser exploradas por pessoas, com estereótipo, de classe social e econômica valorizadas. Portanto, o trabalhador *care* serve como instrumento de conforto para essa classe social valorizada, sendo assim processada.

[...] na confluência entre relações sociais de sexo, de classe e de raça onde os homens, as classes privilegiadas, os brancos, dominam/exploram as pessoas que realizam o trabalho de *care* a seu serviço, enquanto, na prática eles dependem deste trabalho: seu conforto, assim como sua eficiência, depende da qualidade do trabalho *care*. (MOLINIER, 2012, p. 31).

Dessa forma, o desenvolvimento das atividades do trabalho *care* é realizado, majoritariamente, por mulheres, desencadeando a divisão sexual do trabalho, de modo que as

sociólogas, Hirata e Kergoat (2007) definem o processo de divisão social do trabalho em dois princípios, entendidos, por elas, como:

[...] o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Assim, a divisão sexual do trabalho nada mais é que a separação de atividades entre o masculino e o feminino. Essa separação de gênero é vista, em nossa sociedade, como um fenômeno biológico e natural. Entretanto, “As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas são antes de tudo construções sociais”. (KERGOAT, 2009, p. 55). De certo modo, a divisão sexual do trabalho é um fenômeno construído e mantido através das relações sociais.

Com a divisão social do trabalho incluída e materializada na nossa sociedade, o conceito de trabalho sofre reformulações ao longo dos estudos, sendo que a divisão sexual do trabalho passa ser fundamentada nos estudos que envolvem a temática trabalho. Sobre essa reformulação conceitual de trabalho, Kergoat e Hirata (2007) entendem que é uma:

[...] nova maneira de pensar o trabalho teve muitas consequências. Por uma espécie de efeito *boomerang*, depois que “a família”, na forma de entidade natural, biológica, se esfacelou para ressurgir prioritariamente como lugar de exercício de um trabalho, foi a vez de implodir a esfera do trabalho assalariado, pensado até então apenas em torno do trabalho produtivo e da figura do trabalhador masculino, qualificado, branco. (KERGOAT; HIRATA, 2007, p. 598).

A propósito, Hirata (2007, p. 01) acrescenta que divisão sexual do trabalho é um fenômeno presente em diversas atividades no mundo do trabalho. Conforme explica a autora, é “[...] um conceito ampliado, que inclui o trabalho profissional e doméstico, formal e informal, remunerado e não remunerado” (HIRATA, 2010, p. 01), que, por isso, deve ser discutido nas diversas esferas do trabalho. Hirata e Kergoat (2007) defendem que a divisão sexual do trabalho é:

[...] modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

Portanto, os homens são destinados à esfera produtiva e as mulheres, à esfera reprodutiva. Os homens ocupam cargos com maior valor social, no qual exercem a

produtividade, enquanto as mulheres estão destinadas a atuar em cargos, que são considerados com menor valor social, ligados à esfera da reprodução. Essa reprodução, geralmente, está associada ao instinto maternal, naturalizada pela sociedade. Logo, os homens trabalham na linha de produção, onde exercem maior força física e as mulheres, trabalham com o cuidar – cuidar da casa, cuidar dos filhos, cuidar da família, já que a mesma tem o “dom de reprodução da vida”.

Bourdieu (2002) entende que a divisão sexual do trabalho é, pautada em uma divisão, construída socialmente. Para o autor, a divisão social do trabalho se apresenta na sociedade de uma maneira normal e natural, sendo que:

A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas” como se diz por vezes para falar do que é normal, natural a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas” em todo o mundo social) e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como um sistema de esquemas de percepção, de pensamento e ação [...]. (BOURDIEU, 2012, s/p).

Assim, a divisão social do trabalho, termo usado por Bourdieu (2002), e a divisão sexual do trabalho, defendida por Kergoat e Hirata (2007), são termos designados para entendimento do fenômeno da separação do masculino e do feminino nas atividades de trabalho, sejam elas atividades formais ou informais.

Essa separação de gênero está materializada, em nossa sociedade, de forma natural, tendo a sua construção nos *habitus* produzidos e reproduzidos pela sociedade, que nos programa a acreditar que o fenômeno da divisão da sociedade é um algo normal, naturalizando esse processo.

Ainda, na perceptiva de Bourdieu (2002):

[...] é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservado às mulheres [...]. (BOURDIEU, 2002, s/p).

A divisão social do trabalho, fundada no aspecto sexual (divisão entre homens e mulheres), apresenta disparidade entre local e espaço, sendo que existem alguns locais e/ou espaços construídos com viés separatista, vez que são reservados de acordo com o sexo.

Contudo, dentro desta exploração, existe, ainda, uma relação complementar, em que a classe privilegiada precisa, ativamente, do trabalho *care*, para manter seus imóveis ou o corpo físico cuidados.

O cuidado desta trabalhadora fica centrado, na maior parte do dia, na família que a emprega, e se, acaso, a família da cuidadora vir a precisar da sua atenção e cuidado, não há nenhuma política pública que garanta o seu afastamento com benefícios, logo se a cuidadora optar por cuidar de sua própria família, poderá ser despedida, sem nenhuma garantia.

Detalhando tal situação, Zelizer (2012, p. 22) ressalta que “[...] segundo um estudo detalhado, essas mulheres se encontram frente a um terrível dilema: se elas trabalham, seus filhos doentes não têm mais o cuidado apropriado, mas se param de trabalhar para cuidar de seus filhos, perdem seus subsídios da ajuda social”.

Os números de trabalhadores de *care* de idosos aumentam cada vez mais, no Brasil, e esse acréscimo é correspondente ao crescimento da expectativa de vida do brasileiro. Aliás, Camarano (2013) quantifica os dados sobre a população idosa através do banco de dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), apontando que haverá um incremento de aproximadamente 400% no número de cuidadores de longa duração, para a população idosa, nos países em processo de desenvolvimento. Ressalva ainda, que as taxas de idosos brasileiros, que necessitarão de cuidados, deverão estimar-se, aproximadamente, em 30 a 50% entre os anos 2010 e 2020.

Sendo assim, “[...] mais pessoas estão sobrevivendo às idades elevadas, o número das que não conseguirão manter a sua independência/autonomia tende a aumentar, o que implica um crescimento da demanda por cuidados”. (CAMARANO, 2013, p. 148).

Esse crescimento da população idosa aponta para um aspecto de complementaridade, pois esse aumento provoca, também, um aumento do número de trabalhadores *care*, para cuidar da população idosa. Esse processo de longevidade da população junto ao crescimento da quantidade de cuidadores de idosos ocasionam novas configurações das atividades. Guimarães, Hirata e Sugita (2007) levantam questões importantes sobre essas configurações que:

[...] leva à estruturação de um mercado de oportunidades profissionais cada vez mais amplo e ao desenvolvimento de políticas públicas de acompanhamento a longo prazo de idosos e pessoas com deficiência, com repercussões em carreiras e formas de regulamentação profissional das condições e relações de trabalho dos prestadores/as desse tipo de serviço. (GUIMARÃES, HIRATA, SUGITA, 2007, p. 152).

Ainda, as referidas autoras fizeram uma conjuntura dos motivos, que as levaram a estudar e analisar o trabalho *care* voltado ao cuidador de idoso, sendo que para elas, os idosos não são os únicos que demandam cuidados, mas:

[...] boa parte da literatura tem se concentrado em outros beneficiários, tais como as crianças. Então, porque voltar a atenção para o *care* de idoso? Na verdade, o Brasil, a França e o Japão estão atravessando, mesmo que em ritmo e dinâmica desiguais, um forte crescimento do número de idosos e, conseqüentemente, do peso destes em suas populações. Esse processo de envelhecimento da população, [...] determina novas exigências e produz novas configurações das atividades tradicionais do *care*. Elas assumem uma escala importante, que leva à estruturação de um mercado de oportunidades profissionais cada vez mais amplo e ao desenvolvimento de políticas públicas de acompanhamento a longo prazo de idosos e pessoas com deficiência, com repercussões em carreiras e formas de regulamentação profissional das condições e relações de trabalho dos/as prestadores/as desse tipo de serviço. (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2007, p. 85).

Portanto, os estudos, centrados nos idosos e nos trabalhadores de *care*, acrescentam conteúdo para o entendimento das novas dinâmicas demográficas, que trazem as novas movimentações populacionais, sociais, econômicas, culturais e políticas na sociedade.

Logo, pensar no idoso e no trabalho *care*, atualmente, em nossa sociedade contemporânea, é pensar na nossa estrutura social e em nosso futuro, enquanto futuros idosos, que poderemos precisar um dia dos trabalhadores de *care*. Então, abordar essas duas categorias é buscar entender as novas exigências da estruturação do mercado de trabalho e da sociedade.

6- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico da pesquisa é caracterizado pelo método de natureza qualitativa.

O principal intuito da pesquisa foi analisar as representações sociais da instituição de longa permanência, na perspectiva dos idosos e das suas cuidadoras. E, a partir da análise das representações procuramos entender como os idosos e as cuidadoras percebiam, sentiam e até mesmo buscava dar sentido a ILPI pesquisada. Assim, a instituição foi analisada, na perspectiva teórica da categoria lugar.

Então, a linha teórica da pesquisa consistiu em fundamentar as representações sociais do lugar. Portanto, optamos por introduzir o processo de envelhecimento da população, para nos situarmos sobre a conjuntura do mesmo. O referencial construído parte do entendimento das representações sociais, passando pelo o embasamento da categoria geográfica lugar para, enfim, tratar sobre o trabalhador *care*, que é um dos principais agentes sociais da pesquisa. Contudo, por termos analisado o agente social, na figura do idoso, na introdução, não construímos um capítulo específico para o mesmo.

Dessa forma, o procedimento de coleta, que proporcionou os resultados, foi realizado através do levantamento, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas em trabalho de campo. O levantamento é considerado como:

[...] um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas. É geralmente desenvolvido em três etapas: seleciona-se uma amostra significativa, aplicam-se questionários ou formulários, ou entrevistam-se diretamente os indivíduos; os dados são então tabulados e analisados quantitativamente, com o auxílio de cálculos estatísticos; os resultados conseguidos com essa(s) amostra(s) são, então, aplicados, com margem de erro estatisticamente prevista ao universo gerador da amostra. (SANTOS, 2007, p. 30).

Nesse ponto, cumpre destacar que a pesquisa qualitativa tem, como aspecto principal, o contato direto com o objeto de estudo, pois o pesquisador busca o resultado através das descrições que são estabelecidas pelo entrevistado e o objeto de estudo. Nesta perspectiva, Godoy (1995) argumenta que:

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento

mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. (GODOY, 1995, p. 62).

Os pesquisadores visam processos de manifestações constantes do objeto de estudo, e não apenas os resultados. Sendo assim, os pesquisadores qualitativos:

[...] estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto. O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. (GODOY, 1995, p. 63).

Nesse tipo de pesquisa, a preocupação do pesquisador é entender os contextos dos fenômenos manifestados pelos sujeitos, grupos sociais, organizações, entre outros. Terence e Filho (2006) entendem que:

Na abordagem qualitativa, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. (TERENCE; FILHO, 2006, p. 02).

Nesta perspectiva, os estudos qualitativos proporcionam as interações dos sujeitos, que geram diversos significados, ao que Stake (2011) considera que:

O estudo qualitativo é interpretativo. Fixa-se nos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista. Os pesquisadores se sentem confortáveis com significados múltiplos. [...] Esse tipo de estudo reconhece que as descobertas e os relatórios são frutos de interações entre o pesquisador e os sujeitos. (STAKE, 2011, p. 25).

A utilização de entrevistas semiestruturadas é um procedimento, cujo objetivo consiste em obter informações para o desenvolvimento de pesquisa. Essas entrevistas, adentradas aos campos de estudos, têm como características básicas identificar:

[...] os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 21).

Assim, o trabalho de campo é fundamental para conhecer o objeto de estudo e para estabelecer contato com o mesmo. Santos (2007) salienta que o campo é considerado como:

[...] o lugar natural onde acontecem os fatos/fenômenos/processos. A pesquisa de campo é aquela que recolhe os dados *in natura*, como percebidos pelo pesquisador. Normalmente, a pesquisa de campo se faz por observação direta, levantamento ou estudo de caso. (SANTOS, 2007, p. 29).

Para a aplicação das entrevistas, foi preciso criar dinâmicas que favoreciam a fundamentação do trabalho, tais como: um bom roteiro para nortear as entrevistas com os gestores, cuidadores e idosos, bem como analisamos, através do trabalho de campo, o melhor horário para a realização das entrevistas. Sendo que o pesquisador deve dispor de tempo para a execução das entrevistas. Neste sentido:

[...] O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI E QUARESMA, 2005, p. 08).

Todos os aspectos relatados acima são essenciais para o resultado de uma boa entrevista, que virá a fornecer várias informações sobre o objeto de estudo. Nesta lógica, a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. (TRIVINOS, 2008, p. 152).

Portanto, a entrevista semiestruturada procura entender as qualificações do objeto de estudo. Diante disto, “A principal vantagem da entrevista aberta e também da semiestruturada é que essas duas técnicas quase sempre produzem uma melhor amostra da população de interesse” (BONI E QUARESMA, 2005, p. 08)

6.1.1-OBJETO E SUJEITOS DA PESQUISA

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e dezembro de 2017 com oito cuidadoras e sete idosos (selecionados de acordo com sua saúde física e psicológica). Todo o roteiro utilizado durante a entrevista com os idosos foi apresentado para a gestão e para as cuidadoras, antes da aplicação da entrevista, para que os mesmos pudessem fazer uma avaliação acerca do conteúdo, para que este não viesse a lesar o psicológico e a saúde do idoso.

As entrevistas com os idosos foram realizadas na parte da manhã, exatamente as 09:00 horas até as 10:00.. Esse horário foi escolhido pelos gestores da instituição pesquisada, porque consideraram ser o melhor horário de disposição para os idosos.

Enquanto as entrevistas com as cuidadoras foram realizadas após o almoço, especificamente, após 13:00 horas, o referido horário, também, escolhido pela gestão da ILPI,

por considerarem, que todos os dias, após o almoço, os idosos dormem. Tal horário facilitou a realização das entrevistas com as cuidadoras.

QUADRO 01: PERFIL DAS CUIDADORAS ENTREVISTADAS DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA

Entrevistada (01):	Mulher, quarenta anos, branca, casada, dois filhos, ensino fundamental completo, quatro anos trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.
Entrevistada (02):	Mulher, quarenta anos, branca, casada, dois filhos, ensino fundamental incompleto, cinco anos trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.
Entrevistada (03):	Mulher, trinta e oito anos, parda, solteira, três filhos, ensino fundamental incompleto, oito meses trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.
Entrevistada (04):	Mulher, vinte e oito anos, branca, casada, dois filhos, ensino fundamental incompleto, quatro meses trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.
Entrevistada (05):	Mulher, trinta e seus anos, negra, casada, quatro filhos, ensino fundamental incompleto, seis anos trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.
Entrevistada (06):	Mulher, quarenta e seis anos, branca, casada, um filho, ensino médio completo, cinco anos e três meses trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.
Entrevistada (07):	Mulher, cinquenta e oito anos, parda, casada, quatro filhos, ensino fundamental incompleto, sete anos trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.
Entrevistada (08):	Mulher, trinta e quatro anos, branca, casada, três filhos, ensino médio completo, um ano e oito meses trabalhando no abrigo, trabalho anterior: doméstica.

Fonte: Campo. Org.: FRANCO, 2017.

QUADRO 02: PERFIL DOS IDOSOS ENTREVISTADOS DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA

Entrevistada (09):	Mulher, sessenta e um anos, não possui filhos, solteira, sem escolaridade, dez anos morando na instituição pesquisada.
Entrevistado (10):	Homem, oitenta e dois anos, não possui filhos, solteiro, sem escolaridade, três anos morando na instituição pesquisada.
Entrevistado (11):	Homem, sessenta e cinco anos, não possui filhos, solteiro, sem escolaridade, seis anos morando na instituição pesquisada.
Entrevistado (12):	Homem, oitenta e um anos, um filho, solteiro, ensino básico incompleto, quatro anos morando na instituição pesquisada.
Entrevistado (13):	Homem, sessenta e um anos, não possui filhos, solteiro, ensino básico incompleto, um ano morando na instituição pesquisada.
Entrevistado (14):	Mulher, setenta e um anos, quatro filhos, viúva, ensino básico incompleto, quatro anos morando na instituição pesquisada.
Entrevistado (15):	Homem, oitenta e seis anos, não possui filhos, casado, ensino básico incompleto, morando na instituição pesquisada.

Fonte: Campo. Org.: FRANCO, 2017.

6.1.2 - BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DAS ILPI's NO BRASIL

As instituições de longa permanência não são recentes no Brasil. A primeira construção de uma ILPI no Brasil, foi em 1790. Segundo Lima (*apud* COSTA E MERCADANTE, 2013,p.212) esta teve como intuito “acolher soldados portugueses que participaram da campanha de 1792, e que, naquela ocasião encontravam-se “avançados em anos e cansados de trabalhos”. Assim, a ILPI era destinado para estes soldados porque segundo o referido autor eles “se faziam dignos de uma descansada velhice”

Nesta perspectiva, a primeira ILPI era titulada como casa dos inválidos, a mesma foi construída por Conde de Resende, que:

[...] contrariando todas as normas da época, cria esta instituição, inspirando-se na obra de Luís XIV (Hôtel des Invalides) destinado aos heróis [...]. Como podemos ver a primeira instituição criada no Brasil era restrita a soldados militares e não à velhice em geral. Com a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808, a casa que abrigava essas pessoas foi “cedida” ao médico particular do Rei e os internos foram transferidos para a Casa de Santa Misericórdia (LIMA, 2005,p.26 *apud* COSTA E MERCADANTE, 2013,p.212).

A transferência do nome casa dos inválidos para casa de santa misericórdia trouxe poucas mudanças na sua proposta. Por isso:

No que se refere à Casa de Santa Misericórdia, sabe-se que foram os serviços de hospitalização da época colonial. Fundadas e administradas por irmandades de leigos ou eclesiásticos (origem privada), exerciam uma atividade assistencial, destinada aos doentes pobres. Mas não só os pobres se beneficiavam desses serviços, também os indigentes, forasteiros, soldados e marinheiros. A manutenção desses hospitais dependia da caridade dos habitantes, doações ou esmola, recolhidos nas ruas e das arrecadações dos dízimos concedidos pelo Rei. (LIMA, 2005,p.26 *apud* COSTA E MERCADANTE, 2013,p.212).

Após 47 anos (quarenta e sete) anos da sua criação criou-se o decreto do “asilo dos inválidos da Pátria” que segundo Costa e Mercadante (2013,p 213) que ficou por três décadas no papel, sendo construído e inaugurado em 1868, situado no Rio de Janeiro, na Ilha do Bom Jesus. Isso nos faz ver que o problema relativo às pessoas “inválidas” não era tão urgente na época e parece que também não incomodava a muita gente.

No ano de 1854, fundou-se o a instituição titulada como “asilo de mendicidade” destinado para abrigar a população que na época era considerada um risco para a sociedade. Para isso “em nome de uma sociedade sadia, os muito miseráveis eram uma ameaça, pelo modo como viviam, por serem perigosos agentes propagadores de doenças. Sua livre coexistência junto aos demais segmentos da população não poderia ser tolerada [...]”(COSTA;MERCADANTE, 2013,p.213).

É válido ressaltar que além dos moradores de rua os idosos também eram caracterizados como uma ameaça, e assim, todos:

[...] os excluídos socialmente (mendigos, vagabundos, prostitutas, criminosos) eram assistidos de forma idêntica. Com o desenvolvimento da medicina, no início do século XIX, houve a separação dessas categorias de pessoas, embora somente no final desse século passou-se a perceber as diferenças entre os pacientes do que adveio sua separação, ordenando, dessa forma, os espaços institucionalizados. (COSTA;MERCADANTE, 2013,p.213)

As autoras Costa e Mercadante (2013,p.213) posiciona os aspectos que estimularam as construções das instituições de longa permanência, que de acordo com ela “A velhice, nessa época, já habitava as ruas das cidades. Com a abolição, os escravos sem trabalho e muitos

com idade avançada passaram a perambular pelas ruas, engrossando a multidão de pedintes, fato este que contribuiu para a criação das instituições asilares”.

Podemos perceber até o presente momento que as instituições eram construídas para abrigar diversas pessoas com situação de mendicidade, nesta, os idosos eram incluídos. Não existente uma instituição de permanência própria para abrigar os idosos que necessitavam de cuidado.

Para os autores, ARAÚJO et.al (2010,p.252) existe um ponto de ligação entre a história dos hospitais com a das ILPI, isto porque “ ambas abrigavam idosos em situação de pobreza e exclusão social. No Brasil, o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada, criado em 1890, foi a primeira instituição para idosos no Rio de Janeiro. O surgimento deste dá visibilidade à velhice”. Diante disto, os asilos passaram a ter mais especificidade, no caso, voltado apenas para idosos.

7 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1.1 - A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO LUGAR NA PERSPECTIVA DO IDOSO

Para entendermos a instituição de longa permanência como lugar, é preciso buscar as experiências, vivências, sensações, sentimentos e representações, que são manifestados pelos idosos e cuidadoras. Para tanto, realizamos entrevistas com os idosos e, no desenvolvimento das mesmas, percebemos que o "sentir o lugar" apresenta diversas possibilidades de representações.

Então, verificamos que alguns idosos sentem-se pertencidos e familiarizados com a instituição, enquanto outros avaliam a ILPI como um bom lugar, mas não conseguem ter o mesmo tipo de sentimento. Mas, apesar dessa contradição, encontramos um aspecto em comum, pois é possível observar que a instituição é, normalmente, vista como um lugar de pausa no movimento (termo criado por Tuan, 1983), ou seja, é um lugar onde as pessoas descansam e recebem os cuidadores necessários, depois de tudo o que a vida lhes propiciou.

Cumprido destacar, nesse ponto, a forma como o idoso entende, imagina e, por que não dizer, relaciona-se com a instituição pesquisada, conforme pode ser observado no fragmento (001), em que a entrevistada estabelece uma relação de valor com a instituição, apresentando-a como um lugar, que supre suas necessidades fisiológicas, como: banho, comida e remédio.

(001) Aqui é muito bom, não tenho que falar do abrigo aqui, não. Aqui tudo é bom, tudo é bom [...]. Aqui, não vou falar de mal não, aqui é muito... a pessoa muito bom, come a hora que quer, tem remédio, tem roupa lavada, comida na hora certa, remédio, banho. Aqui é bom, aqui é um lugar especial, eu gosto daqui. E eu gosto de Deus, gosto muito de cantar o hino da igreja [...]. Tudo é bom, aqui pode internar todo mundo aqui. (ENTREVISTADA 09).

Ainda, notamos, no fragmento acima, que os aspectos de necessidade são supridos na ILPI, segunda a entrevistada. Desta forma, a idosa ressalta a definição do conceito de lugar, de maneira mais genérica. Portanto, para um espaço ser classificado como lugar, ele precisa, inicialmente, sanar as nossas necessidades. Assim, a entrevistada definiu a instituição como um centro de valor que sana suas necessidades.

Nesse sentido, também observamos que o entrevistado, no fragmento (002), demonstra a instituição como um lugar que supre as necessidades básicas dos idosos.

(002) Esse lugar é ótimo, bom a gente que é sozinho vim pra cá foi bom pra mim, agora eu não sei para os outros para mim foi bom eu não passo falta de nada. (ENTREVISTADO 13).

Logo, o lugar é exposto como um ponto de valor, que fornece os cuidados necessários para sobrevivência dos idosos. Além disso, podemos verificar a ILPI pesquisada enquanto um lugar social, ou seja, um lugar que supre as carências dos idosos, evitando a solidão. Assim, a instituição pesquisada apresenta-se como um lugar que cede, aos idosos, os cuidados necessários com o corpo, mas que, simultaneamente, promove a reunião de um grupo social: no caso, os idosos.

Também observamos as dimensões do tempo e das relações sociais para a definição do lugar, consoante apresentado no fragmento (003), no qual o entrevistado utiliza o tempo, o lugar e as relações sociais para definir o seu lugar de vivência, que ele intitula como morada.

(003) Um lugar onde tem morada passando o tempo é como aqui mesmo que mora um, dois, três que nunca fica solitário, cuidando dele... ter alguém pra ficar perto assim...melhor né? A gente anda muito e não faz nada. [...]. (ENTREVISTADO 11).

Outrossim, examinando a frase empregada pelo entrevistado “a gente anda muito e não faz nada”, tem-se que o seu sentido parece demonstrar que o entrevistado almeja conhecer novos lugares, de modo que acabou esquecendo de construir um lugar no sentido físico e concreto.

Ademais, identificamos a representação da instituição como um lar, pois os idosos consideram a ILPI como se fosse sua casa e, conseqüentemente, sentem-se confortáveis com o lugar. Mas, verificamos que o sentido do lar pode ser transitório, conforme podemos analisar no fragmento (004), em que o entrevistado afirma que deixou o seu antigo lar, com todos os seus pertences, para viver na instituição pesquisada, com a sua família (esposa e cunhada).

(004) A minha casa, hoje é a minha casa. Tem uma sobrinha da minha cunhada que é responsável por nós então ela tomou conta de tudo, ela é quem manda lá na casa, eu não sei, ela não mexeu em nada e por enquanto tá do mesmo jeito. Então eu deixei a minha casa, abandonei a minha casa, mas encontrei essa aqui, esse abrigo que eu tenho como a minha casa. Tenho como a minha casa e essas pessoas que convive aqui eu tenho como a minha família, tanto os que são doente, como as pessoas que trabalham, graças a Deus todos fizeram amizade comigo e eu com eles. (ENTREVISTADO 15).

Por meio do fragmento supracitado, podemos notar que o idoso criou familiaridade e pertencimento relativos ao lugar e às pessoas, que vivem com ele, na instituição.

Portanto, vimos, até o presente momento, a instituição como um lugar, que desperta sentimentos de familiaridade e pertencimento, os quais dão origem aos sentimentos topofílicos dos idosos em relação à ILPI. Dessa forma, a topofilia manifesta-se por meio do elo afetivo do idoso com o lugar e com as pessoas que vivenciam o espaço da instituição.

Porém, alguns idosos não despertam esses sentimentos topofílicos, sendo perceptível a existência de sentimentos de repulsa e aversão pelo lugar, os quais são caracterizados por Tuan (1983) como sentimentos topofóbicos. Nesse sentido, nos fragmentos (005), (006) e (007), podemos perceber que a instituição provoca, nos entrevistados, a sensação de estar preso, de modo que, destrinchando os fragmentos, veremos os sentimentos e sensações que remetem ao lugar (instituição) como uma cadeia.

(005) Eu acho que é uma cadeia [...]. Você não vê o dinheiro seu, você não pode por a mão no dinheiro aqui, nem receber o dinheiro que a pessoa vem pra te dá o dinheiro, você não pode pegar, eles não aceita não. Não pode dá dinheiro pra gente que tá aqui, não pode pegar dinheiro não tem que deixar com nós. [...] Achei estranho não ter pagamento, eu achei estranho de não receber o meu dinheiro porque toda vida eu toquei sanfona, viajando pelo mundo, tocando sanfona, sempre pegava festa pra tocar uma bancada boa de dinheiro né? Eu gostava de ter o meu dinheiro, trabalhar e ter o meu dinheiro, eu achei estranho porque aqui ninguém recebe nada. (ENTREVISTADO 12).

(006) A gente fica fechado aqui, eles acharam ruim porque eu falei um dia “na cadeia é melhor que isso aqui”. Porque lá na cadeia não tem esse negócio de tá fechado igual a gente vive aqui, então são certas coisas que não tem [...] tá certo que é grande a cadeia é mais pequeno que nós fica lá. Lá em Ituiutaba eu fiquei seis meses e quinze dias fechado. [...] Lá não era... eu não me acostumo aqui, mas lá até quinze dias quando eu entrei lá era ruim, mas depois eu acostumei lá, aí acostumei lá do que aqui. Acostumei mais na cadeia do que aqui. Lá se a pessoa se tiver um dinheirinho pra comprar o que quiser, se eles pega o dinheiro pode ser qualquer policial dali, se eles pegar o dinheiro trás tudo certinho. Aqui eu vendi uma geladeira nova, aí eu vendi e a [...] veio falar que esse dinheiro eu tinha que entregar. (ENTREVISTADO 10).

(007) Não, eu não quero ficar aqui não. [...] era pra ter saído muito tempo, eu não gosto de ficar aqui não, eu não gosto de ficar nem nessa mesa mais, eu tô contrariada. Eu não gosto de ficar aqui não, fica presa, sentada o dia inteiro. (ENTREVISTA 14).

Logo, podemos observar, no fragmento (005), que o entrevistado apresenta a sua representação sobre o lugar referindo-se a uma cadeia, porque, na instituição, ele não pode ter a sua independência financeira. Então, podemos ressaltar a existência de dois vieses, que estão relacionados à autonomia financeira do idoso, sendo o primeiro voltado para a ótica da instituição e o segundo para a do idoso.

Na perspectiva da instituição pesquisada, ela recebe a aposentadoria do idoso e tem, como princípio, deixar um fundo de 30% desse valor, para a família arcar com as enfermidades dos idosos e outras despesas eventuais, que possam aparecer enquanto eles estiverem institucionalizados. E, os 70% restantes são utilizados para custear a alimentação dos idosos, o salário das cuidadoras e a manutenção da instituição pesquisada, além do pagamento do plano funerário dos idosos. Dessa maneira, toda a renda do idoso está destinada aos serviços que lhe são prestados.

Entretanto, é necessário considerar que eles tinham independência financeira, pois trabalhavam e recebiam seus salários ou auferiam suas aposentadorias, e, então, gastavam, conforme suas necessidades e desejos. Mas, de repente, ao migrar para a instituição, toda essa dinâmica, que promovia sua independência financeira, foi “brutalmente” interrompida. E, na percepção dos idosos, a perda da independência financeira causa-lhes constrangimento, uma vez que estavam acostumados a ter o seu dinheiro em mãos e tomar as decisões sobre com o que gastar.

Ainda podemos observar a ideia da instituição de longa permanência como uma “cadeia” e os idosos internos como “presos”, de forma mais íntima e prática, no fragmento (006), no qual o entrevistado relata e compara suas vivências e experiências em ambos os lugares: a cadeia e a ILPI. Assim, o entrevistado alega que é melhor viver na cadeia do que na instituição de longa permanência para idosos pesquisada, uma vez que na cadeia havia mais liberdade.

Por conseguinte, a liberdade facilita a adaptação ao lugar, sendo que, por esse motivo, o entrevistado conseguiu adaptar-se na prisão, mas não consegue adaptar-se na instituição. Ainda, podemos certificar que o entrevistado compara os policiais e as cuidadoras, quanto ao modo de agir, afirmando que, na prisão, ele podia ter dinheiro e entregava para os policiais comprarem o que ele precisasse, enquanto as cuidadoras não admitem que ele tenha dinheiro. Portanto, com esse relato, do fragmento (006), pudemos confirmar que a falta de independência financeira do idoso desperta a sensação de estar preso no lugar.

À vista disso, ressaltamos que a sensação de estar preso a um lugar faz parte do processo de topofobia, pois os sentimentos topofóbicos fazem com que os idosos tenham sentimentos negativos quanto ao lugar, conforme podemos observar no fragmento (007), em que a entrevistada considera estar presa e evidencia não gostar de viver na instituição.

Além disso, durante a entrevista, a idosa demonstrou que não sente pertencimento pelo lugar, o que ocorre devido à perda da liberdade para desenvolver suas atividades, visto que ela não tem problemas de saúde. Porém, na instituição, não há atividades para que a idosa possa se exercitar, despertando o sentimento de capacidade e a autoestima. Nessa perspectiva, podemos apontar que a falta de atividades que promovam a autonomia e a capacidade do idoso, parece influenciar, diretamente, na adaptação e na criação de vínculo com o lugar (ILPI pesquisada).

Ainda, a partir do momento em que idoso vivencia a ILPI, ele passa a despertar sentimentos topofílicos ou topofóbicos, sendo que, no fragmento (008), o entrevistado ressalta a sua insatisfação em continuar vivendo na instituição, demonstrando que se trata de um lugar de imposição.

(008) Eu não quero ficar, eu fico aqui mais é obrigada, porque eu não tenho onde morar, porque senão eu não morava aqui mais não. Aqui não tem liberdade de nada, nada. (ENTREVISTADO 13).

A imposição é acompanhada pela falta de liberdade no lugar, uma vez que o relato apresentado, no fragmento, demonstra a ILPI pesquisada como um lugar que foi imposto ao idoso, ou seja, ele é forçado a viver no lugar, porque não tem para onde ir. Isto posto, a imposição de viver em um lugar estimula, imediatamente, a criação de sentimentos topofóbicos em relação a ele.

Continuando na abordagem da representação de sentimentos topofóbicos pelo lugar (ILPI pesquisada) como uma prisão, o fragmento (009) demonstra o quanto o tempo foi importante para a adaptação do entrevistado.

(009) No início, eu sentia preso, mais eu fui acostumando, as mulheres é muito boa trata conforme a gente pede e a gente faz o que elas pede. (ENTREVISTADO 10).

Mas, percebe-se que, além do tempo, a convivência harmoniosa entre o idoso e as cuidadoras também foi importante para sanar a sensação de estar preso.

Entretanto, ao analisar, por outro ponto ângulo, percebemos que a representação da instituição como uma prisão também é produzida por sujeitos exteriores a ela, conforme constatamos, no fragmento (010), que os sujeitos externos produzem representações sociais sobre a ILPI e compartilham da representação feita pelo idoso interno.

(010) Eu tô comendo, bebendo tranquilo, quando eu preciso de alguma coisa eu peço as menina, elas faz, vou na farmácia ali e volto, encontro o povo e eles fala “e aí tá preso?” e eu “tô” [...]. Se todo preso fosse que nem aqui, nossa senhora tava no céu. (ENTREVISTADO 13).

O entrevistado tem o hábito de ir à farmácia popular do município, com as cuidadoras, e nessas idas à farmácia, segundo ele, as pessoas perguntam se ele está preso, referindo-se à ILPI pesquisada como uma prisão. Ainda, no fragmento supracitado, observamos que o idoso confirma estar preso, quando questionado. Porém, ao longo da entrevista, ele associa a instituição ao céu, o que parece demonstrar a ILPI pesquisada como um paraíso, ou seja, um lugar que proporciona felicidade e satisfação.

Também, quanto à representação da instituição por sujeitos exteriores, verificamos, no fragmento (011), a representação social do entrevistado sobre o lugar (ILPI) antes e depois de ser institucionalizado.

(011) Eu achava estranho, passava aqui, via o povo sentado aqui, dava vontade de entrar aqui pra modo de eu ver porque eu nunca vi. Passava olhava, às vezes parava ali. É bom, tô satisfeito e alegre porque não adianta nada eu ficar aqui triste não é? Dou atenção, converso, esses dias chegou uma velhinha aí “uai [...], o senhor tá aí” e eu “tô”, “e a gente pode ir aí de vez em quando” e eu “pode”, “uma hora eu venho cá pra gente conversa”, “então pode vir”, aí ela vem aqui direto [...]. (ENTREVISTADO 13).

Antes de se institucionalizar, o entrevistado passava próximo à ILPI, mas não tinha contato ou relação com a instituição. Logo, era um espaço indiferente para ele, pois se tratava de um espaço estranho, embora ele sentisse vontade de entrar e conhecer como funcionava. Entretanto, atualmente, o entrevistado vive naquela instituição e à medida que ele passou a se relacionar com o espaço, estabelecendo vivências e experiências, a instituição ganhou valor e simbolismo para ele. Assim, foram despertados, no idoso, sentimentos e emoções pelo espaço, que se tornou o seu lugar de vivência.

Porém, conquanto a instituição seja um lugar que supre as necessidades físicas e emocionais dos idosos, ela restringe os contatos sociais deles com os outros membros da sociedade, pois eles não podem sair da instituição, ainda que tenham saúde física e mental para passear pela cidade e promover a sua socialização. Nesse sentido, podemos verificar, no fragmento (012), que a entrevistada sente falta das relações sociais externas à instituição.

(012) Senti de alguma coisa lá fora [...]. É... do povo lá de fora. Eu fico calada. Mas eu peço a Deus “oh meu Deus me dá paciência.” (ENTREVISTADA 09).

E, observando o fragmento acima, ainda, percebemos que a entrevistada pede a Deus que lhe dê paciência, o que parece demonstrar que é um sofrimento viver sem manter contato com o “povo de fora” (amigos, colegas e familiares). Sendo assim, a falta de relações sociais, com os sujeitos externos à instituição, faz com que o lugar adquira um sentido de solidão para os idosos internos.

Contudo, quando os idosos recebem visitas, o sentido do lugar é alterado, mesmo que temporariamente, conforme demonstrado no fragmento (013), pois a instituição deixa de ser um lugar de solidão, transformando-se em um lugar alegre.

(013) Não posso falar que é ruim, um bocado é bom e um bocado é ruim. [...] É ruim porque eu não posso andar, conversar com os amigos, você é minha amiga né? [...] Aí eu converso com minha amiga, dá para mim entreter né? [...] eu acho bom quando tem visita aqui. Eu converso né, ri, fica

sentindo o coração alegre. Eu abaixo a cabeça e vou pensar essa coisa é diferente. (ENTREVISTADA 09).

Sendo assim, podemos constatar na expressão “eu abaixo a cabeça e vou pensar essa coisa é diferente”, que a visita parece despertar sensações boas nos idosos institucionalizados, como expôs a idosa, que sente o coração alegre.

Além disso, a instituição aparece, ainda, como um lugar que oferece o conforto necessário para os idosos institucionalizados, uma vez que algumas famílias encontram dificuldades e obstáculos para cuidar dos idosos, como a falta de recursos financeiros para pagar uma cuidadora e a falta de tempo e de tolerância, gerando, assim, uma situação de abandono. Diante disso, alguns idosos são mais bem tratados na ILPI do que em suas próprias casas, por seus familiares, pois, na instituição, recebem cuidados e tratamentos, de acordo com o que necessitam.

Nesse ponto, uma idosa relata, no fragmento (014), que não recebia os cuidados necessário quando vivia com a família, pois ela apanhava e sentia-se mal, chegando a pedir Deus que lhe desse uma boa vida, porque não conseguia mais viver no lugar em que morava.

(014) Eu apanhava demais lá, ela tava me batendo, minha irmã. Outra coisa, eu vim pra cá pra tomar remédio e eu não podia beber sozinha né. E a minha cunhada saía, minha irmã saía e eu ficava sozinha e Deus. Não vou mentir não, sabe. Eu ficava com aquela ruindade na cabeça. Falava Meu Deus isso aqui não dá para ficar não, senhor Deus dá boa vida pra mim. Aí Deus agiu e escutou, escutou eu. Aí a [...] trouxe eu pra cá. E eu tô até hoje aí. (ENTREVISTADA 09).

Dessa forma, a entrevistada considera que a ILPI é um lugar providenciado pela divindade, já que ela pediu a Deus um novo lugar para viver e foi atendida. Logo, a representação do lugar (instituição), criada pela idosa, é de um lugar de proteção, que recebe as qualificações de abrigo (é onde recebe os cuidados para sua saúde) e segurança (na instituição, as agressões não acontecem mais).

Portanto, ressaltamos que as sensações despertadas pelo lugar são muito importantes para o estudo do conceito de lugar. Diante disso, tivemos a inquietação de verificar quais foram as sensações que os idosos tiveram ao adentrar na ILPI pela primeira vez. Nesse sentido, identificamos, nos fragmentos (015) e (016), a sensação de estranheza com o espaço.

(015) Eu, não gostei [...]. Eu não gostei sabe por quê? Não conhecia ninguém aqui. Achei muito estranho. Eu não conhecia ninguém. (ENTREVISTADA 09).

(016) Não, o primeiro dia eu achei estranho porque aqui a gente não pode sair, só sai se for acompanhado. Eu morando na rua não, vai no canto, vai no clube, vai numa festa e aqui não, mas pra mim foi bom demais, tô até mais gordo. Ah, por mim tanto

faz sair como não, o povo passa aqui e “o Nilson, opa, bão” e eu “opa, bão”, eu fico aqui no portão. (ENTREVISTADO 13).

Quando desconhecemos o meio, ele se torna indiferente. Portanto, o primeiro contato com o espaço pode despertar sensações de surpresa, espanto, estranheza e, até mesmo, admiração. Dessa forma, no fragmento (015), observamos que o primeiro sentimento despertado pelo espaço foi o de estranhamento, porque a entrevistada não conhecia ninguém e não tinha contato social com os idosos que viviam lá. Tratava-se de um espaço vivenciado por outras pessoas (no caso, os idosos internos), assim podemos perceber que as relações sociais auxiliaram na construção do lugar.

Ademais, a dinâmica adotada pelo lugar também influencia as sensações despertadas por ele, consoante verificamos no fragmento (016), em que o entrevistado também teve a sensação de estranhamento com o espaço, mas devido à dinâmica da instituição, pois não é permitido o idoso sair sem um acompanhante autorizado. Assim, o entrevistado questiona seu direito de ir e vir, comparando a sua independência antes e depois de se institucionalizar. Ainda cabe ressaltar que o idoso criou uma estratégia de adaptação para solucionar tal problemática, o que restou evidente quando ele alega que “tanto faz sair como não, o povo passa aqui [...] e eu fico no portão”.

Também sobre as primeiras sensações dos idosos ao entrar na instituição, podemos perceber, por meio do fragmento (017), que o entrevistado teve as sensações de piedade e de compaixão pelos idosos institucionalizados.

(017) Eu sentia dó de vê as condições das pessoas, tinha um senhor aqui que ultimamente amputaram a perna dele e devido aquele problema, ele não tinha sossego, era um mau humor querendo ir embora. [...] Sentia dó de ver os outros nessa condições e aqui tinha muito conhecido bem, tinha uns três ou quatro que tudo é conhecido meu, então, vamos supor pessoa igual o interno que era um conhecido meu e ele tá nessas condições há muito tempo, não se locomove, fica nessa cadeira direto, então, aqui me deu emoção e eu senti ver eles nessas condições. (ENTREVISTADO 15).

Esse sentimento de piedade foi despertado no entrevistado, porque ele encontrou idosos com problemas de saúde e, alguns deles, eram seus conhecidos. Além disso, o idoso parece demonstrar que há tempo não encontrava seus conhecidos, pois eles estavam internos na ILPI pesquisada. Ademais, é necessário ponderar que, por já ter tido vínculo social com alguns idosos institucionalizados, o entrevistado, ao adentrar na instituição e ver alguns desses colegas doentes, engendrou vários sentimentos em decorrência da emoção de tal contexto. Portanto, podemos reafirmar que as pessoas, que vivenciam os espaços, dão sentido ao lugar.

Além das sensações despertadas, nos idosos, pela ILPI, verificamos, no fragmento (018), quais foram as necessidades dos idosos, que os motivaram a relacionar-se com o espaço da instituição e o definir como um lugar de vivência.

(018) Gostar eu gosto, mas só que assim, aqui não acostumo, sei lá... mas é bom a gente tem tudo né, eu ainda não posso arrumar nada, na minha família não dá para ir na casa de nenhum, tem que ser é aqui mesmo. ... igual a minha sobrinha, que me busca aqui, coitada ela, não posso ficar lá na casa dela com ela, tem um irmão meu que tá morando com ela, porque ficou viúvo, mas dá um trabalho que você precisa de vê, que faz até dó, mas pra cá, ela não traz ele não, pejeja coitada mas ele dá trabalho nossa senhora. (ENTREVISTADO 10).

Diante disso, temos a ILPI como a única opção de moradia para o idoso. E, embora ele goste da instituição e ressalte ter tudo o que necessita, deixa transparecer que não se adaptou ao lugar, mas se vê na obrigação de ficar nele, porque não tem outro lugar para viver.

Enquanto no fragmento (019) percebemos que o entrevistado já compartilhava o seu antigo lugar de vivência com outras pessoas, pois ele vivia em um lugar conhecido como creche.

(019) [...] antes, eu tinha uma casinha pra ficar, pra mim todas as pessoas que corria três que não tinha lugar, que tinha um lugarzinho pra fica já sabe que lá pode ficar na creche né? Aí me trouxe pra cá e até hoje tô aqui, graças a Deus eu tô achando bom, a empregada muito boa, gente atenta, elas atende a gente também. [...] como se diz do jeito que eu tô falando pra senhora, achei bom, porque desde o dia que eu vim pra cá, eu comecei igual era de antigamente, antes. (ENTREVISTADO 13).

Primeiramente, cumpre esclarecer que a creche, citada pelo entrevistado, localiza-se no Município estudado e tem esse nome, porque já foi uma creche para crianças. Hoje, o espaço abriga pessoas de baixa renda, que não têm casa própria, nem remuneração para pagar o aluguel, razão pela qual o entrevistado considera uma graça divina morar na entidade pesquisada (percebemos, novamente, a ILPI como um lugar divino).

Ainda, percebemos que, como o entrevistado compartilhava o seu antigo lugar de vivência com outras pessoas que ele, inicialmente, não conhecia, a adaptação na instituição de longa permanência parece ter ocorrido de forma natural. Portanto, os lugares, onde já estabelecemos relações, servem como base para a adaptação em novos lugares.

E, no que concerne à instituição de longa permanência para idosos como a única opção de lugar para o idoso viver, podemos notar, no fragmento (020), que a falta de alguém, para cuidar e auxiliar os idosos, em seus lares, é o principal motivo para eles irem viver na ILPI.

(020) Nós não temos aonde morar, nem na nossa casa nós passava bem igual aqui, porque é bem zelado, roupa lavada, passada, refeição na hora, quatro refeições, além de almoço e janta tem merenda, a menina que trabalha à noite ainda se qualquer

pessoa quiser um copo de leite, um pão, ela traz. Então, quer dizer que eu considero esse lugar aqui muito bom. (ENTREVISTADO 15).

Assim, verificamos, no trecho supracitado, que o entrevistado afirma que, mesmo tendo casa própria, não pôde continuar morando nela, porque não tinha ninguém, que pudesse cuidar dele e de sua esposa (que também vive na instituição pesquisada). Nessa acepção, o lugar ganhou um simbolismo para o idoso, que vive, confortavelmente, e supre suas necessidades biológicas e fisiológicas na instituição.

A obrigatoriedade de viver em um lugar, especificamente no caso do idoso, na instituição, está interligada às condições familiares do mesmo, consoante demonstrado no fragmento (021), em que o entrevistado justifica viver na ILPI, explicando que a irmã não tem condição de criar ele.

(021) Eu saí daqui uma vez, eu tô quase quatro anos aqui, eu saí daqui uma vez com o senhor [...], saí daqui uma vez, fui lá na casa da minha irmã de criação, ela tem a cabeça meia fraca, mas ela não tem condição de me criar, ela não pode [...]. (ENTREVISTADO 12).

Observamos que a palavra “criar” parece colocar o idoso na posição de uma criança, que precisa ser “criada” ou vigiada para não fazer coisas erradas. Ou então, ele considera que precisa ser “criado”, pelo fato de ser dependente de outra pessoa, para realizar as suas atividades (como banho, troca de fralda, alimentação e etc.).

Ainda, sobre a dificuldade dos idosos em desenvolver suas atividades rotineiras, sentimos a necessidade de expor, aqui, o fragmento (022), que demonstra como fluía a dinâmica na casa do entrevistado antes de ele migrar para a instituição pesquisada.

(022) Porque na minha casa, a gente habituou aquele negocinho de arroz e feijão e um pedacinho de carne. A cunhada vinha cedo lá pra casa, ia fazer o almoço, ela almoçava e ia lá pra casa dela, aí depois que adoeceu, ela quebrou um pé, machucou e veio para cá. Aí minha mulher ficou uma mão no andador e uma mão na panela de pressão, a senhora observa bem isso, se essa panela estoura, ou se essa panela vira com ela é um perigo. Então, a assistência social ficou em cima disso. (ENTREVISTADO 15).

No trecho acima, podemos notar que, mesmo com a parte motora limitada, a esposa do entrevistado tentava realizar as atividades diárias, as quais a colocavam em situação de vulnerabilidade, pois “ela ficava com uma mão no andador e outra na panela de pressão”.

Outro ponto, a ser ressaltado, diz respeito à alimentação que o idoso fazia em sua casa, pois essa se resumia a “arroz e feijão e um pedacinho de carne”. Certamente, a restrição alimentar do idoso decorria das dificuldades de locomoção de sua esposa, que procurava fazer

uma refeição mais simples. Entretanto, o idoso necessita de uma alimentação equilibrada, para ter uma vida mais saudável.

Mas, analisando outro aspecto, identificamos que o idoso, institucionalizado na ILPI, tem medo de perder seu espaço de vivência, ou seja, de ser mandado embora da instituição. Assim, nota-se, no fragmento (023), a carga emocional relacionada à necessidade de se manter no lugar.

(023) Não... aqui é o seguinte, eu gosto do povo, das empregada, dos empregado, tudo é aqui de dentro, então eu trato bem, faço de tudo pra eles gosta... porque a gente que precisa né? A gente não pode fazer coisa que desgosta eles pra ter a vida mais feliz né? Porque se a gente for erra não tem como a gente fica, então a gente tem que fazer por onde eles gosta, a patroa é boa, a gente fazer por onde eles gosta. (ENTREVISTADO 12).

Conforme consta no referido fragmento, a entrevistada tenta manter uma boa conduta no lugar, para ficar em harmonia com as pessoas que vivem e frequentam a instituição (ou seja, os idosos e as cuidadoras). Portanto, a entrevistada entende que é preciso ter uma boa relação com o grupo social que vive na ILPI, para ser feliz e garantir a sua permanência no lugar, assegurando a sua moradia na instituição.

Nessa perspectiva, podemos corroborar o aspecto emocional manifestado no lugar por meio da análise do fragmento (024), em que a entrevistada parece demonstrar dúvida quanto à sua permanência no lugar.

(024) Eu penso assim, tem dia que eu tô abatida, magoada, mas eu deixo pra lá, elas tá gritando deixa pra lá, é deixa eu não tenho nada com a vida delas, cada um com a sua [...]. Eu respeito a [...] direitinho, a [...] fala “você cai”, aí eu falo, então tá bom. Se teimar pra aonde a gente vai? Pra onde a gente vai se teimar? (ENTREVISTADA 09).

Nesse relato, a entrevistada faz indagações referentes à sua permanência na ILPI, levantando a hipótese de que um bom comportamento lhe assegura o lugar (instituição). E, a certeza de não ter ninguém da família para cuidar dela, parece estimular o medo de perder o seu lugar de vivência, ou seja, o medo de sair da ILPI. E, quanto à dimensão emocional do lugar, cumpre analisar outro aspecto, que se refere à expressão, pela entrevistada, de suas emoções e sentimentos, uma vez que o medo, de perder o lugar de vivência, faz com que a idosa os esconda.

Também podemos observar, no fragmento supracitado, que existe particularidade, ou seja, que apesar de a instituição ser constituída por diversas pessoas, com problemas familiares e de saúde diferentes, existe o respeito de não interferir na vida do próximo. Então,

apesar dos idosos compartilharem o espaço de vivência, o lugar também acomoda a vida íntima dos idosos.

Entretanto, apesar de haver, na instituição, o respeito em relação às particularidades das emoções de cada um dos idosos, identificamos um aspecto que vai de encontro a essa particularidade: a falta de privacidade para usar os espaços da instituição. Nesse sentido, identificamos, no fragmento (025), que o idoso não gosta de compartilhar o espaço do banheiro com os outros idosos.

(025) Quando eu entrei aqui, tomava banho três, quatro pelado no banheiro. Eu não gosto de tomar banho com homem pelado perto de mim, aí eu levanto mais cedo pra tomar banho, as meninas que trabalha à noite diz “[..], não pode tomar banho uma hora dessa faz mal” e eu “mal não, eu vou tomar banho de todo jeito”. (ENTREVISTADO 13).

Assim, para não passar por constrangimentos na hora do banho, o idoso criou uma estratégia para amenizar esse problema, qual seja tomar banho de madrugada, para não ter que compartilhar o horário do banho com os outros idosos.

Dessa forma, examinaremos os aspectos relacionados ao público e privado, na perspectiva dos idosos institucionalizados. A instituição conta com a separação de alas masculina e feminina, sendo permitido ao idoso ou à idosa adentrar apenas na ala correspondente, e cada ala conta com um banheiro para o uso comum de todos os institucionalizados daquela ala. Portanto, o uso do banheiro é público, pois os idosos da ala tomam banho juntos. E, ainda, os quartos, da ILPI pesquisada, são compartilhados por dois idosos.

Posto isso, a representação do público e do privado é diferente em nossos lares, que, geralmente, não contam com a separação entre os sexos masculino e feminino e o uso do banheiro é entendido como algo privado.

Diante dessas diferenças, provavelmente, os idosos construíram um novo olhar sobre o público e o privado dentro da ILPI, pois a instituição segue uma dinâmica distinta da qual estavam acostumados em seus lares.

Como já foi dito, os espaços da ILPI são compartilhados pelos institucionalizados e esse conjunto, de homens e mulheres, em um só espaço parece trazer desconforto a alguns idosos, conforme podemos verificar no fragmento (026), em que a entrevistada expõe uma posição negativa quanto a compartilhar o espaço de vivência com homens, que não são da sua família.

(026) E eu não gosto de ficar no meio de homem, meio de homem que eu gosto, só marido e filho. (ENTREVISTADA 14).

Certamente, o incômodo, da entrevistada, em compartilhar os espaços com os homens, deve-se à cultura ensinada pela família dela, que a impossibilitava de compartilhar os espaços com outros homens, que não fossem de sua família. Assim, essa cultura desperta a resistência em ficar no lugar.

Ademais, o lugar de vivência é, geralmente, íntimo e particular e, por essas qualificações privadas, a entrevistada não consegue se socializar com os homens, por entender que o seu espaço de vivência deve ser compartilhado apenas com os homens de sua família, ou seja, que a socialização com os homens da família é algo natural para a idosa, mas com os outros homens, causa-lhe certa inquietação.

No âmbito das relações particulares, identificamos, também, na instituição pesquisada, o conflito familiar entre idosos internos, conforme consta no fragmento (027), em que o entrevistado narra os conflitos com a sua esposa (os dois vivem na instituição).

(027) É ruim porque [...] as meninas me chamam “ou senhor zé vem aqui” aí eu vou e falo com ela e ela fica com raiva de mim, também aí fica dois, três dias não me cumprimenta, não conversa, fica nervosa comigo, aí eu falo “o você faz o seguinte, não me chama”, vocês resolvem porque um dia ela fica sem conversar comigo e no outro dia faz a paz com aquela, fica nervosa com a outra, mas é a vida, é 83 anos que complementou. Então é a idade. (ENTREVISTADO 15).

No caso em comento, a esposa do entrevistado apresenta resistência em viver na instituição pesquisada, o que lhe causa insatisfação com o lugar e com as cuidadoras. Diante disso, as cuidadoras costumam chamar o entrevistado, para que ele tente conversar com ela e, assim, amenizar o problema. Porém, a esposa do entrevistado parece não gostar que seu esposo interfira na situação entre ela e as cuidadoras, sendo que, quando isso ocorre, ela fica vários dias com raiva e sem conversar com o entrevistado. Nesse sentido, podemos verificar que, assim como em nossos lares, na ILPI, também, existem conflitos familiares.

E, outro aspecto, que diagnosticamos na instituição e que pode ser constatado no fragmento (028), é o escapismo, que “refere-se à tendência de fugir a qualquer situação desagradável, incômoda ou difícil de ser controlada” (MELLO, 2014, p. 57).

(028) Teve um dia que eu fugi né? [...] é porque a gente não pensa né? Porque eu toda vida gostei de andar sabe? Eu fugi duas vezes e me buscaram. (ENTREVISTADO 11).

Assim, o entrevistado conta que já fugiu duas vezes, porque tinha o hábito de andar e a instituição não permite que ele saia sozinho. Nesse sentido, podemos definir que a questão do

idoso sair sozinho é uma situação difícil de ser controlada e a fuga serviu como um “escape” para ele tentar sair da instituição.

7.1.2 - A REPRESENTAÇÃO DO CUIDAR NA PERSPECTIVA DO IDOSO

As atividades desenvolvidas pelas cuidadoras despertam, nos idosos, diversas representações sobre o cuidado que eles recebem na instituição. Por isso, durante as entrevistas, realizadas com os idosos, percebemos que eles imaginam e relacionam o cuidado às práticas, que envolvem uma atenção pessoal.

Ademais, os idosos institucionalizados produzem suas representações voltadas para o cuidado íntimo, que demanda dimensões de atenção, intensa e constante, do cuidador para com eles.

É importante salientar, ainda, que alguns idosos, devido à perda brusca da autonomia para desenvolver suas atividades, acabam formulando a representação da figura do cuidador como “empecilho” à sua autonomia física e, também, financeira.

No que diz respeito à relação entre o cuidado e a atenção, deparamo-nos com o fragmento (029), no qual o entrevistado define o cuidado, associando-o às palavras preocupação e atenção.

(029) É justamente o que eu falei, a pessoa se preocupa com o outro. Igual as meninas aqui fica ligada, prestando atenção o que acontece quer dizer é cuidar, é a pessoa que tem cuidado elas é muito boa, não abandona, não deixa nós aí jogado, elas tem cuidado quer dizer eu percebo que o cuidado é você ser cuidado, trocar de roupa, calçado, o cuidado com a pessoa. Essas meninas aqui tem esse cuidado. (ENTREVISTADO 15).

Mas ainda, o idoso se refere aos aspectos que envolvem a atenção constante e intensa, bem como frisa e especifica as atividades de dimensão física, que são desenvolvidas pelas cuidadoras da instituição.

Dessa forma, o entrevistado correlaciona as pessoas, que praticam o cuidado, às atitudes, que são vistas por ele como benéficas, por exemplo: a preocupação e a atenção. Assim, por meio dessas atitudes, o entrevistado percebe que as cuidadoras não irão abandoná-los e deixá-los “jogados”, demonstrando o cuidado relacionado à solicitude. Também é preciso ressaltar que a expressão utilizada pelo idoso “não deixar nós aí jogado” parece referir-se ao abandono e esquecimento da família ou, até mesmo, da sociedade.

Do mesmo modo, a atenção aparece ligada a uma atitude, que evidencia o trabalho de cuidado, no fragmento (030), em que a entrevistada utiliza expressões ligadas à dimensão emocional para definir o cuidado.

(030) Cuidado é pra não cair, pra dar atenção a toda pessoa, aí não magoar as pessoas, ficar calada, não maltratar ninguém aqui. (ENTREVISTADA 09).

Portanto, a entrevista utiliza as expressões “não magoar as pessoas”, “ficar calada” e “não maltratar ninguém”, de forma que ela parece associar o sentido de cuidado com a omissão de sentimentos, como objetivo de não causar magoas nas pessoas, que convivem com ela na ILPI.

Dessarte, as cuidadoras executam o cuidado direcionado às necessidades físicas, emocionais e psicológicas dos idosos institucionalizados, sendo que o ato de cuidar estimula os sentimentos dos idosos para com o cuidador, porque existe uma relação próxima e constante entre ambos.

Nesse sentido, a presença do sentimento maternal também foi identificada, durante as entrevistas, conforme podemos observar, nos fragmentos (031) e (032), em que os entrevistados demonstram ter um sentimento materno pelas cuidadoras.

(031) Elas é boa felicidade, não posso falar delas de jeito nenhum. [...] Eu considero da minha família, porque eu não tenho família, não tenho parente né? [...] Eu acho que elas é minha mãe. [...] Porque elas faz não maltratar, fala assim “[...] não faz assim que você cai” aí cai na minha cabeça e eu não faço. É igual mãe, não maltrata ninguém, eu choro calada e ninguém vê. (ENTREVISTADA 09).

(032) Elas significa uma mãe, não falta nada pra mim não. (ENTREVISTADO 05).

Observe que este sentimento materno ocorre naturalmente, pois a sociedade considera a figura materna provida dos aspectos: acolhimento, proteção, segurança, etc. Dessa forma, esse processo natural perpassa nas representações dos idosos sobre as cuidadoras.

Especificamente, no fragmento (031), verificamos que as expressões, utilizadas pela entrevistada, “elas faz não maltratar” e “é igual mãe, não maltrata ninguém”, denotam que as cuidadoras da instituição executam o trabalho de cuidado devidamente e de forma a sanar as dificuldades e necessidades de cada idoso interno. Além disso, a entrevistada refere-se às cuidadoras como membro da família, evidenciando o abandono, uma vez que, por não tem família, a idosa parece querer projetar o sentimento familiar nas cuidadoras.

Nesse mesmo sentido, notamos que a carga emocional do idoso é direcionada para suprir a sua carência familiar, consoante demonstrado no fragmento (033), no qual o

entrevistado, devido às atividades desenvolvidas com atenção pelas cuidadoras, criou sentimentos de irmandade por elas.

(033) Então, elas têm essa mentalidade de ficar ligado com a gente, elas observa tudo. [...] Eu nem posso falar, eu nem posso falar é irmã, é minhas irmãs, são minhas irmãs pelo que elas fazem com a gente, pelo comportamento com a gente, é minhas irmã. (ENTREVISTADO 15).

Entretanto, para alguns entrevistados, esse sentimento de familiaridade-afetividade não é o elemento central, pois consideram as cuidadoras, essencialmente, como trabalhadoras, conforme podemos notar nos fragmentos (034) (035). Destaque-se que para esses idosos, o desenvolvimento do trabalho de cuidado, na instituição, é visto pelos como uma relação de trabalhador e patrão, em que as cuidadoras encaixam-se na classe trabalhadora e os idosos são os patrões.

(034) Ah... não, o interesse é muito grande, o dinheiro né, quase mil reais pra elas aqui né? Como eu não posso pegar meu dinheiro, elas cata meu dinheiro, eu não ponho a mão no meu dinheiro, elas encobri. (ENTREVISTADO 12).

(035) [...] eu não sinto nada, mas as meninas até hoje nunca fizeram nada, são boazinhas, só a cozinheira que vem amanhã que não, e essa enfermeirinha [...]. (ENTREVISTADO 10).

A representação da relação entre empregado e patrão parece ser produzida, pelos idosos, porque eles pagam para viver na ILPI e, assim, eles consideram que todo o seu dinheiro (aposentadoria) é destinado para o pagamento das cuidadoras. Portanto, esses idosos acreditam que os cuidados são pagos por eles e, por isso, as cuidadoras desenvolvem tão bem os trabalhos na instituição. Ou seja, as cuidadoras trabalham, desenvolvendo suas atividades e os idosos pagam os seus salários, fortalecendo, assim, o vínculo empregatício.

Nessa concepção, o ato de cuidar, realizado pelas cuidadoras, é entendido sob a ótica do interesse pelo dinheiro, demonstrando a relação de poder entre o patrão e seu empregado.

Entretanto, podemos perceber uma dualidade na representação do entrevistado, relatada no fragmento (034), pois ora ele alega que a cuidadora “cata” o seu dinheiro, ora ele afirma que ela “encobre”. Nessa perspectiva, o entrevistado parece demonstrar, num primeiro momento, que o dinheiro de sua aposentadoria fica para as cuidadoras, e não para a instituição; enquanto, em outro momento, as cuidadoras parecem ocultar o dinheiro da aposentadoria do entrevistado.

Além disso, as relações de afetividade são subjetivas na ILPI, uma vez que o fragmento (035) demonstra que o entrevistado não tem nenhum sentimento afetivo pelas

cuidadoras, ressaltando, ainda, a particularidade de não considerar duas cuidadoras como “boazinhas”, designando-as como “cozinheira e enfermeirinha”. Observe, também, que o entrevistado se refere a uma das cuidadoras, por meio de sua profissão no diminutivo, o que parece demonstrar desprezo por essa cuidadora.

Outro aspecto a ser examinado são os motivos, que levaram os idosos a migrarem para a instituição pesquisada, para receberem os cuidados do trabalho de *care*. Ademais, a análise dos motivos é importante para entendermos a dinâmica que levou o idoso à instituição e, após as entrevistas, restou perceptível que os idosos entrevistados foram institucionalizados por motivos diferentes, como: o abandono da família, os maus-tratos, a violência urbana, a doença e a solidão.

Assim, identificamos, em alguns casos, a figura do irmão como o responsável por levar o idoso para a instituição pesquisada, conforme mostram os fragmentos (036) e (037), embora as motivações da institucionalização fossem diversas.

(036) Eu apanhava demais lá, ela tava me batendo [...] minha irmã. (ENTREVISTADA 09).

(037) Eu tô aqui atoa, meu irmão pois eu aqui, disse que eu ia tratar das vistas e me enrolou e me trouxe pra cá. (ENTREVISTADA 14).

A violência familiar contra o idoso foi relatada pela entrevistada, no fragmento (036), no qual a idosa delata a irmã agressora. Assim, o motivo, que levou a entrevistada à ILPI, foi a violência que sofria em sua própria casa.

Enquanto no fragmento (037), a entrevistada relata que o irmão disse que iria levá-la ao oftalmologista e a deixou na instituição. Esse caso chamou-nos a atenção, pois além da entrevistada não saber que estava sendo levada para a instituição, ela morava no município próximo ao município estudado, e foi levada, pelo irmão, para a instituição. Nesse sentido, ela pode ter sido forçada a migrar para a mesma.

Mas, além da violência familiar, a urbana também se fez presente entre os motivos, pelos quais os idosos migram para a instituição pesquisada. Tal realidade pode ser vista no fragmento (038), em que o entrevistado conta que a perseguição, seguida de agressão, foi o motivo que o levou para a instituição.

(038) Uai, assim eu andei tendo uma turma me perseguindo aí, uns moleque maloqueiro sabe? Eles andaram judiando comigo, deram dando umas barradas na minha cabeça, uns purrete pra tomar dinheiro [....]. Esse povo... gente descobria que

eu tinha meu dinheirinho e vinha de madrugada me machucava, maltratava, me agredia pra ver quanto dinheiro eu tinha. (ENTREVISTADO 14).

Portanto, a vulnerabilidade física, mental e a ausência de uma companhia para conviver com o idoso (uma pessoa para auxiliá-lo em suas atividades e morar com ele) são atrativos, que estimulam a violência contra o idoso. Então, nesse caso, em que o entrevistado morava sozinho, a institucionalização surgiu como um meio de proteger o idoso contra a violência urbana, pois a ILPI possui pessoas para conviver com ele e cuidar dele.

Ademais, com o processo de envelhecimento, o corpo do idoso acaba ficando mais frágil e há doenças que afetam o seu desenvolvimento motor e cognitivo, interrompendo a sua capacidade de realização das atividades diárias. Diante disso, o fragmento (039) demonstra que os problemas de saúde do entrevistado afetaram a parte motora do seu corpo, impossibilitando-o de desenvolver suas funções diárias e, em razão disso, ele necessitou migrar para a instituição de longa permanência.

(039) Foi por causa da coluna. Minha coluna desandou demais, aí deu problema nas pernas, aí eu fui no médico, no doutor e aí ele disse que os problemas da minha perna é por causa da coluna, aí por causa disso eu vim parar aqui. (ENTREVISTADO 10).

Mas, a solidão também apareceu como um dos motivos pelos quais os idosos optaram por morar na instituição pesquisada, consoante exposto pelo idoso, no fragmento (040), ao afirmar que não tinha nenhuma necessidade física ou mental específica para ir morar na instituição e receber cuidados, mas que a única necessidade dele era de interações sociais, pois estava sozinho.

(040) Trouxe a troco de como se diz, foi assim... sem necessidade mesmo que a gente sozinho (ENTREVISTADO 11).

Identificamos, também, a migração familiar para a ILPI pesquisada como motivo para a institucionalização do idoso, como foi demonstrado no fragmento (041), em que a família do entrevistado, constituída por ele, sua esposa e sua cunhada, precisaram migrar para a instituição, pois não tinham um familiar próximo para cuidar dos três.

(041) Porque a minha cunhada teve que vir pra cá e a assistência social não me deixava sozinho mais a minha mulher lá em casa [...] então o meu caso foi esse, eu me vi obrigado, eu achei que eu não ia me acostuma mais eu acostumei, graças a Deus. Mas, meu caso de ter vindo pra cá foi esse. A assistência social, não deixava que ficasse só eu e minha mulher lá em casa, ela sem condição de fazer nada e sem uma pessoa pra cuida. (ENTREVISTADO 15).

Assim, a assistência social constatou que os três idosos não poderiam viver sozinhos, já que a esposa e a cunhada do entrevistado não conseguiam mais desenvolver as atividades

rotineiras. E, dessa forma, a família do entrevistado viu-se obrigada a deixar a sua casa e ir para a instituição, para receberem os cuidados que necessitavam.

7.1.3 - A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE NA PERSPECTIVA DOS IDOSOS

As representações sociais sobre a velhice, na perspectiva dos idosos, que estão institucionalizados, estão centradas no aspecto de limitação, pois podemos observar, a partir das entrevistas realizadas, que os idosos parecem expressar que a velhice tem provocado algumas restrições em suas vidas.

Os problemas de saúde geram restrições físicas para os idosos, limitando o desenvolvimento de suas atividades rotineiras. Porém, as restrições dos idosos institucionalizados não se circunscrevem apenas à perspectiva da saúde, mas atingem, também, o âmbito social, pois ocorre a limitação do contato social com pessoas externas à ILPI.

Assim, a restrição física e social, que os idosos enfrentam na instituição, influencia diretamente na representação deles sobre a velhice, como pode ser observado no fragmento (042), que expõe algumas ausências na vida da entrevistada.

(042) Falta tanta coisa na minha vida, eu penso comigo mesmo. Eu penso que “oh meu Deus podia tirar eu desse mundo”, não é assim, dá sabedoria, dá paz, dá amor, dá alegria pros meus irmãos tudo, não é? (ENTREVISTADA 09).

Durante a entrevista com a idosa e até mesmo com as cuidadoras da instituição, identificamos que a família da idosa não foi visitá-la, desde que ela entrou na ILPI, há dez anos. Ademais, a idosa é cadeirante e não consegue desenvolver suas atividades diárias, dependendo de ajuda das cuidadoras para se locomover, tomar banho e comer. Além da restrição física, a idosa não tem ninguém de sua família para levá-la para passear e frequentar outros lugares, motivo que a entrevistada passa todos os dias na ILPI, sem poder sair, porque não tem nenhum responsável por ela. Em razão disso, percebemos, no fragmento supracitado, que a idosa parece sofrer com as ausências, que a velhice lhe causou, pedindo a Deus tirá-la desse mundo.

Esse sentimento, de falta de algo e vontade de sair “desse mundo”, relatado pela idosa, está relacionado às restrições que a velhice provocou em sua vida, uma vez que ela não recebe a visita de seus familiares, bem como não consegue ir visitá-los, desde que foi deixada no abrigo. Ainda, percebemos que a idosa pede a Deus, sabedoria e sentimentos bons, para ela e

os irmãos (idosos), para que eles saibam lidar com a situação, pois ela considera que demais os idosos, que vivem na instituição, também têm limitações e ausências.

Além disso, os idosos carregam uma bagagem de vida, que vem acompanhada de lugares, trabalhos, famílias e amizades, que foi conquistada ao longo de suas vidas. Assim, podemos considerar que a dinâmica da vida dos idosos, antes da velhice, das doenças e de se institucionalizarem, certamente apresentava maior fluidez e, nessa perspectiva, os idosos internos encontram-se em um estado de restrição, que os impede de viver com fluidez.

Portanto, percebemos que a mudança no estilo de vida dos idosos faz parte da representação que eles criam sobre a velhice, conforme demonstrado, no fragmento (043), em que o entrevistado considera a velhice como uma fase ruim, porque não pode mais trabalhar, para ter seu dinheiro.

(043) [...] é ruim porque não trabalha, quando eu era mais novo, eu trabalhava pra todo lá, aí era na roça, era na cidade [...] eu toda vida gostei quando chegava, tava com dinheiro no bolso. (ENTREVISTADO 12).

Observa-se que o entrevistado relaciona o sentimento de liberdade à atividade de trabalhar e ter, ao final, o dinheiro, fruto do seu trabalho. Nesse sentido, o entrevistado, considera que ser idoso é ruim, porque não pode trabalhar para ganhar seu dinheiro e, assim, ter liberdade.

E, observamos que o fragmento (044) vai, basicamente, ao encontro do fragmento (043), pois o entrevistado define a velhice como uma fase de vontades (de querer e não poder mais), uma vez que ele tem vontade de fazer o que fazia antes da velhice, de usar o dinheiro como antes de entrar na instituição, mas não pode.

(044) Não porque...tem certas coisas que a pessoa queria fazer, aí não pode, o problema é esse né. Se a gente tivesse dinheiro pra coisas que a gente queria fazer, aí era bom, mas aqui ninguém pode fazer... é só mandado por elas aí. (ENTREVISTADO 10).

Portanto, o entrevistado demonstra que as vontades, que ele sente, na ILPI, não podem ser supridas, porque ele não tem dinheiro e as cuidadoras controlam o dinheiro e, conseqüentemente, suas vontades. Assim, o idoso apresenta uma representação da velhice como uma fase da vida em que há uma perda, não só da autonomia, mas, também, da própria liberdade, pois as cuidadoras passam a “controlar” as atitudes, vontades e, até mesmo, os horários (de alimentação e banho).

Contudo, em alguns casos, a vontade dos idosos não pode ser sanada devido a diversos fatores, como os familiares, as políticas da ILPI pesquisada, os problemas de saúde, entre outros. Diante disso, ao idoso resta apenas se conformar com a situação e, no fragmento (045), essa conformidade do idoso em relação à velhice está evidente.

(045) Eu me conformei. Eu me conformei porque eu ficava muito nervoso [...] Gosto, porque é a benção de Deus, eu sou abençoado por Deus e Deus deixou nós dessa maneira nasce, se cria, cresce, depois envelhece e chega o dia de Deus chamar, porque nós não vamos antes do dia. (ENTREVISTADO 15).

O entrevistado explica que ficou nervoso e, depois, aceitou que a velhice traz algumas limitações e, após a aceitação, passou a entender a velhice como algo vindo da divindade. Assim, o entrevistado gosta de ser idoso, porque considera que está passando por mais uma fase da vida.

Apesar de diagnosticada a velhice como uma fase de tristeza e conformidade, também verificamos uma perspectiva de alegria, como relatado no fragmento (046), pois o entrevistado define que ser idoso é ser alegre.

(046) Ser idoso é ser alegre, é que a gente tem que saber como se diz: saber eu falo assim, a gente respeitar os outros, os outros respeitar a gente também né? A gente não pode levar implicância aqui, trato bem seja homem ou mulher, eu trato bem e eles me trata bem também, e assim eu vou levando. (ENTREVISTADO 13).

Segundo o entrevistado, para o idoso viver alegre, ele deve saber respeitar e ser respeitado, demonstrando que a velhice é, apenas, mais uma fase da vida e que a boa convivência, em sociedade, faz com que ele leve a vida, na velhice, com alegria.

7.1.4 - A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR NA PERSPECTIVA DAS CUIDADORAS

Inicialmente, a representação social do lugar, ou seja, da instituição pesquisada, propiciará a compreensão acerca de como as cuidadoras de idosos definem, sentem e vivenciam a ILPI. No âmbito das entrevistas, observamos que cada cuidadora vivencia a instituição de forma diferente, porém, por mais que as experiências das cuidadoras sejam diferentes, podemos perceber que o sentimento de pertencer à instituição é algo compartilhado por todas e notório.

Diante disso, verificamos nos fragmentos (047), (048) e (049) que as cuidadoras definem a instituição pesquisada como um lar. Essa definição corrobora o entendimento de Tuan (1983) sobre o lugar, pois esse surge quando o espaço torna-se familiar.

(047) Ah, é minha segunda casa. É um lar onde a gente se torna uma grande família e que tem uma grande importância, independente desse ou de qualquer um outro, porque a gente acaba se apegando a eles e eles se apegam na gente, sente falta, então quanto esse ou qualquer um outro lar se torna uma casa a gente uma grande família. (ENTREVISTADA 01).

(048) O abrigo para mim é considerado uma segunda casa, segunda família, porque já tem cinco anos que eu trabalho aqui [...] Eu acho aqui não tem a família de sangue, mas tem os amigos, que torna a nossa família né, eu vejo que aqui a gente constrói outra família, diferente é claro, mais companheira, tem as companheiras de trabalho que torna família também né? Eu gosto muito, eu gosto muito de trabalhar aqui. (ENTREVISTADA 02).

(049) Um lar dos idosos e meu porque a gente fica considerando como um lar também, porque a gente convive todos os dias, vira uma família. A convivência torna-se um lar. (ENTREVISTADA 08).

No fragmento (047), a entrevistada considera a instituição como um lar. E, a casa surge a partir do apego sentimental entre o idoso e o cuidador; apego esse que configura a família e a casa para ambos. O fragmento (048) vai ao encontro do fragmento (047), uma vez que a entrevistada também considera os idosos como sua segunda família e a instituição, sua segunda casa. Mas, nesse caso, a classificação de casa e família leva em consideração o tempo de trabalho da entrevistada na instituição.

Ademais, a existência da dimensão temporal para a construção do lugar também se fez presente no fragmento (049), pois a entrevistada definiu a instituição estudada como o lar dela e dos idosos, sendo que a classificação de lar surge a partir da convivência diária entre os idosos e as cuidadoras. Assim, podemos considerar, diante das perspectivas apresentadas nos fragmentos (048) e (049), que o tempo das relações sociais entre os idosos e as cuidadoras dá origem ao pertencimento ao lugar, ou seja, à ILPI pesquisada.

Já nos fragmentos (050) e (051), a instituição aparece ligada à representação de sentimentos, de modo que podemos encontrar o lugar associado a atributos como o amor, a paciência, o carinho e o respeito.

(050) Para mim aqui é um lugar de amor, de cuidado, de compreensão né? Paciência, carinho, respeito, saber respeitar eles, é isso. (ENTREVISTADA 05).

(051) É um lugar ótimo para eles serem cuidados, é um lugar ótimo, as pessoas são bem cuidadosas, todas tem carinho por eles, eu considero um lugar bom de trabalhar, um lugar ótimo de trabalhar. É porque assim não tem como explicar porque é um lugar onde tem pessoas assim, que precisa do carinho da gente, eu num tem explicação para esse lugar aqui. Eu só acho assim, nós que trabalhamos aqui temos que dar bastante amor e carinho por eles é o que eles merecem pela idade e muitas das vezes pela saúde deles. (ENTREVISTADA 03)

Inicialmente, no fragmento (050), podemos perceber que a classificação da instituição, enquanto lugar, dá-se através dos sentimentos, que são despertados pela relação entre os

idosos e as cuidadoras. Assim, os sentimentos de paciência, carinho e respeito, citados pela entrevistada, são envolventes do trabalho de cuidar, que de certa forma estão prontamente ligados às qualificações exercidas no lugar (ILPI).

Ainda sobre as qualificações do lugar dadas a partir da atividade de cuidar, o fragmento (051) demonstra a conectividade entre o lugar e o sentido do trabalho de cuidar, ou seja, que se as práticas de cuidado forem especiais, como dar carinho e amor aos idosos, automaticamente à instituição tornar-se-á um lugar especial.

Portanto, a dinâmica do trabalho de cuidar é o que define o sentido do lugar, como podemos verificar nas expressões citadas pela entrevistada, no fragmento (051): “um lugar ótimo para eles serem cuidados”, “um lugar ótimo, as pessoas são bem cuidadosas” e “lugar onde tem pessoas assim que precisa do carinho da gente”. Dessa maneira, afirma-se a conectividade do lugar com o cuidado e a instituição é vista como um lugar que supre os sentimentos e as necessidades humanas.

Além disso, a instituição pesquisada também aparece como um lugar de apoio, conforme pode se averiguar dos fragmentos (052) e (053).

(052) Ah, é uma casa de apoio. É como se fosse a casa dos internos onde eles moram né? É a casa deles, onde eles podem se sentir a vontade porque é a casa deles, eles não tem outra casa, sabe? (ENTREVISTADA 06).

(053) Aqui é um lugar que quando as famílias quer deixar e não quer ter responsabilidade, quer achar um canto que tá bom para eles e não quer ter responsabilidade com eles. (ENTREVISTADA 04).

No fragmento (052), podemos constatar que a entrevistada projeta a instituição como uma casa de apoio, na qual os idosos devem se sentir à vontade, por ser a única casa que eles possuem.

E, igualmente inserido na percepção do lugar como ponto de apoio, no fragmento (053), a entrevistada compreende que a instituição é um lugar que abriga os idosos desamparados pela família. As expressões “quer deixar”, “não quer ter responsabilidade”, “achar um canto”, “não quer ter responsabilidade com eles” apresentam o idoso como um animal desamparado, a procura de um lugar para sanar as suas necessidades, ou até mesmo como um objeto que possa ser deixado de lado e inserido em qualquer lugar.

Nesse sentido, a instituição aparece como um apoio para os idosos institucionalizados, porém, nos fragmentos (054) e (055), os relatos parecem demonstrar a ILPI como um espaço de reclusão ou de abandono.

(054) O abrigo é muito bom. A gente olha o jeito de trata o lugar deles, aqui tem o apoio pra eles e... se os filhos deles lá não quiser, tem que ser olhado aqui e nós que tem que apoiar eles. (ENTREVISTADA 07).

(055) Tipo assim, eles não querem ficar, mas é obrigada a ficar. Igual o senhor Raimundo, o novato, que chegou, nossa ele não quer ficar de jeito nenhum, fica nervoso, agride a gente com palavra, ele é muito nervoso, não quer ficar de jeito nenhum. Eles são sinceros eles demonstram quando não querem [...]A família que traz, a maioria, que vem é contrariado, porque não quer vir. São muito poucos os que vêm porque querem a gente tem até uma senhoria que não quer ficar de jeito nenhum, ela diz que quer embora, que não aguenta mais ficar aqui. O tempo todo ela reclama, o tempo todo ela fala que vai embora, que vai embora, que não que ficar aqui, a maioria vem contrariado. (ENTREVISTADA 06).

Especificamente, no fragmento (054), a instituição aparece como um escape ou um caminho de fuga para as famílias que querem abandonar os idosos, o que pode ser notado na expressão “se os filhos deles lá não quiser tem que ser olhado aqui”. Essa frase parece evidenciar a instituição como um lugar de imposição.

O fragmento (055) demonstra e exemplifica a instituição como um espaço de reclusão e abandono, pois revela que o idoso não tem autonomia para escolher o seu lugar de vivência, ou seja, ele é forçado a viver na instituição.

Ainda, nota-se que a atitude de obrigar o idoso a ficar na instituição reflete na dinâmica do lugar, visto que o idoso, que não quer viver na ILPI, fica nervoso e contrariado, sendo que esse sentimento de contrariedade desperta, no idoso, sentimentos tofofóbicos pelo lugar e pelas pessoas que ali vivem.

E, no que diz respeito à exclusão do idoso da família, podemos observar, no fragmento (056), que a entrevistada considera a instituição como uma casa de idosos, na qual a dinâmica do lugar é harmoniosa “todo mundo trata todo mundo bem”. Um ponto a ser destacado diz respeito aos horários, que são estabelecidos na instituição, assim como em nossas casas. Assim, todas as atividades têm horários para serem realizadas.

(056) Eu acho um ótimo lugar, porque se ele ficar na rua, ele pode ser maltratado, se ele ficar muito com filho, porque a maioria dos filhos não quer ficar com os pais, então aqui é a casa de idoso, todo mundo trata todo mundo muito bem, tudo na hora certinha, café da manhã, almoço, medicação, merenda, a janta. Tudo, tudo em seu devido lugar, tudo certinho, então aqui para eles é um lugar melhor para eles [...]. (ENTREVISTADA 02).

Ainda na perspectiva da representação da instituição pesquisada como um lugar de abandono, podemos observar, nos fragmentos (057), (058) e (059), que o abandono é um estímulo para o fortalecimento do vínculo afetivo entre o cuidador e o idoso.

(057) De alguns, não todos, é muito pouco, mais um menos um, dois, três internos no máximo a família deles somos nós que trabalha aqui, porque aqui eles estão convivendo todo o dia, todo o dia, nós passamos ser família deles e eles passaram a ser a nossa família seja na situação de felicidade ou de tristeza, nós que estamos aqui cuidando deles, medicando eles, dando carinho para eles, porque a família deles mesmo não vem. (ENTREVISTADA 02).

(058) Eles são abandonados pela família aqui, muitos deles tem família aqui. Mas é um lugar de muita paz, um ambiente de muita paz. (ENTREVISTADA 05).

(059) Aí num sei, sei lá... eu acho muito esquisito. É um lugar de paz, tranquilo, eles se sentem bem, mas eu acho um lugar muito triste, por causa da situação, eu acho. Não é por eles estarem aqui é por eles serem abandonado. Não é por conviver aqui, não é pelo convívio, é por eles serem abandonados pela família, sabe? Muitos abandonam, vem, coloca aqui e tchau e não quer nem saber, eu acho que é muito triste. Muito triste! (ENTREVISTADA 08).

Entretanto, nos fragmentos supracitados, podemos notar que, apesar da instituição aparecer como um lugar de abandono, a mesma consegue despertar a sensação de paz e tranquilidade nas entrevistadas.

Porém, no fragmento (059), a entrevistada tem uma sensação de estranhamento com o lugar, mesmo ele despertando paz e tranquilidade. E, esse estranhamento deve-se ao fato dos familiares abandonarem os idosos na instituição. A entrevistada reforça ainda mais o abandono dos idosos ao usar a expressão “vem coloca aqui e tchau e não querem nem saber”.

Prosseguindo na concepção de abandono do idoso na instituição, surge a necessidade de verificar quais são os motivos apresentados pelas famílias para migrar os idosos para a instituição.

Nos fragmentos (060) a (063) podemos notar que um dos motivos para o abandono é porque as famílias dos idosos não conseguem conciliar a atividade de cuidar dos idosos com as atividades de casa e do trabalho assalariado. Ainda, outro motivo identificado foi a falta de interesse das famílias em cuidar dos idosos.

(060) A maioria é porque a família coloca, às vezes por não ter condição de cuidar, a família tem que trabalhar, ou não tem condição de pagar alguém de confiança para cuidar, porque tem que ser de confiança para cuidar, porque não vai deixar... e a família não tem condição de pagar o cuidador e acaba que a família põe aqui, a maioria dos internos aqui é a família que põe. (ENTREVISTADA 02).

(061) Às vezes é... dá um infarto ou um AVC, aí fica internado e a família não tem condições de cuidar, não tem jeito de tomar conta, daí traz para cá e aqui já fica. E

outras traz porque não quer cuidar mesmo, não quer, infelizmente é a realidade, né? (ENTREVISTADA 01).

(062) Os que têm família, a família sempre alega porque não tem tempo de ficar cuidando, trabalha fora e depende de horários, porque tem que ter uma atenção, horário de comida, medicação, então é sempre assim, a maioria é sempre essa justificativa. (ENTREVISTADA 04).

(063) Ah, a maioria vem e diz que trabalha fora, que não tem tempo de cuidar, que tá sozinho em casa, não acha quem cuida, é isso que eles alegam, e para pagar uma pessoa é muito cara, não dá conta, é essas situações que eles alegam. São poucos que vem por causa de doença, são poucos que vem, a maioria é porque a família alega que não tem tempo de cuidar. (ENTREVISTADA 03).

Entretanto, as cuidadoras veem a instituição, simultaneamente, como lugar de abandono e de acolhimento. Nos fragmentos (064) a (067), podemos notar que a instituição aparece como um lugar importante para os idosos.

(064) É porque eu acho importante aqui, imagina se não tivesse o lugar para acolhê-los? Como que ia fazer? Então isso envolve tudo, envolvi o município todo, porque aqui é um acolhimento, já pensou se não existisse esse tipo de lugar pra eles, como que muitos que iam fazer, iam ter que sair pra fora da cidade e ir pra outro lugar. (ENTREVISTADA 08).

(065) Eu acho que aqui é muito importante, porque assim se não tivesse um lar para acolher eles, com certeza eles estariam com a família, mas acho que nem todos teriam paciência de cuidar, porque a gente vê e a gente sente que eles sentem, alguns não tem família, então se não tivesse esse lar para acolher, não tivesse os lares né, porque independente de ser esse ou qualquer um outro lar para acolher talvez eles estivessem na rua por não ter família, e aqui eles tem porque acaba que a gente torna a família deles. (ENTREVISTADA 01).

(066) Ah... muito importante, porque se não tivesse aqui onde eles estariam hoje? Às vezes na rua mendigando, sofrendo né? É muito importante pra eles, acolhedor pra eles. (ENTREVISTADA 07).

(067) Ah! É um lugar muito acolhedor, um lugar de acolher né? Um lugar acolhedor. É muito importante isso aqui, é uma casa que precisa muito, se tivesse mais, era melhor, porque tá necessitando muito, ninguém tá tendo paciência, filho não tá tendo paciência para cuidar do pai mais, então tendo um lugar para acolher eles isso é muito importante para eles né? Às vezes eles vão viver até melhor do que se estivesse com filho que não tem paciência, que maltrata, e aqui não, eles são muito bem tratados, são muito bem acolhidos, né? É muito melhor a qualidade de vida deles, muita das vezes com o filho hoje eles não teria o que tem, se tivesse com filho, às vezes muita paciência, muito amor, a gente não supera a falta da família, a gente não supera, mas a gente tenta recuperar, a gente pode dar o amor que for pra eles e carinho, mas nunca é a mesma coisa. Sempre eles vão sentir falta, às vezes de um filho, do irmão, sempre vai sentir falta. (ENTREVISTADA 06).

No fragmento (064), a instituição (ILPI) aparece como um lugar de extrema importância para os idosos que não têm família ou que são abandonados pela mesma no município. Além disso, a entrevistada ressalta que se não existisse a instituição no município, os idosos deixariam suas raízes, seu pertencimento e vivências, pois teriam de migrar para outro município.

Diante disso, podemos levantar a hipótese de que a transição do idoso para uma instituição de longa permanência, no município de sua residência, provocaria, inicialmente, uma mudança brusca em sua vida. Então, considerando a mudança para uma instituição em outro município, certamente isso acarretaria consequências mais drásticas para a vida do idoso, se comparada à primeira situação.

Ainda na vertente da instituição como um lugar acolhedor, podemos verificar, nos fragmentos (065) e (066), a importância do lugar na vida dos idosos. As entrevistadas consideram que se não fossem a ILPI pesquisada, os idosos poderiam estar nas ruas, “mendigando” e sem família. O processo de acolhimento do idoso no lugar (instituição) faz com que as cuidadoras criem uma representação da instituição como um lar acolhedor, que se configura com uma família criada por idosos e cuidadoras.

É oportuno lembrar as condições em que os idosos viviam antes de morar na instituição, pois, no fragmento (067), a entrevistada considera que, dependendo do contexto social no qual estava inserido o idoso, o mesmo terá melhor qualidade de vida na instituição do que com a família. A entrevistada ainda pondera que os sentimentos de amor e paciência, que os idosos recebem na instituição, talvez não seriam proporcionado por seus filhos.

Efetivamente, nos termos apresentados por Tuan (1983), que afirmava que nos lugares conseguimos sustentar nossas necessidades, os fragmentos (068) a (072) demonstram a necessidade do lugar (instituição) para o idoso.

(068) Aqui é um lugar tranquilo, onde eles poderiam viver bem, se alimentam bem, é tranquilo aqui, é tranquilo. (ENTREVISTADA 06).

(069) Aqui tem uma importância para eles, que eu acho que é das pessoas cuidar bem deles, a onde eles possam ter a refeição na hora certa, remédio, banho, tudo na hora certa. (ENTREVISTADA 05).

(070) Tem muitos que não tem nem metade do que tem aqui em casa, para eles aqui é muito importante. (ENTREVISTADA 04).

(071) Assim, eles são bem cuidado, a questão de comida é muito bom, o cuidado com eles também, então assim, pra eles. Tem muito que não tem esse cuidado aqui em casa e acaba se tornando bom. (ENTREVISTADA 03).

(072) Aqui não é maltratado, a gente olha na volta do dia quem trata bem e quem não trata... a comida deles aqui, não é comida ruim, porque o que pude fazer de bom eu faço pra eles, se não tem a comida às vezes mas nós tenta cobrir o pouquinho, nós não vai servir igual a família, se nós pudesse alimentar eles a parte da família nós alimentava, mas nós não podemos. (ENTREVISTADA 07).

Nos fragmentos supracitados, constata-se que a ILPI pesquisada adapta a sua dinâmica às necessidades dos idosos. Além disso, o cuidado parece ser o aspecto principal do lugar para

as cuidadoras, motivo que podemos notar que a instituição auxilia na recuperação da saúde e bem-estar dos idosos institucionalizados, propiciando experiências e vivências íntimas e aconchegantes para eles.

Ademais, a noção acerca do que é uma instituição de longa permanência para idosos pode ser facilmente constatada por agentes sociais exteriores, visto que o próprio nome faz referência à proposta da instituição. Porém, os sentidos que são despertados pela instituição de longa permanência só podem ser percebidos por agentes interiores.

Nessa perspectiva, o fragmento (073) demonstra a representação da entrevistada nas posições de agente exterior e interior, ou seja, antes e após adentrar a instituição, atuando como cuidadora, respectivamente. Observe que antes de trabalhar como cuidadora, na instituição, a entrevistada tinha a concepção de que os idosos eram sozinhos e abandonados, mas, ao adentrar a instituição, pôde sentir uma sensação boa, porque a representação que ela tinha formulado não era a mesma que ela estava vivenciando.

(073) Eu tinha impressão totalmente diferente do que é, da que eu tenho hoje. Então a primeira vez que eu vim, eu tive a impressão diferente do que eu imaginava, então foi uma sensação boa, porque era melhor do que aquilo que eu imaginava, eu imaginava que eles ficavam muito sozinhos, que às vezes eles não era bem tratados né. A impressão que a pessoa tem de abrigo é que aqui o idoso está jogado, que a família pegou, deixou o idoso aqui e abandonou, então era essa impressão que eu tinha, era de abandono. (ENTREVISTADA 01).

Ainda sobre as representações das cuidadoras antes de adentrar a instituição, podemos verificar, no fragmento (074), que a entrevistada morava próximo à instituição, passava na porta da mesma e não sabia como era. E, ao principiar na instituição, como agente interna, sentiu uma sensação estranha por ser a sua primeira vez naquele espaço.

Porém, com o passar do tempo e em decorrência das interações com as pessoas internas na instituição, a identificação com o lugar foi despertada. Esse fragmento parece demonstrar que, inicialmente, a entrevistada considerava a instituição como um lugar indiferenciado, mas, com a sua vivência, a instituição passou a ser classificada pela entrevistada como um lugar.

(074) Eu senti uma sensação estranha, já morei perto, nunca tinha vindo aqui, eu passava na porta nem sabia como era, então foi estranho, diferente... foi muito estranho e diferente também. Hoje, eu sinto bem, muito bem, o ambiente eu gosto, me sinto muito bem. (ENTREVISTADA 05).

Importante ressaltar que as sensações diante de um lugar podem continuar inertes mesmo que o sujeito tenha maior ligação com ele, sendo que isso pode ser constatado no fragmento (075), em que a entrevistada relata que quando entrou na instituição pesquisada se

sentiu triste pela conjuntura em que se encontravam os idosos (longe da família, alguns abandonados, etc.) e que essa sensação de tristeza permanece até hoje.

(075) [...] quando eu entrei aqui, eu senti que era muito triste né? Para eles que vivem aqui, eu tenho muito... não é pena sabe, mas eu acho que é triste assim, porque é longe da família, tem muita família que não procura, eu acho que eles se sentem muito sozinhos... Pra mim, assim, eu acho que eles se sentem isolados da família. É isso, eu senti que é um lugar muito triste porque eles são abandonados pela família aqui, muitos deles tem família aqui. Mas é um lugar de muita paz, um ambiente de muita paz. (ENTREVISTADA 06).

Portanto, mesmo se relacionando com o lugar, a cuidadora qualifica a instituição como um lugar triste, porque os idosos estão longe de suas famílias. Entretanto, apesar de ser um lugar triste, devido às circunstâncias que levaram os idosos a migrarem para a instituição, a entrevistada o classifica também como um lugar de paz.

Além do mais, podemos verificar, no trecho (076), que o pertencimento ao lugar faz com que a entrevistada questione sobre o futuro do mesmo, devido ao seu apego pela instituição. Assim, entrevistada utiliza a frase “quando a gente ta de fora a gente vê de uma maneira, mas quando a gente entra vê tudo de uma forma completamente diferente” indicando que as representações do lugar abrangem perspectivas diferentes, pois, para o agente externo, a instituição tem uma representação completamente diferente daquela experimentada pelo agente interno.

(076) [...] uma sensação assim, será que futuramente o que vai acontece, a gente se apegue é dessa forma. E é uma forma assim, quando a gente ta de fora, a gente vê de uma maneira, mas quando a gente entra, vê tudo de uma forma completamente diferente. A gente vê a vida por outro lado. (ENTREVISTADA 08).

Também foram identificadas as experiências das cuidadoras com o lugar, sendo que os fragmentos (077) e (078) destacam as experiências com o lugar a partir da troca simbólica de histórias de vidas dos idosos.

(077) Aqui eu me sinto mais em paz, porque cada um tem a sua história, então você vai conversando com cada um, às vezes você chega aqui aflita, às vezes abafada, chega aqui some, entendeu, aí assim, você se sente aliviada, tirou aquele peso das suas costas. É uma coisa que não dá nem para descrever, para mim é muito importante, significou muito desde o primeiro dia e está significando até hoje, porque se eu não estivesse aqui devido alguns problemas familiares que eu já tive, eu nem sei, aqui eu me apeguei muito com eles e eu me sinto aliviada, feliz. (ENTREVISTADA 02).

(078) Eu gosto demais daqui, ixi eu gosto demais, eu gosto. Nossa de conviver, eu gosto muito de conviver com eles, gosto muito das experiências que eles passam pra gente, a gente aprende muito trabalhando aqui, a gente aprende a ser humilde, a gente deixa muita coisa para trás que às vezes a gente faz coisa errada e depois vai e pensa, a gente aprende muito com eles, a gente aprende muita coisa, aprende sim. (ENTREVISTADA 06).

No fragmento (077), as experiências vivenciadas pelos idosos no passado e contadas, na instituição, para as cuidadoras, fazem com que o lugar transmita paz. As sensações íntimas despertadas na entrevistada parecem trazer um alívio acerca de problemas familiares relacionados ao seu passado. Diante disso, podemos constatar que a instituição se apresenta como um lugar íntimo, onde a entrevistada supre suas necessidades emocionais e psicológicas, pois, segundo ela, os sentimentos de aflição e abafamento findam naquele lugar. Ainda é preciso notar que o lugar desperta as sensações de alívio e felicidade na entrevistada.

Enquanto, no fragmento (078), a troca de experiências aparece como uma chance de aprendizado, pois a convivência com os idosos possibilita que sejam realizadas reflexões particulares pela entrevistada.

As primeiras sensações com o lugar estimulam sentimentos tofofóbicos e tofofílicos nas pessoas que o adentra. Mas, essas sensações podem ser convertidas de um sentimento a outro, ou seja, a pessoa pode ter sentimentos tofofóbicos com o lugar e na medida em que o vivencia e tem experiências com ele, suas sensações tofofóbicas são transformadas em sensações tofofílicas.

Podemos verificar a passagem desses sentimentos no fragmento (079), uma vez que a entrevistada sentia a sensação de nojo pelo lugar, sendo que esse nojo era decorrente das atividades que ela deveria exercer no lugar, como lavar banheiro, retirar fezes e limpar o sangue no chão. Assim, os sentimentos tofofóbicos foram despertados no primeiro dia em que a entrevista entrou no lugar e ela imaginou que não iria continuar no trabalho por causa das qualificações do lugar, ou seja, as atividades que ela deveria desenvolver na instituição. Porém, a partir da vivência e experiência com o lugar, as atividades que despertavam o nojo na entrevistada foram naturalizadas.

(079) No primeiro dia eu achei que eu não ia ficar por causa do tipo do trabalho que é, assim mexer com fezes né, eu vim. Quando eu falei que vinha, eu achei bom, mas quando eu comecei a exercer a função, eu não ia ficar. [...] eu tinha nojo, eu ia comer, a comida não descia, porque quando eu entrei, eu trabalhava de dia na parte da limpeza, então eu lavava banheiro, tirava as fezes, quando machucava, tinha sangue no chão, aí eu ficava com nojo, muito nojo. Aí eu me acostumei, hoje pra mim... eu lavo, do banho, troco e limpo eles, eu lavo a mão venho aqui na cozinha faço o lanche pra mim é tudo normal não tem nada de diferente. (ENTREVISTADA 04).

A dimensão emocional também influencia para fundamentação do lugar, como podemos identificar no fragmento (080), pois o medo de perder o emprego desperta a sensação de um futuro sentimento de tofofobia pelo lugar, conforme pode ser constatado

quando a entrevistada utiliza a frase “se eles me mandarem embora eu acho que eu entrava até em depressão porque nem passava mais nessa rua”. Verifica-se que a depressão e o evitar passar na rua estão diretamente ligados ao lugar, pois ao criar a representação de que não irá mais frequentar o lugar (instituição), a entrevistada cria sentimentos de topofobia, que pode vir a ocorrer caso a mesma seja dispensada do seu trabalho.

(080) [...] aí eu penso assim, se algum dia eu sair ou se eles me mandar embora, eu não passo nem na rua mais. Porque sei lá, porque eu acho assim ou sai eu por vontade ou não saio. Se eles me mandarem embora, eu acho que eu entrava até em depressão porque nem passava mais nessa rua. (ENTREVISTADA 05).

Mas ainda, é a partir da dimensão temporal que criamos interações com os espaços e com as pessoas, que também se relacionam com os mesmos. Assim, podemos observar nos fragmentos (081) a (105) que, apoiados nas interações, criamos relacionamentos de convivência com as pessoas e com os espaços, sendo que esses relacionamentos possibilitam conhecer intimamente todos os aspectos que envolvem o espaço e as pessoas e à medida que esses relacionamentos ganham sentimentos, experiências e vivências, transformamos o espaço em lugar.

(081) [...] esses dias tinha uma internada que estava meio doentinha, eu fiquei preocupada, será que ela tá bem, será que ela melhorou, como que tá meu Deus, será que ela tá dando trabalho para a menina da noite, porque ela trabalha sozinha né. Eu penso assim, senhor guarda aquele lugar, proteja, a gente tem preocupação cria uma segunda família da gente. (ENTREVISTADA 02).

(082) Ah sim eu fico pensando neles, o que eles estão fazendo, será que eles já comeram. Será que estão bem, principalmente quando a gente sai e tem um que tá mais doentinho e assim a gente pensa será que ele melhorou, costume até ligar para saber como que tá. (ENTREVISTADA 01).

(083) Pelo incrível que pareça sim. Como ele tá, se tá todo mundo passando bem, se tá todo mundo dormindo bem. (ENTREVISTADA 03).

(084) Não porque a gente fica... fica fazendo parte da vida da gente. Sempre tem alguma coisa que envolve, que a gente pergunta, as vezes eu tô em casa e converso com as funcionários noturno e pergunta como que tá, se eles passaram bem. Acaba envolvendo, querendo ou não acaba envolvendo no dia a dia. Eu saio mais continuo conectada nesse lugar, querendo ou não a gente fica porque é das 7 às 7 então a gente fica. (ENTREVISTADA 08).

Dessa maneira, no lugar é que se desperta o pertencimento, ou seja, as pessoas sentem-se pertencidas aos lugares. E, é através do pertencimento que nos conectamos com os lugares, de modo que podemos sair por um instante, minutos, horas e até mesmo dias, que ainda assim despertaremos lembranças, sentimentos, sensações e preocupações com os lugares.

No fragmento (081), podemos notar que a entrevistada faz uma ligação entre os idosos, que estão na instituição (lugar), e o lugar, pedindo uma proteção divina para o lugar. A

sua preocupação com os idosos e com a instituição potencializa o seu sentimento de pertencimento ao lugar (instituição).

A imaginação e o pensamento fazem com que nos conectemos aos lugares, sendo que os fragmentos (082) e (083) demonstram essa conectividade com o lugar, a partir do pensamento. Isso acontece, pois as entrevistadas preocupam com o lugar, logo pensam na dinâmica da ILPI, o que pode ser examinado nas expressões “o que eles estão fazendo”, “será que já comeram”, “costumo até ligar para saber como que tá” e “se tá todo mundo dormindo”. Essa preocupação com os idosos gera, automaticamente, a conectividade com o lugar, a partir do pensamento e da imaginação.

Ainda sobre o vínculo com o lugar a partir do pensamento, podemos verificar, no fragmento (084), a conexão da cuidadora com o lugar (instituição), pois a entrevistada afirma que “sai mais continua conectada nesse lugar”, de maneira que mesmo nos dias de folga, o lugar (instituição) é memorável. Essa conexão se materializa através das interações sociais que acontecem na instituição e o cuidado pontualmente é o elo do lugar, que liga idoso e cuidador na instituição.

7.1.5 REPRESENTAÇÃO DO CUIDAR NA PERSPECTIVA DAS CUIDADORAS

A atividade de cuidar envolve, entre outros aspectos (físico, cognitivo, sexual, emocional e relacional), uma série de sentimentos, sensações e emoções, que são despertados em todos aqueles que estão inseridos no contexto do desenvolvimento da atividade de cuidado (o trabalhador que exerce o cuidado e a pessoa que recebe o cuidado).

Conforme evidencia Hirata e Guimarães (2010, p.01), “cuidado, solicitude, atenção ao outro, todas essas palavras ou expressões são traduções aproximadas do termo inglês *care*”. Assim, ao tentarmos dimensionar o cuidado em palavras, encontraremos substantivos que remetem aos sentimentos despertados pelo ato de cuidar, como o carinho, o amor e a atenção.

Nas entrevistas, as cuidadoras da instituição pesquisada mencionaram esses substantivos, que permeiam o cuidado, reforçando o contato social intenso entre idoso e cuidador.

Portanto, podemos observar, no fragmento (085), que a entrevistada destaca os substantivos carinho, amor e proteção, evidenciando a importância do diálogo com os idosos.

E, há também, no mesmo trecho, a repetição das palavras ouvir e conversar ligadas à atitude de dar atenção aos diálogos com os idosos.

(085) [...] dá carinho, dá amor, tenta proteger muita coisa, sabe? Não sei. Esse tipo de coisa assim, é conversar mais, porque eles se sentem muito carente, na hora que começa a conversar não para mais, eles conta história você tem que ouvir, tem que ouvir... essas coisas. (ENTREVISTADA 06).

Destarte, a definição do cuidado torna-se subjetiva à medida que cada cuidadora compreende o sentido da atividade que desempenha de maneira diferente. Portanto, a representação do cuidado depende, necessariamente, do contexto no qual a cuidadora o encaixa.

Nesse sentido, podemos observar uma tríade de representações, que passam pela satisfação e elevação pessoal, o cuidado com o sustento econômico, bem como a contribuição para o bem-estar social.

Nota-se, no trecho (086), novamente, os substantivos carinho e diálogo referindo-se ao cuidado.

(002) Cuidar é ter carinho, é ter uma ajuda, pra mim é isso mesmo. Eu me sinto realizada, pensar que a gente faz o bem, não é por causa do dinheiro, mas a gente tá promovendo o bem também, é além do trabalho. É igual eu tô te falando a pessoa fala “a vou lá trabalhar, fazer aquele serviço, daquele jeito e pronto” não vai conversar, sentar conversar com eles né? Mas eu sinto realizada. (ENTREVISTADA 08).

Assim, o fragmento (086), bem como o (087), destacam a interligação do trabalho de cuidar com o trabalho assalariado, tendo como pano de fundo um trabalho social, ou seja, o trabalho de cuidar se apresenta como um trabalho assalariado que promove o bem-estar social e proporciona a elevação pessoal para quem o realiza.

(087) Ai meu Deus... é tão gratificante pra gente, muito gratificante, nossa... é bom saber que você tá cuidando de alguém. É bom saber que a pessoa tá lá, que não dá conta de comer sozinha e você vai lá e coloca na boca, e a eles vão lá e agradece “nossa que delícia minha filha, muito obrigada”, nossa é muito bom, muito gratificante, é muito bom. (ENTREVISTADA 06).

Verificamos, ainda, a representação do trabalho de cuidar, na perspectiva de promoção do bem-estar do próximo, desconsiderando o trabalho como uma fonte de lucro. Assim, o fragmento (088) demonstra o trabalho de *care* como motivador da satisfação pessoal da cuidadora.

(088) Eu me sinto realizada, pensar que a gente faz o bem, não é por causa do dinheiro, mas a gente tá promovendo o bem também, é além do trabalho. (ENTREVISTADA 08).

Desse modo, o desenvolvimento do trabalho de *care* aparece como o compromisso de cumprir atividades perante a sociedade, conforme se depreende do fragmento (089), pois a entrevistada se refere ao seu trabalho como um meio para cumprir a sua obrigação. Embora, o sentido da palavra obrigação tenha ficado subtendido: o trabalho como obrigação pessoal (a pessoa é obrigada a realizar atividades que promovam o bem-estar social) ou o trabalho como obrigação familiar (a mulher é obrigada a sair de casa para sustentar a sua família).

(089) Às vezes as pessoas pensa que eu tô trabalhando aqui, por causa do meu dinheiro, mas não é, eu trabalho pra cumprir com minha obrigação e pra da um conforto melhor pra eles a gente tenta. [...] Assim a gente acha bom, porque a gente tá aqui todo dia, tão com eles, quando a gente chega, eles já que um abraço, isso aí é uma... não sei nem te responder como que é, é uma felicidade [...]. (ENTREVISTADA 07).

Ademais, a satisfação profissional do cuidador está associada ao bem que a atividade proporciona ao idoso, consoante podemos verificar no fragmento (090), em que a entrevistada reconhece que a sua profissão é mal remunerada, porém ela associa a sua realização profissional com a felicidade que ela proporciona na vida do outro.

(090) Da minha parte é muito gratificante porque eu gosto do que eu faço, eu faço com amor não faço por dinheiro se fosse pelo dinheiro eu não tava aqui mais, eu gosto do que eu faço, eu gosto da minha profissão, eu faço o melhor de mim para eles, eu faço o melhor para eles o que eu puder eu faço, eu gosto. Eu agradeço a Deus por ter me dado essa oportunidade né? Para me dedicar um pouco para pessoa que não é meu sangue e que eu possa tá fazendo alguma coisa para ele né? Porque eles merece um pouquinho (risos) o nosso carinho né? Nossa atenção não é não?(risos) é gratificante no final do dia, só de você saber que às vezes você faz uma pessoa feliz, nem que seja por alguns momentos, mas você fez ela feliz. Então, você já fica feliz também. (ENTREVISTADA 02).

Com efeito, a felicidade do idoso, ao receber os cuidados, de que ele necessita, faz com que a cuidadora, automaticamente, fique feliz com a sua profissão. Essa felicidade pode ser constatada quando a entrevistada utiliza expressões que reforçam a sua satisfação profissional, como “eu gosto do que eu faço”, “eu gosto da minha profissão”, “faço com amor” e “gosto da minha profissão”.

Assim, o trabalho de cuidado é, de acordo com o fragmento (091), uma atividade de extrema responsabilidade, pois o cuidador assume, como parte integrante de seu trabalho, uma responsabilidade ligada à vida do paciente. Pode-se observar, além disso, no mesmo fragmento, o uso duplicado do termo "muito" como forma de demonstrar que a atividade envolveria, sim, muita responsabilidade.

(091) [...] é muita responsabilidade, porque você acaba sendo responsável por outra vida, e aqui no caso a gente tá sendo responsável por muitas. Então é muita

responsabilidade, mas é uma coisa que eu gosto, que eu faço com carinho [...].
(ENTREVISTADA 01).

Outrossim, em relação às dimensões produzidas no trabalho de cuidado, identificamos, na instituição pesquisada, as dimensões física, cognitiva, sexual, relacional e emocional, que são fundamentadas por Soares (2013, p.46).

A dimensão física da atividade de cuidado está associada a todo o esforço que o cuidador faz no trato com o idoso, especialmente as tarefas de locomover, segurar, carregar, entre outras. Tal realidade pode ser observada nos fragmentos (092) e (093).

(092) Eu ajudo a cuidar deles, a tomar banho, ponho eles para tomar o café, almoçar... nove horas vai descer para tomar o café, aí nós vamos trocar eles, para trazer eles para mesa. Depois eu lavo as roupas, passo. Depois ajudo a servir a janta, depois nós vamos deitar eles de novo, trocar de novo é assim o dia inteiro.
(ENTREVISTADA 02).

(093) Então de manhã, sete horas é o banho, daí depois vem o lanche né, o café da manhã né, seguido é os remédios, depois acabou de almoçar, dorme todo mundo, se tiver que trocar tem que trocar, os que usa fralda, esses trem [...] Daí duas horas, começa a descer eles de novo, enquanto isso a gente lava tudo lá embaixo, e depois eles descem e tem o lanche, daí depois, quem quiser dormir vai, fica aqui de fora dá voltinha, assiste televisão até cinco horas, que é a janta. Daí cinco horas é a janta, eles jantam e quem quiser dormir, dormi, os cadeirantes a gente leva tudo, porque os cadeirantes não tem tolerância de ficar muito tempo sentado, a deitam e vão dormir.
(ENTREVISTADA 06).

Assim, os fragmentos (092) e (093) apresentam o aspecto físico como o responsável pelo dinamismo da instituição pesquisada, isto é, pelas atividades de cunho físico, realizadas pelas cuidadoras, que contribuem para a movimentação e performance do lugar (ILPI).

Contudo, durante as entrevistas, constatamos que a dimensão física, identificada no trabalho de cuidado, interfere na saúde das cuidadoras, como podemos observar nos fragmentos (094) e (095).

(094) Meus braços estão com os nervos inflamados, tenho problema de coluna sério por causa do peso, que a gente pega né aí vai indo, vai indo a gente não aguenta né? A coluna não aguenta, a gente aguenta a coluna que não aguenta.
(ENTREVISTADA 02).

(095) Já, coluna nem se fala né minha filha? Minha coluna tá ruim, eu sinto muita dor. (ENTREVISTADA 07).

Ocorre que, por ser um trabalho que demanda a força física para locomover o idoso, as cuidadoras acabam adquirindo sérios problemas de saúde, nas partes do corpo que exigem mais força e movimentação, como a coluna e os braços.

Além do mais, as cuidadoras, que trabalham no período noturno, ficam a noite toda acordadas e podemos notar, no fragmento (096), que a cuidadora expõe que fica estressada e

cansada, por não ter suas horas de sono regulares. Também podemos observar a dupla jornada da mulher, já que a entrevistada disse que trabalha um dia na instituição e outro em sua casa. E, toda essa conjuntura, ressaltada pela entrevistada, pode influenciar na sua saúde mental.

(096) E só estresse né? Porque você não dorme, você deita lá, mas você tá sempre atenta e no outro dia você acaba estressando um pouco. Estressada, desanimada... porque você passa a noite acordada, é igual eu te falei, eu estresso, então às vezes eu não tenho vontade de fazer muita coisa, porque aí eu sou uma dona de casa, eu tenho meu serviço de casa, então o estresse, a cansa, às vezes meus filhos cobram um pouco “mãe vamos sair”, “ não eu não vou, eu tô cansada eu vou dormir”. (ENTREVISTADA 05).

Outra dimensão, que verificamos no decorrer das entrevistas, foi a cognitiva, que está materializada na instituição pesquisada e fundamentada a partir dos aspectos propostos por Soares (2013).

Assim, a dimensão cognitiva é reforçada pela imprescindibilidade de conhecimento dos medicamentos e doenças dos idosos institucionalizados, como fazem menção os fragmentos (097) e (098), ao tratar do domínio dos medicamentos utilizados pelos idosos, evidenciando a necessidade de conhecer os horários de medicação e os sintomas clínicos que os idosos apresentam.

(097) [...] dá o remédio depois do café da manhã e logo vem o almoço, aí dá o almoço e dá o remédio, e... de cinco horas dá a janta e eu acho que de cinco horas quase todo mundo toma remédio também. (ENTREVISTADA 04).

(098) [...] o João, ele é assim, a noite ele toma remédio da pressão, então quem toma remédio da pressão faz muito xixi, então ele faz uma vez xixi, ele já chama, ele não tem paciência de chamar e esperar não sabe? Ele tem que ir na hora se não chegar lá, ele fica muito bravo. E aí eu falo, João você tem que entender que eu sou só uma, que às vezes eu tô no horário de dar remédio, tô dando lanche, às vezes eu tô trocando alguém, sabe? Tudo que ele quer tem que ser naquela hora, sabe? (ENTREVISTADA 05).

Ainda, de acordo com os fragmentos supramencionados, podemos verificar a padronização dos horários de medicação dos idosos da instituição, sendo que todos os idosos, que necessitam de medicação, tomam a dosagem logo pela manhã, especificamente após o café da manhã. Além disso, conforme o relato do fragmento (097), a entrevistada demonstra ter conhecimento do quadro clínico de um dos idosos, especificando muito bem o remédio que o idoso toma, assim como os seus efeitos colaterais.

Percebemos ainda, no fragmento (098), que a cuidadora destaca o quanto o desenvolvimento das suas atividades envolve as dimensões físicas e cognitivas, pois, no seu turno, ela é sobrecarregada de tarefas, uma vez que a mesma trabalha no turno da noite sozinha. Essa situação fica evidente quando a entrevistada utiliza a expressão “eu sou só

uma”, referindo-se às diversas atividades que demandam o seu esforço físico e cognitivo, em uma mesma hora, e que os idosos precisam ter paciência para esperar, pois há apenas uma cuidadora para desenvolver todas essas atividades.

Já a dimensão sexual, fundamentada por Soares (2013), apresenta o corpo como produto do desenvolver do cuidado, melhor dizendo o contato corporal entre quem cuida e quem é cuidado. Esse contato corporal, na instituição de longa permanência para idosos, é encontrado no desenvolvimento da higienização das partes íntimas, limpeza de secreções, no dar banho, trocar a sonda e em quaisquer outras atividades, que envolvem o contato corpo a corpo. E, a realização dessas atividades, que possuem dimensão sexual, demanda um contato muito íntimo, podendo vir a ser constrangedor, como demonstra o fragmento (099):

(099) [...] quando eu comecei aqui, eu ficava com vergonha, porque pensava assim, meu vó e minha vó nunca deixou a gente vê eles nu né, e a gente fica assim meio com vergonha. Complicado porque a pessoa idosa, tem muitas que é retraída assim, então é complicado né? [...] porque igual ajuda no banho, a gente fica com medo de ficar constrangido. Meu vó mais minha vó era tão sistemático não gostava nem que a porta do banheiro ficava aberta, então a gente fica assim porque acostumou daquele jeito né? A gente fica meio assim né “ai meu Deus será que eu tô deixando a pessoa constrangida” porque muitos são lúcidos né? (ENTREVISTADA 08).

Percebe-se que a entrevistada demonstra certo receio ao dar o banho nos idosos, por considerar o contexto social que seus avós viviam, ou seja, ela foi criada em um grupo social com uma cultura diferente e o que ela vivencia dentro do abrigo, com seu trabalho, quebra esse paradigma.

A projeção familiar perpassa na atividade da higienização corporal, como observamos no fragmento (099) e, também, podemos observar no fragmento (100). Ambas as entrevistadas procuram referências familiares para nortear o contato da higienização dos idosos.

(100) [...] é normal, eu sinto a mesma coisa de como se eu tivesse dando banho no filho meu. Normal. (ENTREVISTADA 05).

Mas, observe que a dimensão sexual é produzida de maneira subjetiva pelas cuidadoras, conforme demonstrado nos fragmentos (099) e (100), pois no fragmento (099) a entrevistada se sente retraída, tem a sensação de medo e vergonha no momento da higienização do corpo do idoso, enquanto o fragmento (100) apresenta a higienização corporal como um procedimento normal.

Assim, comparando ambos os fragmentos supracitados, podemos corroborar a subjetividade do aspecto sexual com relação às cuidadoras. E, a diferença, quanto à

representação sobre a prática da higienização do corpo do idoso, deve-se ao fato das duas cuidadoras terem projetado referências familiares diferentes, pois enquanto a entrevistada do fragmento (100) tem como referência o seu filho, a entrevistada do fragmento (099) projeta os seus avós. Logo, podemos considerar que dar banho em um filho é um procedimento natural para a sociedade, mas dar banho nos avós, não.

Cumpramos destacar, ainda, a dimensão relacional que foi identificada na instituição pesquisada e definida como:

Qualificações sociais, isto é, a capacidade de evitar o embaraço para si e para o outro. [...] outras qualificações importantes são mobilizadas na interação entre quem cuida e quem é cuidado. Por exemplo, a capacidade de guardar o adequado equilíbrio na interação, um aspecto importante para preservar a comunicação, a escuta. Temos ainda, a paciência, a capacidade de manter o controle emocional, de não perder a calma, ao longo do tempo. (SOARES, 2012, p.47).

Diante da construção do referencial teórico de *care* e na aplicação das entrevistas, constatamos que o diálogo, no desenvolvimento do cuidado, torna-se importante para uma boa interação entre o cuidador e o idoso, tendo em vista que em alguns momentos os interesses de ambos não são os mesmos. E, para haver um bom relacionamento, muitas vezes, quem produz o cuidado deve procurar ceder a quem recebe o cuidado. Desse modo, a interação harmoniosa entre quem cuida e quem recebe o cuidado pode ser examinada no fragmento (101):

(101) Eu sempre tento levar eles para um jeitinho que é mais confortável para eles. Mesmo que aquilo, que eles querem no momento, não seja o ideal para eles, a gente vai contornando, conversando, falando que agora não pode. Então assim, eu vou contornando. (ENTREVISTADA 01).

Reafirmando a dimensão relacional, podemos verificar, no fragmento (102), o diálogo com os idosos como uma estratégia da cuidadora para desenvolver o cuidado. Essa estratégia utilizada pela entrevistada parece despertar ou ser o sentido do cuidado para ela, já que a mesma repete a expressão “eu tenho muito cuidado com eles”, “muito cuidado” e, em seguida, completa com a expressão “sento e converso”.

(102) Eu tenho muito cuidado com eles, eu tenho muito cuidado, eu tento fazer o melhor para eles, sento e converso com eles com muita calma e paciência [...]. (ENTREVISTADA 02).

Os diálogos e os momentos compartilhados dentro da ILPI reforçam o vínculo social entre o idoso e as cuidadoras. Ademais, conforme consta no fragmento (103), as ações de conversar e brincar são recursos essenciais para a aproximação entre o cuidador e o idoso, o

que ainda estimula uma vivência melhor no lugar (instituição) tanto para o idoso quanto para o cuidador.

(103) Ah, a gente conversa com eles, brinca tem hora porque também a correria... mas, a gente conversa muito com eles, igual quando a gente tira um tempinho senta, conversa. E daí cria um vínculo sim com eles. (ENTREVISTADA 04).

Por conseguinte, a paciência torna-se um atributo constante para sustentação das qualificações sociais do trabalho de cuidar, de modo que o substantivo paciência é citado nos fragmentos (104) e (105).

(104) Tem dias que eles estão nervoso, que na mesma hora eles vem, te dá um carinho, tem hora que fica nervoso, mas a gente vê que a idade né. Mas eu tenho que saí de perto deles, ter paciência, se eles fala alguma coisa pra nós, a gente vem no filtro bebe um pouco de água, engole e volta e pergunta “como que o senhor tá”. (ENTREVISTADA 07).

(105) [...] você tem que ter bastante paciência, porque se você não tiver paciência, eles fica até agressivo, porque se não tiver, eles também não têm. Então, se você for debater com eles, você acaba indo longe e dizendo coisas para eles deixando eles mais nervoso. (ENTREVISTADA 05).

Assim, a paciência aplicada na prática do cuidado tem o objetivo de dar continuidade nas interações sociais. Porém, no fragmento (104), a cuidadora cita a estratégia que utiliza em caso de perda da paciência com quem recebe o cuidado, afirmando que “vem no filtro e bebe um pouco de água, engole e volta”. Essa expressão parece estar relacionada à ideia de que a entrevistada bebe a água como uma metáfora que se refere a engolir as palavras (nervosas) ditas pelos idosos.

Já o fragmento discursivo (105) demonstra que a falta de paciência, das cuidadoras para com os idosos, pode provocar situações de agressão e nervosismo por parte do idoso, gerando circunstâncias desagradáveis na instituição pesquisada.

Convém destacar, aqui, a última dimensão: a emocional, que também foi constatada na instituição, objeto da presente pesquisa, pois vivemos em uma interação social constante, na qual criamos laços afetivos com as pessoas e esses laços possibilitam o surgimento das emoções, que são sentidas e manifestadas através do nosso corpo. Assim, a manifestação de uma emoção pode ocasionar mudanças fisiológicas, cognitivas e comportamentais, como podemos observar no fragmento (106), em que a entrevistada demonstra um quadro de mudanças comportamentais.

(106) Aí eu penso assim: igual muita das vezes tá... bate um tipo de **solidão**, ouço uma musica, aí eu lembro de algum deles, aí eu **choro** não sei porque. Eu choro, quando passa assim uma música, eu fico **triste**, aí eu fico lembrando deles. Não eu

fico lembrando assim... às vezes algum reclama alguma coisa, “eu quero ir embora”, “ eu quero ir para minha família”, “aqui é bom mas eu quero ficar com a minha família” aí eu fico com dó sabe? Aí eu choro [...] e eu pensava se eu saí e pedir conta, eles não vai pensar duas vezes e eles não vai falar não, você não vai sair, eles vai me dá conta. E aí vou entrar em **depressão**, porque eu vou ficar pensando neles e aí eu nem vou vim aqui mais. (ENTREVISTADA 05).

O fragmento (106) expõe uma série de palavras que expressam alterações cognitivas e comportamentais, como “solidão”, “choro”, “triste” e “depressão”, que são sentimentos despertados na entrevistada ao pensar no contexto social dos idosos. E, ainda, a entrevistada nos momentos de descontração, em sua casa, permanecia com os seus pensamentos na vida dos idosos, o que pode ser confirmado por meio das expressões “ouço uma música aí eu lembro de algum deles”, “ aí eu fico lembrando deles”, “Não eu fico lembrando assim”, “e eu pensava se eu sair e pedir conta” e “ eu vou ficar pensando neles”, o que evidencia que a entrevistada fica rememorando os idosos.

Outra questão a ser abordada aqui e que demonstra a dimensão emocional fortemente presente nas instituições de longa permanência dos idosos é o falecimento dos idosos institucionalizado.

(107) Aí dava uma tristeza, o coração doía, a gente chorava muito sabe? [...] que a gente pensa que não vai acontecer, a gente acha que nunca vai acontecer com aquele, né? Mas é muito ruim, muito ruim, nossa. Muitas das vezes a gente nem conta pra eles, a gente não conta, a gente conta depois, porque a reação deles... eles ficam muito triste porque eles sabem que... a maioria sabe que eles estão aqui só esperando a hora deles né? A maioria... eles sabem que vão sair daqui pra ir para aquele lugar, eles sentem muito mal, eles choram. (ENTREVISTADA 05).

Esse fragmento demonstra o quanto é doloroso, para o cuidador, a perda do vínculo social com o idoso, sendo que as expressões e ações utilizadas denotam, vigorosamente, essa situação, tais como: “tristeza”, “coração doía” e “chorava muito”. Cumpre destacar, ainda, que a repetição da expressão “muito ruim” reforçar o quanto é negativa a perda desse vínculo.

Assim, devido ao próprio desenvolvimento do cuidado, que consiste em dar atenção, carinho e ter paciência com os idosos, as cuidadoras acabam criando laços e sentimentos com os idosos. E, a perda da interação social entre o cuidador e o idoso, conforme restou demonstrado no fragmento (107), torna-se uma grande barreira emocional para o cuidador, isto porque a interação entre ambos é cortada brutalmente com a morte de algum idoso interno.

Entretanto, em caso de falecimento de algum idoso institucionalizado, as cuidadoras sentem que é preciso controlar suas emoções, para não demonstrar tristeza para os outros idosos, como podemos constatar nas expressões “muita das vezes a gente nem conta pra eles”,

“não conta” e “a gente conta depois”. Portanto, percebe-se que as cuidadoras gerenciam suas emoções, para manter o equilíbrio emocional dos idosos. E, ainda no fragmento (107), o lugar para onde os idosos irão depois da morte aparece implícito na frase “eles sabem que vão sair daqui pra ir para aquele lugar”, o que salienta que esse lugar parece ser, para a cuidadora, um lugar obscuro e questionável, podendo ser o céu, o cemitério ou outro lugar de repouso eterno.

Ainda no que tange à perda da interação social em decorrência do falecimento do idoso, nota-se, no fragmento (108), que a entrevistada parece esconder um sentimento de tristeza, para não atrapalhar o estado de saúde dos outros idosos, que também mantinham interações sociais com o idoso falecido.

(108) [...] o segredo é não transpassar o que o que eu sinto para eles, passar tristeza porque prejudica eles, né? Então eu fico para mim, eu não demonstro essas coisas para eles de jeito nenhum, porque se não complica. (ENTREVISTADA 02).

Outro ponto relevante a ser examinado, que também é afetado pelo falecimento do idoso, e que foi identificado na instituição pesquisada é o quanto as interações sociais influenciam a organização dos espaços. No fragmento (109), percebemos que, a partir das interações sociais, as pessoas criam hábitos que desencadeiam na forma de organização dos espaços. E, no caso da instituição estudada, as refeições são realizadas, em conjunto, pelos idosos, que possuem lugares pré-definidos para se sentarem à mesa, para usufruir de suas refeições. E, devido às interações sociais constantes, as cuidadoras e os idosos demoram a se acostumar com a ausência do idoso falecido, ou seja, que a interação social com esse idoso não vai vir mais a acontecer.

(109) O abrigo muda porque todo mundo vem pra cá, daí a gente reuni na mesa e cadê fulano? às vezes, eu ponho até comida a mais no lugar que o idoso sentava e eu “nossa, pensei que fulano tava aqui. (ENTREVISTADA 07).

Ainda na seara da perspectiva da emoção, torna-se importante citar a vertente do agir em superfície fundamentada por Soares (2012), que também foi identificada na instituição examinada.

O agir em superfície é ocorre quando o trabalhador manipula suas emoções e no trabalho de cuidado, que tem um contato face a face com uma pessoa, esse tipo de manipulação de emoção é produzida para fingir sentimentos e, até mesmo, expressões faciais, como podemos observar no fragmento (110), em que a entrevistada relata que faz expressão boa para o idoso, porque ele é o patrão.

(110) [...] se o colega tá de cara feia, ele tá de cara feia, cê faz cara boa, porque o idoso é meu patrão, eu tenho que aceitar isso. (ENTREVISTADA 07).

A exteriorização das emoções também ficou evidenciada na instituição e, por meio do fragmento (111), restou límpido que a entrevistada tenta exteriorizar as suas emoções e, inclusive, muda sua personalidade para o melhor desenvolvimento das suas tarefas.

(111) Aqui eu sou outra pessoa, na minha casa sou eu e aqui eu sou outra. Nunca trago meus problemas de casa para dentro do meu trabalho, de jeito nenhum, não misturo as coisas, entendeu? Porque, aqui, eu tô trabalhando com idoso, com gente, cada um com a sua personalidade, se eu for trazer os meus problemas para cá, já imaginou o que vai virar? Então, cada um no seu lugar né? (ENTREVISTADA 02).

No trecho acima, podemos notar, por meio do uso da expressão “cada um no seu lugar, né?”, que a entrevistada utiliza dois personagens para viver em sociedade, sendo utilizado um dentro da sua casa e o outro no seu trabalho. A partir disso, a entrevistada vivencia cada lugar com uma personalidade diferente, que vai se moldando de acordo com as qualificações do lugar e os interesses que a mesma tem nele.

Outro aspecto identificado na instituição é a intensidade do gostar do trabalho de *care*, pois à medida que o trabalho é realizado, as cuidadoras criam ligações com os idosos e com o lugar (ILPI). E, por isso acabam gostando das atividades que realizam, adequando-se aos padrões propostos pelo trabalho emocional, consoante podemos verificar no fragmento (112), em que a entrevistada apresenta o gostar profundamente do que faz.

(112) Eu gosto muito, é uma função que eu gosto muito, demais, muito mesmo de cuidar deles, hoje eu não tenho assim... nojo, que no começo eu tinha né? Hoje não, cuido deles com carinho, gosto do que eu faço, tenho paciência, não perco a paciência com eles hora nenhuma, gosto demais, gosto muito do que eu faço. (ENTREVISTADA 05).

Nota-se a repetição da ideia de gostar do trabalho, no início e no final do fragmento: “eu gosto muito”, “gosto muito, demais, muito mesmo de cuidar deles”, “gosto demais” e “gosto muito do que eu faço”. Essa repetição reforça o quanto a cuidadora gosta de desenvolver o trabalho de cuidado e, ainda, demonstra o envolvimento emocional com o trabalho.

No fragmento acima, também ficou evidente que, no início do trabalho de *care*, a entrevistada teve dificuldades para realizar a atividade do cuidado, pois ela se sentia enojada ao desenvolver o seu trabalho. Mas, ao longo do tempo, ela foi se adequando aos padrões do trabalho e, hoje, consegue desenvolver as atividades com “paciência” e passou a gostar profundamente das atividades que desenvolve dentro da instituição.

Outro aspecto perceptível na instituição e que também está inserido na dimensão emocional é a familiaridade, que restou sobejamente demonstrada no fragmento (113), em que a entrevistada projeta nos idosos a figura de seus pais. Assim, percebe-se que a ausência da figura paterna e materna na vida da entrevistada remete ao sentimento de familiaridade.

(113) [...] eu sempre vejo neles o meu pai e minha mãe, porque eu sempre faço o que queria que fizessem pelo meu pai e minha mãe. Então, eu gosto de estar com eles, de cuidar deles. [...] É igual eu te falei no começo, eu vejo eles meu pai e minha mãe, porque assim, eu não tenho mais nem pai e nem minha mãe, então eu vejo eles assim um pouquinho pai, um pouquinho de vô, um pouquinho de mãe. (ENTREVISTADA 01).

Já, no fragmento (114), a entrevistada, ao desenvolver os cuidados com os idosos, projeta a figura do seu filho, comparando o comportamento dos idosos com o de um filho.

(114) Sei lá, a gente se apega demais a eles. É igual um filho que a gente tem, sabe? Assim, às vezes eles passam um pouquinho de raiva na gente sabe? Tem uns que é meio bravinho e você acaba danando... Assim não é danando você tem que ser mais firme com alguns, e depois a gente fica com dó, sabe? Ai... é igual filho a gente pega amor. (ENTREVISTADA 05).

Ainda, reforçando a relação da familiaridade entre o cuidador e o idoso, fica evidente, nos fragmentos (115) e (116), que a carga emocional envolvida no trabalho de *care* é muito grande, devido ao fato de a maioria dos idosos, que estão locados no abrigo, serem sozinhos e algumas cuidadoras já terem perdidos seus pais.

(115) O que eu não fiz pro meu pai, eu tô fazendo aqui [...] estava com meu psicológico muito abatido, porque tinha acabado de perder meu pai né, eu me apeguei muito neles, e foi muito bom, eu fiquei muito feliz, para mim foi uma coisa maravilhosa para minha vida. (ENTREVISTADA 07).

(116) [...] a gente se sente assim como se fosse a família da gente, porque eu acho assim muitos como não tem família a gente pensa “ai meu Deus, será que a gente podia ser família deles, né?” podia ser meu pai, minha, mãe, meu avô, minha vó, é dessa maneira [...] Da convivência com eles porque é igual eu tô te falando a gente apega, eles conta a vida deles é uma família. [...] A gente trabalha muitas vezes o coração. A gente pensa que pode ser com a família da gente, então é difícil. (ENTREVISTADA 08).

No fragmento (115), a entrevistada demonstra que os idosos, que estão na instituição, serviram de consolo para melhorar seu estado psicológico, que estava abalado pela perda do seu pai. Podemos perceber, diante desse fragmento, que mesmo passando por um momento doloroso, a entrevistada aponta que o apego aos idosos “foi uma coisa maravilhosa”. Portanto, constata-se que a instituição serviu para amenizar a dor que a entrevistada estava sentido, podemos verificar tal fato nas expressões “foi muito bom”, “eu fiquei muito feliz” e “foi uma coisa maravilhosa”.

E, no fragmento (116), destaca-se uma expressão que remete à permissão de Deus: “ai meu Deus, será que a gente podia ser família deles, né?”, o que parece demonstrar que a cuidadora precisa da permissão de Deus para que os idosos se tornem como se fossem da família.

É importante concluir que os fragmentos (115) e (116) comprovam que a ausência da família de sangue do idoso estimula as cuidadoras a projetarem os idosos como membros de sua própria família.

Ainda examinando a perspectiva da familiaridade, outro aspecto que deve ser analisado diz respeito à interação com o lugar, pois as cuidadoras da instituição trabalham 12 horas seguidas e folgam no dia seguinte, nos termos expostos no fragmento (117). Assim sendo, as cuidadoras passam muitas horas na instituição, o que oportuniza a existência de várias interações sociais.

(117) Aí, eu gosto muito deles, aqui acaba sendo a segunda casa da gente. Porque entra sete horas da manhã e sai sete horas da noite, passa o dia inteiro com eles, acaba sendo. Acaba criando um vínculo afetivo com eles. (ENTREVISTADA 04).

Também no tocante ao aspecto emocional e sobre como as mulheres conciliam trabalho e o cuidado com a sua família, as cuidadoras muitas vezes deixam de cuidar de seus filhos para cuidar dos idosos, causando uma divisão entre a sua vida pessoal e o seu trabalho, como podemos observar no fragmento (118).

(118) Minha filha às vezes ficava doente eu não sabia, não sei o que fazer, eu chorava né, às vezes tava aqui tinha que trabalhar, não podia faltar né? Aí... outra vez também foi quando minha menina tava grávida, aconteceu um dissentimento mais meu irmão e jogou ela no chão e ela foi pro pronto socorro e me ligou desesperada, chorando, já era onze horas da noite, o que eu podia fazer? Porque não tinha outra pessoa né? E ela “ah mãe, você devia vir porque eu tô aqui, tô sentindo muita dor, tô sozinha” [...]. (ENTREVISTADA 03).

Nesse fragmento, podemos constatar que a entrevistada não tinha outra pessoa para cuidar dos filhos dela e foi compelida a deixar de cuidar dos seus filhos para ir trabalhar. Ainda, nota-se uma pressão emocional exercida pela filha da entrevistada, sobre ela, na frase “ah mãe, você devia vir porque eu tô aqui, tô sentindo muita dor, tô sozinha”.

A preocupação com os dois lugares que a cuidadora exerce o cuidado é evidente, sendo que elas sempre pensam nos seus lares quando estão trabalhando e, na instituição quando estão em casa. Dessa maneira, a conectividade com os lugares dos cuidados sobrecarrega as cuidadoras de forma física e psicológica, pois o seu corpo e a sua mente não

conseguem descansar e se desligar desses lugares, conforme podemos verificar no fragmento abaixo (119).

(119) Igual hoje eu passo o dia inteiro, então enquanto eu estou aqui, eles tem que fazer as coisas lá em casa, porque tem comida pra fazer, as coisas pra organizar, a mais velha ajuda a mais nova pra ir pra escola? [...] eu sempre fico ligando “[...], você já arrumou a [...] pra ir pra escola” porque o outro nem tanto, porque ele fica com minha tia, mas aí como elas fica lá, eu fico “já arrumou”, eu fico mais tranquila quando eu vejo que tá 12:00, 12:10 quando elas vão pra escola eu penso “já foi pra escola é a hora que tá mais tranquilo” daí eu saio pra dar mama para o mais pequeno, aí eu saio um pouquinho, aí eu volto. Eu fico conectada nos dois lugar. (ENTREVISTADA 08).

Ademais, observa-se, no fragmento acima, o que Soares (2012) nos chama a atenção sobre o trabalho negociado entre membros da família, pois as cuidadoras negociam com seus familiares para que a auxiliem nos cuidados uns com os outros e com o lar.

Também ocorre da cuidadora necessitar de outras pessoas para cuidar de seus filhos, enquanto se ausenta para trabalhar, o que podemos observar no fragmento (120):

(120) [...] meus filhos nasceram, eu trabalhando, então assim eu sempre deixei com minha mãe ou com a minha sogra, então assim se tá com febre ou com alguma coisa vai para o médico, vai para avó. (ENTREVISTADA 01).

Complementando o trabalho negociado em família, é primordial ressaltar que essa ausência da mãe para cuidar de filhos ou a substituição dela por outras pessoas, pode causar certo transtorno emocional para a cuidadora, que é mãe. Hochschild (2012, p. 186) alerta sobre os custos emocionais que tocam a essas mulheres assumir, pois, geralmente, suas crianças ficam aos cuidados de outras mulheres da família, maridos e babás.

Analisando os fragmentos expostos até aqui, podemos afirmar que o trabalho de cuidado é uma construção de sentimentos e ações: amor, carinho, dedicação e familiaridade, que são construídos a partir da confiança que o idoso deposita no cuidador. Portanto, a confiança é uma das dimensões a ser analisada no trabalho de *care*.

Nesse sentido, no fragmento (121), verificamos que a entrevistada define a confiança como um padrão para trabalho *care*, afirmando que “tem que ser de confiança para cuidar” e que “não vai deixar na mão de qualquer um”, referindo-se ao idoso como um objeto, que, entretanto, só vai para as mãos de quem transmite confiança.

(121) A maioria é porque a família coloca, às vezes por não ter condição de cuidar, a família tem que trabalhar, ou não tem condição de pagar alguém de confiança para cuidar porque tem que ser de confiança para cuidar, porque não vai deixar na mão de qualquer um. (ENTREVISTADA 01).

A confiança é um processo construído a partir das relações entre os idosos e os cuidadores. E, no trecho (122) fica evidente que a convivência entre quem cuida e quem é cuidado estabelece a confiança entre ambos e, por isso, segundo a entrevistada, na instituição estudada, os idosos apresentam resistência em confiar nas cuidadoras novatas.

(122) Eu acho que, a partir da convivência, eles vão pegando a confiança, o começo eles ficam meio assim, né? Porque a é novata né? Eu acho que eles fica meio assim, desconfiados né? Eles pensam assim: ah! Novata tem as funcionárias mais antiga né? Tem confiança mais, tem mais anos de convivência com eles né? (ENTREVISTADA 08).

Já no fragmento (123), a entrevistada acredita que a confiança é gerada por meio do respeito que as cuidadoras devem ter com os idosos. E, expõe ainda que, quando há confiança, os idosos se sentem seguros.

(123) Olha a confiança para mim é o respeito, e... o carinho, eu acho que eles passa a confiança deles, sente seguro, sente segurança devido ao carinho e a paciência (ENTREVISTADA 05).

Contudo, após examinar a perspectiva da familiaridade, convém deslocar a análise para a perspectiva do trabalho sujo, que também foi identificado nas entrevistas realizadas na instituição.

Mas, primeiramente, cumpre esclarecer que a expressão do *trabalho sujo* foi criada por Hughes (1956), para definir um trabalho que ninguém quer fazer, um trabalho com grau de importância menor para a sociedade, trabalho que a maioria das pessoas cria resistência em realizar ou mesmo, que não conseguem desenvolver por aversão à atividade. Geralmente, essas atividades estão concentradas em trabalhos repugnados pelas pessoas, como limpar excrementos (urina, fezes, feridas no corpo).

Nos fragmentos (124) e (125), podemos verificar a representação do trabalho sujo:

(124) No primeiro dia, eu achei que eu não ia ficar por causa do tipo do trabalho que é, assim mexer com fezes né, eu vim. Quando eu falei que vinha, eu achei bom, mas quando eu comecei a exercer a função, eu não ia ficar [...] No começo eu tinha nojo, eu ia comer, a comida não descia, porque quando eu entrei, eu trabalhava de dia na parte da limpeza, então eu lavava banheiro, tirava as fezes, quando machucava, tinha sangue no chão, aí eu ficava com nojo, muito nojo. Aí eu me acostumei, hoje pra mim... eu lavo, do banho, troco e limpo eles, eu lavo a mão venho aqui na cozinha, faço o lanche, pra mim é tudo normal, não tem nada de diferente. (ENTREVISTADA 05).

(125) As pessoas pensam igual eu pensava, se fosse pra eu fazer, eu acho que não dava conta, eu acho que elas pensam assim. Pensa “como você consegue lhe dar né” desse modo. (ENTREVISTADA 08).

Analisando o fragmento (124), percebe-se que a entrevistada ficou feliz em saber que havia conseguido o emprego, mas logo no primeiro dia de trabalho achou que não iria continuar no trabalho por causa das tarefas exigidas (como mexer com fezes), porque o trabalho sujo lhe causava enojamento, o que impossibilitava a entrevistada de comer. Entretanto, podemos ver que a entrevistada resistiu ao nojo causado pelo trabalho de *care* e, atualmente, desenvolve as atividades naturalmente.

Também no fragmento (125), podemos notar a representação do trabalho *care* como um trabalho sujo, uma vez que, antes da entrevistada se tornar cuidadora, ela tinha a percepção de que não conseguiria desenvolver o trabalho de cuidado. Entretanto, hodiernamente, a entrevistada mudou de pensamento quanto a si própria, mas imagina que a sociedade tem a mesma representação que ela tinha quando era um sujeito exterior à instituição.

Já, no que diz respeito aos motivos pelos quais as cuidadoras da instituição optaram por essa profissão, identificamos que o principal motivo foi à falta de oportunidade de trabalho no município, conforme fica evidente nos fragmentos (126), (127) e (128):

(126) Porque não tem nada, apareceu e eu vim. (ENTREVISTADA 03).

(127) Eu tava precisando de trabalhar né? Como eu queria muito um emprego de carteira assinada, então na época faleceu uma mulher que trabalhava aqui e minha tia trabalha aqui e minha tia “lá vai precisar de uma, vai lá e leva seu currículo” aí eu vim, deixei meu currículo, mas achei que eles não ia me chamar. (ENTREVISTADA 04).

(128) Sem opção (risos) não estudou, né? Daí tem que pegar o que vier. (ENTREVISTADA 05).

Porém, verificamos que as cuidadoras ao começar exercer a profissão, passaram a gostar das atividades que são realizadas na instituição pesquisada. E, observamos, ainda, sentimentos ligados à satisfação profissional, pois as trabalhadoras apreciam seu trabalho e o exercem devido ao contentamento em cuidar do próximo, e não apenas pelo dinheiro.

Mas, a falta de oportunidade laboral está acompanhada da divisão sexual do trabalho, como consta no fragmento (129), em que a entrevistada destaca que escolheu a profissão de cuidadora, porque ela sempre trabalhou de doméstica.

(129) Então, eu escolhi porque sempre trabalhei de doméstica, eu estava desempregada, tinha saído do serviço, estava cansada, trabalhei onze anos no mesmo local e cansei. Daí eu estava sem serviço e em uma brincadeira que eu brinquei [...] se tinha serviço aqui, aí eles me disse, você não quer ir cobrir férias? E aí, eu vim cobrir férias e acabei que fiquei. (ENTREVISTADA 01).

Observe que Soares (2012, p. 51) ao analisar a divisão sexual do trabalho, exemplifica que “aos homens, delegam-se as tarefas que lhes exigem que sejam agressivos, duros, rudes, frios etc. O homem não pode chorar e ser sensível. Às mulheres confiam-se as tarefas que exigem a delicadeza, a empatia, a gentileza e a sensibilidade etc.”.

Diante dessa análise, ainda urge ressaltar que existem apenas mulheres envolvidas no trabalho de cuidar na instituição pesquisada. E, essa realidade se enquadra no padrão do mercado, como ressalta Molinier (2012, p. 37) ao observar que existe “uma maioria de mulheres em todas as profissões do *care*. [...] Isso acontece porque o mercado impõe um padrão de atividades para homens e para mulheres e dentro das atividades para mulheres está o cuidado, o instinto maternal que a sociedade produziu a imagens e pensamentos que a mulher cuida melhor que o homem”. Diante dessa passagem teórica de Molinier (2012), podemos verificar a destinação da mulher para o mercado do trabalho doméstico, e essa destinação foi constatada na instituição pesquisada, pois todas as mulheres, que trabalham na ILPI pesquisada, eram domésticas, antes de se tornarem cuidadoras, conforme se depreende dos fragmentos (130) e (131).

(130) Eu trabalhava de doméstica quando eu vim para cá. Eu larguei da minha profissão e vim para cá. (ENTREVISTADA 03).

(131) É eu já trabalhei de empregada, já trabalhei de babá. Aí depois eu voltei a olhar de novo idoso como cuidadora, daí depois eu vim para cá. (ENTREVISTADA 04).

Assim, considerando que todas as cuidadoras, que trabalham na instituição pesquisada, trabalhavam como domésticas, antes de se tornarem cuidadoras, podemos constatar que elas não tiveram outras experiências exercendo a função de cuidadora.

Ainda, foi constatado, nos relatos apresentados nos fragmentos (132) a (138), que a instituição, além de não exigir experiência na área do cuidado, também não fez nenhuma exigência do curso de cuidador no ato da contratação, sendo a entrevistada 06 a única exceção, em cujo depoimento, apresentado no fragmento (137), informa que lhe foi exigido o curso de cuidador para ser contratada.

(132) Exigência não teve, mas eu fiz o curso de cuidadora. (ENTREVISTADA 01).

(133) É, eu fiz o curso lá em Uberaba, ficamos três dias lá em Uberaba, para fazer o curso de cuidador de idoso. Não era obrigada a fazer o curso. Assim é uma coisa para você ficar é... como que eu vou te explicar? Mais adaptada para trabalhar na sua profissão, ter seu diploma, aprender mais coisas sobre eles, entendeu? Ficar mais valorizada um pouquinho né? Ter seu diploma né? Não foi obrigada não. (ENTREVISTADA 02).

(134) Não teve nenhuma exigência para contratar. Eu não fiz o curso de cuidadora até hoje. (ENTREVISTADA 03).

(135) Não, eu fiquei uns três dias minha tia me orientando, me falando do jeito que fazia, do jeito que pegava eles, e eu fiquei uns três dias. (ENTREVISTADA 04).

(136) Não teve, eu estava na limpeza durante o dia, aí eu passei pra noite, cuidando deles à noite, eu acho que já tinha três anos que eu tava aqui, aí eles falaram “vamos fazer o curso” e eu disse “vamos”, aí eu fiz o curso. Entrei sem experiência nenhuma. (ENTREVISTADA 05).

(137) Eu já fiz o curso de cuidadora, a gente foi fazer em Uberaba, foi uma exigência, a gente tinha que fazer, tem que ter o curso de cuidadora. (ENTREVISTADA 06).

(138) Não teve exigência. Não, até hoje nós não fez porque eles leva né? Só esse ano que não levou ainda. (ENTREVISTADA 07)

Além do mais, no fragmento (135), constatou-se que, por não ter o curso de cuidador e não possuir conhecimento sobre as tarefas a serem desempenhadas, a entrevistada utilizou-se dos conhecimentos práticos de sua tia, que também é cuidadora na instituição pesquisada. Portanto, a gestão utiliza a experiência das cuidadoras, que já estão trabalhando na instituição, para dar suporte às cuidadoras, que estão adentrando à instituição sem experiência.

Também há de ser ressaltado que, em relação à representação da atividade de cuidador, ficou evidente que as cuidadoras consideram o trabalho que desenvolvem importante para a sociedade e, principalmente, para o idoso institucionalizado.

Desse modo, no fragmento (139), a entrevistada destaca a importância do cuidador para a instituição, considerando que o lugar (ILPI) só existe por causa das qualificações que o cuidador exerce dentro da mesma. Além disso, podemos verificar que a entrevistada informa sobre o crescimento da procura da população idosa pela instituição de longa permanência.

(139) Se não fosse o cuidador, não teria ninguém para cuidar do lar, então assim, eu acho profissão importante, porque cada dia aumenta mais a demanda do cuidador né. (ENTREVISTADA 01).

Apesar disso, no fragmento (140), foi identificado o sentimento de desvalorização do trabalho de cuidador por parte da família do idoso, já que a entrevistada, comparando os cuidados que o idoso recebia com a família dele e os promovidos por ela, constata que ela cuida melhor dos idosos do que a própria família deles. E, conclui que, mesmo diante do bom trabalho prestado para o idoso, ela se sente desvalorizada.

(140) Eu acho que eles não valorizam muito não, acho que não. Eu acho assim porque você pode ver que a maioria das pessoas não tem paciência com idoso, então a própria família às vezes agride né? Eu penso assim, eu penso... eu penso que eu cuido muito bem deles, às vezes pra eles não, mas eu penso né? E eu acho que eu não sou valorizada. (ENTREVISTADA 05).

Também acerca da desvalorização, mas praticada pela sociedade, a entrevistada, no fragmento (141), afirma que sente que a sua profissão é vista com o olhar de preconceito, mas que a sociedade é obrigada a valorizar por ser uma atividade muito importante. Note-se que a expressão “obrigada” foi utilizada pela entrevistada no sentido de “forçar” a sociedade a valorizar a sua profissão.

(141) Acho que a sociedade vê o cuidador com os olhos de preconceito, mas que eles são obrigado a valoriza. (ENTREVISTADA 04).

Ainda, no que tange às dificuldades e facilidades do trabalho *care*, nos trechos (142) e (143), percebemos que as entrevistadas expressam que não encontram facilidades, nem dificuldades; apenas o consideram como um trabalho, como outro qualquer e, também, afirmam que qualquer atividade que deva ser feita na instituição, será realizada da melhor forma possível.

(142) Não vejo nenhuma facilidade e nem dificuldade quanto aqui como em outro lugar é a mesma coisa. (ENTREVISTADA 03).

(143) Ah, aqui é um serviço como outro lugar. A gente se esforça pra fazer bem feito né? Não sei. Também não vejo dificuldade nenhuma. (ENTREVISTADA 07).

Já no fragmento (144), a entrevistada vê como um benefício do trabalho de cuidadora o fato dele ser praticado em uma jornada de 12 por 36 horas, em que se trabalha durante 12 horas e folga nas 36 horas seguintes. Ainda, explicando essa facilidade da sua profissão, a entrevistada faz uma comparação do seu trabalho com os demais do município da pesquisa, considerando que ganha um salário mínimo, mas não trabalha todos os dias como nos outros trabalhos, o que permite acompanhar o desenvolvimento educacional de seus filhos.

(144) [...] igual realmente a gente fica o dia todo fora de casa, mas no outro você fica o dia inteiro em casa, então assim, aqui na cidade tá difícil serviço, tá precisando de trabalhar o dia inteiro pra você ganhar um salario mínimo. Para mim que tenho criança trabalhar todo dia, todo dia seria mais difícil, bem mais puxado. Porque chega em casa tem que ajudar na tarefa da escola, então é bem mais difícil. Tem criança na escola eu chego em casa da tempo de ensinar, e no outro dia fico o dia inteiro em casa, então assim, essa facilidade é muito boa. Não tenho dificuldade. (ENTREVISTADA 08).

Do ponto apresentado no fragmento (145), a entrevistada encontra facilidade quanto ao uso do celular na instituição, pois como ela fica o dia todo na instituição é importante poder ligar para sua casa quando necessário.

(145) Celular, a gente pode usar celular aqui a hora que a gente que e se for em outra firme não tinha isso. E... é isso a facilidade que eu acho, que eu paro pra pensar que se eu ligar lá em casa, eles não vão importar. Eu não vejo nenhuma dificuldade, consigo fazer tudo que precisa. (ENTREVISTADA 05).

Entretanto, no fragmento (146), a entrevistada considera que a maior dificuldade enfrentada por ela é a falta de estudo, ressaltando que tudo é escrito hoje em dia e ela sente dificuldade, porque não sabe ler e escrever.

(146) Eu tenho facilidade em tudo aqui. Agora a dificuldade é não ter um estudo bom. Quando a gente trabalhava na roça, o pai não tem condição, você ia, na época da sua vó, da sua mãe, era aquela dificuldade pra estudar, os pais não tinham condição, hoje a gente fala até pros netos “você tem tudo na mão”. Meu pai, sabe como ele fazia com nós pra gente estudar? Primeiro vinha os papéis embrulhados no pão grosso, ele grampeava aquilo pra nós estudar, e nós pensava aquilo nossa tanta gente vai pra escola de caderno, é aquela dificuldade, então eu acho que a dificuldade aqui dentro é o estudo. O estudo melhoraria porque hoje tudo que você faz é escrito, você tem que escrever hoje sem estudo você não é nada. (ENTREVISTADA 07).

Ainda, a entrevistada ressalta que a falta de estudo influencia diretamente e de forma negativa o desenvolvimento do seu trabalho, pois as cuidadoras precisam fazer relatórios do quadro clínico de cada idoso para passar para as outras cuidadoras. E, além disso, precisam dar a medicação para os idosos e certamente é preciso ler o nome do remédio e até mesmo a bula.

7.1.6 - A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA PERSPECTIVA DAS CUIDADORAS

De acordo com as entrevistas realizadas, as cuidadoras parecem criar representações infantilizadas dos idosos. Tal perspectiva pode ser observada nos fragmentos (147) a (150).

No fragmento (147) a entrevistada desconsidera a progressão das fases da vida, pois, para ela, o idoso volta a ser uma criança e, ainda, a falta de lucidez do idoso faz com que ele seja comparado a uma criança. Ademais, para a criança entender determinadas ações e situações é necessária a repetição e à medida que o idoso perde a memorização, a repetição também se faz presente. Nesse sentido, a entrevista percebe a ligação comportamental da criança com o idoso.

(147) E eles querendo ou não voltam a ser crianças. O jeito deles agir entendeu? Porque todos aqui que se tiver dois ou três que não é lucido os outros são lúcidos, então o jeito deles agir é como se fossem uma criança de verdade. (ENTREVISTADA 02).

Mas, à medida que a criança adquire certa idade, ela irá aprender tudo o que foi ensinado e repetido diversas vezes pelos seus responsáveis e, caso ela venha a provocar alguma situação que fuja ao controle dos seus responsáveis, ela será punida. Porém, com o idoso esse processo não acontece, pois se ele perder a capacidade de memorização em virtude de alguma doença, ele não irá aprender tudo novamente e ainda que ele provoque alguma situação que fuja ao controle das cuidadoras, elas não poderão puni-lo.

Nessa linha de pensamento, a entrevistada, no fragmento (148), expõe, além da comparação comportamental do idoso com a criança, que assim como as crianças necessitam de carinho e cuidado para se desenvolverem e sentirem-se bem nos lugares, os idosos também têm necessidade de afeto para se sentirem bem com eles mesmos e com os lugares que frequentam.

(148) Eles acaba virando outra criança né? Ou mais que uma criança, pior do que criança você ainda pode colocar de castigo, então é isso ter carinho também com eles, porque é um cuidado que eles sentem falta e ainda ficar em um lugar que as pessoas não tem carinho fica difícil né? (ENTREVISTA 04).

Podemos verificar no fragmento (149) que os mesmos procedimentos do cuidar de uma criança são aplicados ao idoso, como denota a entrevistada ao considerar que o cuidado dedicado a uma criança é o mesmo prestado ao idoso, reforçando mais uma vez a infantilização da velhice.

(149) Uai mesma coisa da gente, não é porque tá velho, que você vai trata mal, a gente trata eles a mesma coisa de uma criança o nosso cuidado é esse. (ENTREVISTADA 07).

Ainda, no fragmento (150), a entrevistada compara o comportamento e as emoções de sua filha aos dos idosos institucionalizados, afirmando que os idosos, assim como sua filha, têm “uma explosão de nervoso, mas na mesma hora que carinho”. Desse modo, verificamos que a cuidadora observa as atitudes de sua filha e logo as remete às atitudes dos idosos.

(150) Eu falo que idoso é igual criança, igual eu tenho criança em casa, eu falo que é a mesma coisa, eu vejo assim: eu comparo eles com minha filha de seis anos, eu comparo é a mesma, eles tem uma explosão de nervoso, mas na mesma hora que carinho né? É tipo uma criança, eu vejo muito, eu fico muito assim observando olha minha menina tá fazendo igualzinho, fez do mesmo jeito. (ENTREVISTADA 08).

Portanto, percebe-se, nos fragmentos supracitados, que, devido ao comportamento, as entrevistadas caracterizam os idosos como crianças. Mas, constatamos que existe certa contradição, uma vez que, anteriormente (no eixo sobre o cuidado), as entrevistadas ressaltaram a importância das experiências de vidas dos idosos e ao infantilizá-los, elas os descaracterizam, pois desconsideram toda a bagagem de vivências e experiências que os idosos já adquiriram.

Diante disso, é preciso valorizar toda sabedoria do idoso e, além disso, é indispensável diferenciar as limitações físicas e psicológicas dos idosos com atitudes infantilizadas das crianças, pois considerar o idoso como uma criança é o fazer regredir no ciclo da vida.

Ademais, a representação das cuidadoras sobre a velhice parece ser produzida a partir da rotina vivenciada pelos idosos na instituição, espelhando-se no contexto de vida dos idosos institucionalizados.

E, ainda, no fragmento (151), a entrevistada demonstra certa revolta em relação à velhice e a ILPI, porque ressalta ser um absurdo a pessoa dar “atenção, amor, dedicação” para a família e, ao envelhecer, a mesma ser abandonada em uma instituição de longa permanência para idoso, obrigando-a, automaticamente, a conviver com pessoas que não faziam parte das suas relações sociais.

(151) A velhice é um caso sério, porque quando você tá nova, você dá toda atenção, amor, dedicação para sua família, quando você chega na velhice, o que você fez e lutou por eles, eles não faz nem um segundo por você, aí te abandona no abrigo e aí outras pessoas que você nunca nem viu, você é obrigada a conviver com aquelas pessoas. Eu acho muito doloroso, assim eu vejo isso, muito constrangedor eu acho. (ENTREVISTADA 02).

Diante disso, a velhice é vista, pela entrevistada, como uma etapa complicada e melindrosa, pois ela considera a velhice como uma fase de retribuição, ou seja, o momento em que todas as atitudes benéficas realizadas pela pessoa, ao longo da vida, para as pessoas mais próximas, deverão ser por elas retribuídas. E, caso não haja a retribuição, a fase da velhice se torna dolorosa e constrangedora.

E, ainda, a velhice pode ser retratada como uma passagem triste da vida, como ocorre no fragmento (152), pois a entrevistada considera que na velhice a pessoa perde o seu valor perante a sociedade, uma vez que, apesar de todas as qualificações que o idoso possui em decorrência de suas experiências de vida, o mesmo não é mais prestigiado pela sociedade. E, por esse motivo a representação da velhice, para a entrevistada, está ligada as condições de tristeza e desvalorização.

(152) É muito triste, a gente não imagina que vai ficar velho né? Eu acho que ficar velho é muito triste. Porque a pessoa perde o valor, as pessoas não valorizam mais o idoso né? O idoso tem tanta experiência na vida, podia ajudar, mais os novos hoje não valoriza mais o idoso, não valoriza, você chega numa certa idade ali você não tem importância mais para a sociedade, é muito desvalorizado. (ENTREVISTADA 06).

Já no fragmento (153), a entrevistada apresenta uma representação da velhice relacionada à fragilidade, pois, de forma similar à retratada no fragmento (151), discorre sobre o abandono da família.

(153) Ah... vou te falar um negocio, não quero chegar na idade que eles tem hoje. Não quero chegar até certas idades. Porque é igual eu tô te falando a gente cria. Uma mãe cria dez filhos, um pai cria dez filhos e um filho não tem coragem de cuidar de

um pai e de uma mãe, entendeu? Então assim, quando Deus ver que dou conta de me cuidar sozinha, bem, mas quando ele ver que não do conta de me cuidar sozinha ele pode me abater. (ENTREVISTADA 04).

No trecho acima, a entrevistada, relacionando a velhice ao aspecto da fragilidade, reforça não querer chegar à idade dos idosos institucionalizados e a dependência física parece ser o principal motivo para a entrevistada não querer se tornar idosa, pois ela afirma que “quando Deus ver que dou conta de me cuidar sozinha, bem, mas quando ele ver que não do conta de me cuidar sozinha ele pode me abater”.

Mas, essa frase demonstra uma contradição, visto que a entrevistada exerce a função de cuidar de idosos, mas ao se tornar idosa e não puder desenvolver suas atividades sozinhas, não quer ser cuidada por ninguém, nem por uma cuidadora.

Outro aspecto identificado na referida frase refere-se à expressão “ele pode me abater”, pois a palavra abater remete a uma morte violenta. Diante disso, compreende-se que à medida que a entrevistada conseguir realizar suas atividades, ela aceitará a velhice, mas a partir do momento que seu corpo for se desgastando, impossibilitando-a de realizar as suas atividades de forma independente, ela alega não querer mais viver.

Embora, a velhice seja representada como fragilidade, abandono e ausência, também é há a representação da velhice como processo natural da vida, conforme podemos verificar no fragmento (154), em que a entrevistada considera a velhice como uma etapa natural da vida.

(154) Sobre a minha velhice, eu acho que eu vou ser uma futura moradora do abrigo, aí eu não fico muito pensando na velhice não, eu acho que é assim uma coisa assim que vai acontecer, que para mim não envelhecer, eu vou ter que morrer antes. Eu acho que a velhice é uma coisa natural, que vai chegar para todo mundo, então assim eu acho que quando chegar vamos curtir. (ENTREVISTADA 01).

E, no caso acima relatado, o que mais chama a atenção é a hipótese levantada pela entrevistada de ela se tornar uma futura moradora da instituição pesquisada.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou compreender as representações sociais do lugar – instituição de longa permanência – nas perspectivas dos idosos e dos cuidadores, assim como analisou as representações da velhice e do cuidar dos atores sociais supracitados.

Para tanto, realizou-se, inicialmente, um levantamento bibliográfico sobre as representações sociais. E, em seguida, levantou-se um aporte teórico sobre a categoria geográfica do lugar na concepção da fenomenologia, bem como sobre a atividade de *care* e as dimensões que são materializadas no desenvolver dessa atividade.

A bibliografia das representações sociais aplicada na geografia ainda é escassa, tendo poucos geógrafos que abordam a temática, sendo que dentre os pesquisadores da geografia encontramos: ARAUJO e JUNIOR (2012), GIL FILHO (2003), MEDONÇA e KOZEL (2007) e FURINI (s.d), que destinam seus trabalhos a entender as representações espaciais.

Além do conceito da representação social, a maioria das referências, que discutem a atividade de *care*, está centrada na sociologia, tais como: CAMARANO (2013), GUIMARÃES et al. (2007), HIRATA e KERGOAT (2007), KERGOAT (2009, 2010, 2016), HOCHSCHILD (2003), MOLINIER (2012, 2013), SOARES (2013), STANDING (2001) e ZELIZER (2012).

Nesse sentido, também se encontram as discussões sobre a representação social voltadas para os elementos da psicologia social, cujo intuito é entender como as pessoas e/ou grupos sociais pensam, interagem e influenciam uns aos outros.

Posteriormente, aplicando a representação social, fundamentada pela psicologia social e pela geografia, passamos a entender como as pessoas e/ou grupos sociais pensam, interagem e influenciam o espaço.

Diante disso, procuramos analisar as interpretações, conceituações, pensamentos e interações de idosos e cuidadoras com o lugar. Na perspectiva das cuidadoras, verificou-se que elas parecem classificar a ILPI como um lar, ou seja, como uma segunda casa, sendo que o pertencimento das mesmas ao lugar (instituição) deriva do contato direto com o espaço, pois as cuidadoras passam doze horas seguidas na ILPI, bem como do vínculo afetivo estabelecido com os idosos.

Assim, em conformidade com a representação da ILPI enquanto um lar, as cuidadoras apresentam sentimentos de amor, carinho e cuidado, que são designados para reafirmar a sua identidade com a instituição.

Ademais, a instituição pesquisada aparece, também, como um lugar de apoio, mas, simultaneamente, como um lugar de abandono. Nesse sentido, as palavras abandono e apoio aparecem como ação de complemento, porque a qualificação da ILPI como acolhedora está relacionada ao contexto do abandono familiar dos idosos. Portanto, as situações dos idosos abandonados pelas suas famílias remetem à representação da instituição como um lugar de abandono.

Entretanto, em razão da qualificação de lugar acolhedor, a instituição adquire valor, pois, nesse enquadramento, exerce uma função importante para os idosos desamparados pela família e para aqueles cuja família não consegue mais desenvolver o cuidado. Assim, a ILPI apresenta a singularidade de ser o único lugar capaz de suprir as necessidades dos idosos, que necessitam de cuidados.

Além disso, quanto à experiência íntima das cuidadoras com o lugar, as qualificações foram despertadas pelo histórico de vida dos idosos, de modo que as experiências vivenciadas por eles causam a sensação de paz e tranquilidade no lugar.

Outrossim, as experiências dos idosos também remetem à velhice e, nesse sentido, as cuidadoras supervalorizam as vivências deles, embora as representações produzidas por elas sobre a velhice estejam ligadas ao sentimento de repulsa e constrangimento. Isso ocorre porque as cuidadoras se espelham nas histórias de vida dos idosos e na conjuntura em que eles se encontram na ILPI e, assim, o medo de viver tudo o que os internos viveram e vivem na velhice faz com que as cuidadoras tenham medo dessa etapa evolutiva.

Portanto, as representações das cuidadoras sobre o lugar e a velhice são resultantes da atividade de cuidado. Diante disso, as cuidadoras relacionam a representação do cuidar com os substantivos: amor, carinho e proteção; substantivos esses, que são a base do cuidar do idoso para elas.

Aliás, a representação do trabalho de *care*, para as cuidadoras, materializa-se por meio de satisfação profissional e pessoal, pois esse trabalho aparece como uma atividade que promove a satisfação profissional e juntamente a ela, a elevação pessoal. Ou seja, ao cuidar

dos idosos internos, as cuidadoras parecem se sentir um ser humano melhor, de modo que o trabalho de *care* gera não apenas a satisfação profissional, mas também a pessoal.

Portanto, o trabalho de *care*, geralmente, apresenta dimensões que dão suporte ao seu desenvolvimento, tendo sido identificadas, na pesquisa, as seguintes dimensões: sexual, física, cognitiva, relacional e emocional. Mas, percebe-se que existe um ponto em comum entre essas dimensões, pois as cuidadoras da ILPI têm um único objetivo, que consiste em atender, ou seja, sanar as necessidades dos idosos institucionalizados. Diante disso, essas dimensões se apresentam e se desenvolvem de acordo com a necessidade de cada idoso institucionalizado.

Mas, apesar das cuidadoras apresentarem grande satisfação profissional, foi identificada a presença da concepção de trabalho sujo quanto à atividade de cuidar dos idosos. Isso porque as cuidadoras, enquanto agentes externos à instituição ou, até mesmo, nos primeiros dias de trabalho, tinham pensamentos de negação quanto ao trabalho, pois imaginavam que não conseguiriam desenvolvê-lo devido às funções exigidas, como: limpar fezes, urina, vomitado, entre outras, que exigem contato direto com os excrementos. Essas funções parecem despertar sentimentos de repulsa e enojamento em relação à atividade.

Além disso, é imprescindível ressaltar a feminização do trabalho de cuidado, uma vez que verificamos que todos os agentes, que trabalham diretamente com os idosos, são mulheres, sendo que o único homem, que trabalha na instituição pesquisada, é o gestor. Logo, percebemos a divisão sexual do trabalho materializada na instituição, de forma que as mulheres estão destinadas ao cuidado e os homens, à administração da instituição.

Assim, ao examinar os discursos das cuidadoras, foi possível verificar que o trabalho de cuidado foi, grosso modo, preestabelecido às cuidadoras, já que todas elas trabalhavam anteriormente como domésticas. Essa conjuntura parece demonstrar um padrão adotado pelas cuidadoras, que escolheram desempenhar a atividade de cuidado porque eram domésticas, ou, até mesmo, um padrão criado pela instituição pesquisada, que prefere contratar mulheres que tenham sido domésticas anteriormente.

No que tange à representação do lugar, na perspectiva do idoso, percebe-se a existência de certa dualidade. Assim, na perspectiva de alguns idosos, a ILPI é vista como um lar, pois as experiências íntimas e as relações sociais, estabelecidas no espaço, despertam neles os sentimentos de pertencimento e familiaridade em relação à instituição. Por outro lado, identificamos a representação da ILPI como um lugar de reclusão, pois alguns idosos

enxergam a instituição como um lugar que limita as interações sociais, de modo que eles se sentem afastados do convívio social. E, em decorrência dessa representação, os idosos parecem criar sentimentos topofóbicos com o lugar (ILPI).

Mas, também foram identificados sentimentos topofílicos dos idosos pelo lugar, sendo que esses sentimentos são despertados pela qualificação do lugar (ILPI), isto é, o sanar as necessidades dos idosos, dando-lhes atenção desde a seara física até emocional. Assim, os idosos que não recebiam tal atenção antes de ingressar na instituição, identificam-se com o espaço, sentem-se pertencidos e familiarizados com ele.

Portanto, na perspectiva dos sentimentos topofílicos, percebemos que os idosos atribuem valor e simbolismo ao lugar. Assim, nas entrevistas, percebemos que os idosos, que se sentem familiarizados pelo lugar, parecem querer manter uma relação de reciprocidade com ele, isto é, uma troca entre o interno e o lugar, de maneira que o idoso recebe, na ILPI, o conforto necessário para o seu descanso e retribui com sentimentos de topofílicos.

Conquanto, em relação aos sentimentos topofóbicos, que alguns idosos têm pela ILPI, identificamos a sensação de estarem presos ao lugar (instituição). Os idosos deixaram evidente, durante as entrevistas, que alguns aspectos potencializam a repulsa pelo lugar, como: a perda da independência financeira, a falta de liberdade para comer e sair quando quiserem e a ausência de atividades diárias, pois faltam atividades, dentro da ILPI, para os idosos que ainda estão capacitados para tanto.

Diante dessas restrições, alguns idosos parecem sentir falta de liberdade e autonomia, já que, na ILPI, tudo é programado pelas cuidadoras e os idosos passam a andar de acordo com o que é por elas definido. Esse aspecto de seguir e “obedecer” as regras é uma das barreiras que explica a repulsa dos idosos pelo lugar (instituição).

Contudo, verificamos um aspecto de similaridade entre os sentimentos de topofília e topofóbia dos idosos, qual seja a necessidade de ter um lugar para descanso e para sanar as necessidades. Assim, apesar de haver sentimentos de repulsa pelo lugar, alguns idosos demonstram que a ILPI é o único lugar onde eles encontram o apoio necessário para solucionar os problemas deles, sejam problemas de saúde ou até mesmo familiares.

Desse modo, toda a afeição e repulsa dos idosos pelo lugar estão, de certa forma, ligadas ao cuidado que é recebido das cuidadoras. Nesse sentido, a representação do cuidado,

para os idosos, divide-se em dois macrocampos: o primeiro apresenta o cuidado recebido como uma divindade e o outro está relacionado ao trabalho assalariado.

O cuidado recebido como algo divino, pelos idosos, atribui sentimentos afetivos pelas cuidadoras, em decorrência da atenção constante e intensa cedida pelas mesmas para os internos. Assim, as cuidadoras passam a ser vistas como pessoas bondosas e generosas e a figura da cuidadora ganha um papel importante na vida dos idosos, porque é por meio dela que eles recebem tudo o que precisam. Nesse ponto, alguns idosos apontaram que não têm, na própria família, essa atenção recebida na ILPI.

E, essa atenção recebida das cuidadoras faz com que os idosos se sintam especiais e criem sentimentos, também especiais, por elas. Nesse sentido, os idosos passam a projetar sentimentos familiares nas cuidadoras, criando representações de parentescos com elas.

Porém, esse sentimento de familiaridade não pode ser generalizado, já que alguns idosos demonstram uma relação meramente profissional com as cuidadoras, ou seja, elas executam o cuidado e dão atenção, porque recebem seus salários. Assim, alguns internos não têm nenhum sentimento afetivo pelas cuidadoras e a relação existente entre eles é a de patrão (idoso) e empregado (cuidadoras).

Ainda, no que tange às representações da velhice, na perspectiva dos idosos, identificamos que os internos parecem ligá-la aos substantivos: limitação e ausência. A limitação aparece centrada na inexecução de funções, que eram realizadas a contento antes de se tornarem idosos. Assim, com a velhice, os internos já não podem levar as suas vidas com tanta fluidez como antes.

Enquanto, a velhice, como ausência, está relacionada à perda dos contatos (sociais, de lugares, trabalhos, etc.), que eram estabelecidos pelos idosos antes de se institucionalizarem, de modo que os idosos parecem considerar que a velhice está associada a ausências. Diante disso, a limitação e a ausência estão conectadas à falta de atividades e da família dos idosos, pois a maioria deles não recebe visita familiar constantemente.

Portanto, podemos concluir que o cuidado é o aspecto determinante do lugar, ou seja, é ele que determina o sentido do lugar para os idosos, uma vez que é na busca do cuidado, para sanar suas necessidades, que os idosos se encontram e passam a estabelecer relações sociais com pessoas até então desconhecidas.

Assim, a instituição é um lugar de relações sociais, emocionais e afetivas, que mantêm a conexão direta e particular entre cuidadoras e idosos. Desse modo, trocas simbólicas e experiências íntimas são evidentes na ILPI, já que os idosos passam a compartilhar todos os dias, horas e minutos das suas vidas.

Ainda, há de ser ressaltado que o histórico familiar do idoso influencia o seu comportamento na instituição, ou seja, se o idoso sempre estabeleceu uma relação familiar e, repentinamente, migra para ILPI e perde o contato com a família, tal situação o impede de se familiarizar com o lugar, pois este espaço o impossibilita de sair para visitar a sua família. Nesse sentido, o idoso se sente abandono na ILPI e, diretamente, cria a representação da instituição como um lugar de abandono.

Dessarte, os idosos, que não tinham uma relação familiar intensa (antes de se institucionalizarem), têm mais facilidade para se familiarizar com o lugar e, até mesmo, para se adaptar na ILPI.

Nesse sentido, a visita dos membros externos (familiares e amigos) é essencial para os idosos viverem bem na instituição, pois, além de influenciar a relação dos idosos com o lugar, influencia também a relação entre os idosos e as cuidadoras, que se torna mais harmoniosa quando o idoso está feliz consigo, com a família e com o lugar de vivência.

Portanto, o histórico de vida do idoso faz com que ele crie representações sobre o lugar, o cuidado e a velhice, sendo que essas representações são produzidas de acordo com os sentimentos, pensamentos e imaginações, que são manifestados conforme o contexto em que o idoso se encontra na ILPI.

9 - REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Claudia ; Souza, Luciana ; FARO, Ana Cristina. . **Trajatória das Instituições de Longa Permanência para idosos no Brasil. Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 2, p. 250-262, 2010.
- ARAUJO, GILVAN ; REIS, DANTAS. **As representações sociais no espaço geográfico**. Revista Geotemas, v. 2, p. 87-98, 2012. Disponível: <http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/viewFile/186/179>. Acesso em: 08 de setembro de 2017.
- ALLES BELLO, Ângela. **Introdução à fenomenologia**. EDUSC. Bauru. São Paulo. Tradução: Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. 2006.
- ARRUDA, Ângela. **Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos**. Soc. Estado. Brasília, v.24, n. 3, 2009.
- BARTOLY, Flavio. **Shopping Center: Entre o Lugar e o Não-Lugar**. 2007. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2007.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENDASSOLLI, Pedro; FALCÃO, Jorge. **Psicologia do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho**. Univ. Psychol. Bogotá, Colômbia. V.12, n.4.p.1153-1166. 2013. Disponível em:< <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/6494/5921>:>. Acesso: 10 de janeiro de 2017.
- BONFIM, Mirele; GONDIM, Sônia. **Trabalho emocional: demandas afetivas no exercício do trabalho**. Salvador. EFBA, 2010. Disponível em:< https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1049/1/Trabalho%20emocional_Reposit%C3%B3rio.pdf> . Acesso em: 22 de novembro de 2016.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. **Aprendendo a entrevistar. Como fazer as entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2. n. 1, janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: < https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255603/mod_resource/content/0/Aprendendo_a_entrevistar.pdf> Acesso em: 20 de janeiro de 2017.
- BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em:<www.ibge.com.br>. Acesso em: 03 de setembro de 2016.
- _____.IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios**, 2000. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 08 de março de 2017.
- _____.IBGE. **Progressão da população do Brasil**, 2016. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 08 de março de 2017.
- _____.**MINISTÉRIO DA SAÚDE**, 2012. Disponível em:< <http://www.blog.saude.gov.br/promocao-da-saude/31201-brasil-integrara-pesquisa-internacional-sobre-idoso.html>> Acesso em: 05 de março de 2017.
- _____.**Política Nacional do Idoso**, 1994. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm> Acesso em: 21 de março de 2017.
- CAMARANO, Ana Amélia. **Cuidados de longa permanência para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?**. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (org.) Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care. São Paulo, Atlas, 2013, p.148-165.
- CARSALADE, Flávio. **Desenho contextual: uma abordagem fenomenológica-existencial ao problema da intervenção e restauro em lugares especiais feitos pelo homem**. 2007. 307f. Tese (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2007.

CHAIMOWICZ, FLAVIO. **A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas.** Rev. Saúde Pública. V. 31, n. 2 São Paulo. Apr. 1997. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101997000200014>:> Acesso em: 20 de março de 2017.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis. Ed. da UFSC, 2007.

COSTA, Maria Clara; MERCADANTE, Elizabeth. **O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso.** Revista Kairós Gerontologia. São Paulo, Brasil.

DINIZ FILHO, Luís Lopes. **Fundamentos Epistemológicos da Geografia** – Curitiba: IBEPX 2012, Coleção metodologia do ensino de história e geografia.

FALEIROS, Vicente. **A POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO EM QUESTÃO: PASSOS E IMPASSES NA EFETIVAÇÃO DA CIDADANIA.** In Política Nacional do Idoso. Velhas e novas questões. Rio de Janeiro, IPEA, 2016, p. 537-569.

FERREIRA, Luís Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-83, jul/dez. 2000.

FURINI, LUCIANO. **Geografia e representações sociais.** Disponível em:< <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Teoriaymetodo/Teoricos/13.pdf>:> Acesso em: 12 de setembro de 2017.

GIL FILHO, Sylvio. **Espaço de Representação: Uma Categoria Chave para a análise cultural em Geografia.** In: I - Encontro Sul-Brasileiro de Geografia, 2003, Curitiba. I - Encontro Sul-Brasileiro de Geografia Mudanças Políticas e a Superação da Crise. Curitiba: AGB, 2003.

GODOY, Arilda. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades.** Revista de administração de empresas. São Paulo, V.35, n. 2, p. 57-63. Mar/abr. 1995.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi. **Cuidado e cuidadoras: O trabalho care no Brasil, França e Japão.** Sociologia Antropologia. Tradução: Philippe Dietman. 2007. Disponível em: http://economiadalongevidade.com.br/site/wp-content/files_mf/1379632656artigo_nadyaguimaraeshelenahiratakurumisugita.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

HOCHSCHILD, Arlie. **The Managed Heart: Commercialization Of Human Feeling.** Berkeley. The University of California Press, 2003.

HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea.** Geographia. n. 10, 2003.

_____. Werther. **O lugar na geografia humanista.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999.

JODELET, Denise. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais.** Sociedade e Estado. Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

_____. Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão.** In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

KALACHE, Alexandre. Envelhecimento populacional do Brasil: Uma realidade nova. **Cad. Saúde Pública.** V.3 n.3, Rio de Janeiro July/Sept. 1987. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1987000300001>:> Acesso em: 03 de fevereiro de 2017.

KERGOAT, Danièle. **O cuidado e as imbricações das relações sociais.** In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Org.). Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOZEL, Saete. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.) **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba, Ed. Da UFPR, 2007.

KÜCHEMANN, BERLINDES. **Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios**. Soc. estado. V.27 n.1 Brasília Jan./Apr. 2012. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922012000100010>> Acesso em: 08 de março de 2017.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. 3 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

MELLO, João. **O triunfo do lugar sobre o espaço**. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

MENDES, Márcia. (Org.). **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**. Acta Paul Enferm. 2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf>>. Acesso em: 17 de março de 2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO 2002**. Brasília: MTE, 2002.

MOLINIER, Pascale. **Ética e trabalho do care**. In: Cuidado e cuidadoras. As várias faces do trabalho do *care*, São Paulo, Atlas, 2013, p. 29-43.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Livia. **O sentido do lugar**. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

POLLO, Sandra Helena de Lima,. **Instituições de longa permanência para idosos- ILPIS: desafios e alternativas no município do Rio de Janeiro**. Rev Bras Geriatr Gerontol [Internet] 2008 [acesso em 20 mar 2014];11(1):29-44. Disponível em:http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180998232008000100004&lng=pt. Acesso em: 25 de abril de 2017.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar**. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica: A construção do conhecimento**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2007.

SANTOS, Marcos. **A teoria das representações sociais como referencial didático-metodológico de pesquisa no campo das ciências humanas e sociais aplicadas**. Emancipação. Ponta Grossa, 2013. Disponível em:<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emacipacao>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2016.

SÊGA. Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Porto Alegre, n. 13, julho de 2000.

SOARES, Angelo. **As emoções do care**. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (org.) Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo, Atlas, 2013, pp.44-59.

SOUZA, Marcelo. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STAKE, Robert. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre. Penso. Tradução: Karla Reis. 2011.

STANDING, Guy. **Global labour flexibility**. Seeking distributive justice. London. Macmillan Press, 2001.

TERENCE, Ana Claudia; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** In. XXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2006, Fortaleza. Anais eletrônicos. Fortaleza: ENEGEP, 2006. Disponível em:< http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2017.

TRIVINOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: positivismo, a fenomenologia, o marxismo.** Atlas. São Paulo. 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1974.

ZELIZER, Viviana. A economia do *care*. **Revista de Ciências Sociais.** Porto Alegre. V.10, n.3, p. 377-391, set/dez. 2010. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/html/742/74221657002/>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2017.